

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

**GETÚLIO DIAS NETO**

**A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO: ENERGIA LIMPA “PARA QUEM?”**

Araguaína – TO  
2015.

**GETÚLIO DIAS NETO**

**A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO: ENERGIA LIMPA “PARA QUEM?”**

Monografia apresentada à  
Universidade Federal do Tocantins,  
como requisito parcial de avaliação  
do Trabalho de Conclusão do Curso  
de Licenciatura em Química.

Orientador: Professor Msc. Roberto  
Dalmo Varallo Lima de Oliveira.

Araguaína – TO  
2015

## GETÚLIO DIAS NETO

### A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO: ENERGIA LIMPA “PARA QUEM?”

Monografia apresentada à  
Universidade Federal do Tocantins,  
como requisito parcial de avaliação  
do Trabalho de Conclusão do Curso  
de Licenciatura em Química.

Orientador: Professor Msc. Roberto  
Dalmo Varallo Lima de Oliveira.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Professor MSc. Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (Orientador)

---

Professor Msc. Renata Barbosa Dionysio

---

Professor Msc. Wagner dos Santos Mariano

Araguaína – TO  
2015

Dedico essa tão sonhada obra à toda minha família na pessoa de meus Pais Antonio Brito Sousa e Maria Helena Alves azevedo que não medira esforços para me guiarem e fazer de tudo para que eu chegasse até aqui, há eles tudo de bom que a vida possa lhes trazer.

## AGRADECIMENTOS

Fiz-se necessário percorrer dois caminhos para chegar até aqui, porém um só destino. Agradeço primeiramente a Deus, sem ele nada valeria a pena, por ter me concedido o dom da vida, por me dar saúde, inteligência e me fazer sempre obediente ao atuar na ciência respeitando os princípios divino.

Agradeço aos meus amados pais Antonio e Maria Helena por tudo o que fizeram e fazem por mim, sempre me apoiando, educando a eles toda gratidão que prefiro expressar em gestos e palavras faladas verbalmente.

Aos meus queridos irmãos Max Anderson, Heleilane, Annanda e Dárcio Antonio, por sempre se fazerem presentes em minha vida em todos os momentos. A todos os meus sobrinhos e afilhados na pessoa de João Victor, Pedro Antonio, Lia, Emanuely, Luíz Guilherme, Ana Júlia, Maria Clara, Victor, Gabriela, Vinícius. Meus Padrinhos Emival, Antonia e Estevão, à todos os meus Tios, Tias, Primos, cunhadas e familiares no geral.

Aos meus Avós Joaquim, Joana (In Memoriam) que não tive o prazer de os conhecê-los, meu Avô Getúlio (In Memoriam) que não pode esperar que eu terminasse essa caminhada e minha querida Avó Anigércia que sempre me acompanha em minhas conquistas.

Dedico a parte filosófica e científica a ela que sempre foi meu braço direito, de início filha, hoje namorada, amanhã esposa Amanda Lima Miranda que sempre está ao meu lado me apoiando com dedicação.

Aos meus segundos “Pais” Erlys e Alessandra, que me acolheram em sua residência sempre atenciosos, dedicados, me dando todo apoio e suporte.

Dedico toda parte cultural, científica ao grande Professor Roberto Dalmo que embarcou comigo nessa viagem me dando todo apoio, suporte, orientação, conselhos, contribuindo e dividindo comigo seus conhecimentos, mostrando-se sempre atencioso e dedicado.

A todos os professores e membros do colegiado do Curso de Licenciatura em Química da UFT na pessoa do Professor José Expedito, aos Técnicos de Laboratório, e todos os outros Técnicos, a todos os servidores posso dizer amigos da Biblioteca, ASG's e servidores no geral.

Agradeço aos colaboradores que abriram as portas de suas residências permitindo realizar a entrevista que fundamentou minha pesquisa.

Agradeço aos Professores Wagner Mariano e Renata Dionysio por terem aceitado fazer parte da banca avaliadora dando assim o melhor de si para que esse trabalho viesse a ter uma melhor qualidade científica.

A todos os amigos e companheiros de curso que muitas vezes fizeram o papel de irmãos em todos esses anos, Marcos, Karla, Domingos, Desirrê, Luana, Raphael, Andrécia, Eliene, Paloma, Fabíola e Paulo. Não poderia deixar de agradecer a todos os Professores e amigos do curso de Química Ambiental, entre eles Luana (filha), Guilherme, Heltoney, Ângela, Hellen, Marquinhos, Valter, Mayra, Wall. Professores e colegas do Ensino Fundamental e Médio nas pessoas das Professora Osvaldina, Idalina, Marcelina, Ivaney e Professor Adriano Filho que me fez gostar de Química. Aos nobres colegas do Projeto Ações Construtivas do Conhecimento Químico, Grupo PET – Ciências Naturais. A todos os amigos e amigas na pessoa de Jonas Mendonça e Pedro Gomes, Welles, Carlos Rangel, Alessandro e Raynerwilder, que sempre estiveram e estão ao meu lado desde a minha infância até os dias atuais. Enfim, agradeço a todos que se fazem presentes em minha vida.

*“De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes...”*

Carlos Drummond de Andrade

## **RESUMO**

O ato de resgatar as memórias das violações de Direitos Humanos, para que as elas sejam divulgadas para as futuras gerações, faz-se necessário. Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar as memórias a partir da coleta de depoimentos de pessoas que foram despejadas de suas casas, não sendo respeitados como cidadãs ou até mesmo seres humanos. Dessa maneira o trabalho busca estabelecer um retrato dos despejados e de suas relações econômicas, relações pessoais, suas memórias afetivas, bem como os benefícios e prejuízos emocionais e materiais. A pesquisa foi realizada no município de Babaçulândia -Tocantins, localizado na margem do Rio Tocantins – alagado para a criação de uma barragem necessária à construção da Usina Hidrelétrica de Estreito. A partir dos depoimentos dos moradores conseguiu-se identificar elementos que retratam a violação dos direitos humanos, a fim de elaborar estratégias, para desenvolver trabalhos que irão abranger a sociedade e a formação de um futuro professor de Ciências.

**Palavras-chaves:** Hidrelétrica, Impactados, Emocional, Pessoas, Perdas.

## **ABSTRACT**

The act of rescuing the memories of human rights violations so that they are disclosed for future generations, it is necessary. Like this, the present study aimed to investigate the memories starting from the collection of testimonials from people who were evicted from their homes not being respected as citizens or even human beings. In this way the study was to establish a picture of evicted and their economic relations, personal relationships, their emotional memories, as well as the benefits and emotional and material losses. The research was conducted in the municipality of Babaçulândia - TO, located on the bank of the Tocantins river - flooded to create a dam required the construction of the Estreito Hydroelectric Plant. From the speeches of the residents managed to identify elements that portray the violation of human rights in order to develop strategies to develop works that will cover the society and the formation of a future science teacher.

**Keywords:** hydroelectric, Impacted, Emotional, People.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	15
1.1 Necessidade de Produzir Energia Elétrica. ....	15
1. 2 Retrato de como é gerada a energia elétrica.....	16
1.3 Danos que a geração de energia elétrica causa a sociedade e meio ambiente. ....	18
<b>CAPÍTULO - 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	21
2.1 Educar em Ciências e Direitos Humanos .....	21
2.2 O resgate da memória e a Educação para Nunca Mais.....	23
2.3 O Dano Moral e Ambiental Público é uma Espécie de Dano ao Patrimônio Ambiental.....	25
<b>CAPÍTULO 3. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	29
<b>CAPÍTULO 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	32
4.1 Análise das respostas obtidas com as entrevistas.....	33
4.2 Discussão sobre as entrevistas.....	42
<b>CAPÍTULO - 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	58
<b>ANEXOS: (ENTREVISTA, QUESTIONÁRIO E AUTORIZAÇÃO)</b> .....	63

## INTRODUÇÃO

*Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não, nas escolas nas ruas campus construções, caminhando e cantando e seguindo a canção...*

*(Pra não dizer que não falei das flores. GERALDO VANDRÉ)*

Babaçulândia surgiu em um pequeno núcleo situado à margem esquerda do Rio Tocantins, iniciando sua história a partir de Umbelina Pereira Rocha, a primeira moradora da região. Segundo a descrição de Leandro (2008), nessa época, o que viria a ser Babaçulândia, era apenas um sítio rodeado de matas – isso ocorreu por volta de 1906. Posteriormente Henrique Figueiredo de Brito iniciou uma pequena população chamada de “Coco” e, a partir de 1926, surge a primeira casa comercial de telhas, onde o proprietário ficou marcado como fundador da cidade Babaçulândia. Outro personagem importante para a história da cidade foi João Ribeiro, comerciante de fumo e medicamentos em sua pequena Farmácia. Nessa mesma época iniciou-se a atividade econômica vinda do uso do babaçu e da malva. (LEANDRO 2008).



Figura1: Foto de Babaçulândia (atual)<sup>1</sup>

O povoamento do local se deu a partir de pessoas vindas de locais como Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia, onde muitos desses imigrantes chegaram a navegar pelo rio usando balsas feitas de buritis e outras embarcações de

---

<sup>1</sup> Fonte: Arquivo próprio.

madeira usando remo ou motores . Para se deslocarem em longas distâncias na terra, eram usados os Jumentos e Mulas que levavam e traziam mercadorias para outras regiões. Com o crescimento populacional da região a cidade ficou caracterizada por um porto que servia de embarque e desembarque de pessoas, animais e mercadorias – batizado posteriormente de “Rampa da Beira Rio”. Com isso a cidade passou a possuir um grande fluxo de cargas que viajavam pelo trajeto Belém e Babaçulândia, onde eram exportados o babaçu, o couro salgado e a embira feita de malva, o arroz e importados o sal, café, querosene, açúcar, sabão, ferragens e outros produtos. (LEANDRO 2008).

Pode ser ressaltado que a região, da forma que conhecemos hoje, desenvolveu um modo ímpar de comércio e modos de vida por ter sido fundada a margem do rio Tocantins<sup>2</sup>, antes chamado de Iabeberi. Com o passar do tempo a região foi crescendo, em 1940 a região já contava com 808 moradores, onde muitos tiravam seu sustento do babaçu. Tempos depois o local possuía na zona urbana 771 pessoas e 514 na suburbana, sendo um total de 1285 habitantes possuindo três povoados: A Palmatuba, Gameleira e Anapolândia. Com o crescimento local e um grande desenvolvimento humano, a região ainda era distrito de Tocantinópolis, (LEANDRO, 2008). A cidade só passou a ser chamada de Babaçulândia a partir do ano 1938, adotando um nome oriundo da representatividade da palmeira e amêndoa do babaçu para a região e seus habitantes.

Antes de ser emancipada cidade, Babaçulândia pertencia ao município de Tocantinópolis, todavia no dia 23 de Junho de 1953, o município foi emancipado como cidade, onde essa data ficou registrada como data de criação onde comemora-se seu aniversário, onde o município foi instalado em primeiro de janeiro de 1954 sendo desmembrado do município de Tocantinópolis.

Com o passar do tempo a cidade cresceu e o rio Tocantins continuou sendo fonte de renda da região devido a possibilidade de comércio, transportes de cargas, passageiros, animais e demais mercadorias. Dessa forma algumas empresas foram montadas com base no que o rio proporcionaria, o que gerou emprego e renda para o município. Uma dessas empresas criadas usava embarcações para o transporte de mercadorias até as cidades de Imperatriz,

---

<sup>2</sup>Devido sua imensidão, em cada região onde ele banhava, era batizado por um nome diferente onde tempos mais tarde recebeu o nome de rio Tocantins.

Balsas e Belém. Outra empresa de grande importância para a região fazia a extração do óleo do babaçu (azeite de coco), que para funcionar um segmento da população extraia as amêndoas do coco e as vendia. Essa indústria movimentou muito tempo uma boa geração de renda, mais foi extinta tempos depois. Outra fonte de geração de renda do município foi a pesca.

Durante muito tempo a cidade viveu um drama na época do inverno. O rio Tocantins, rio Corrente, e outros córregos enchiam fazendo com que a população residente em determinadas áreas da cidade, tivesse que sair de suas casas e procurar abrigo em outros locais. Todos sabiam que a enchente, após o término do inverno, voltaria ao nível mais baixo e todos poderiam retornar a suas casas e retomar suas rotinas<sup>3</sup>. No ano de 1988, afirma o entrevistado E6 no seguinte trecho da entrevista:

“Até 1988, andou um pessoal lá uma turma de jovem fazendo pesquisa e falaram lá que já era um começo do projeto de criação da barragem, só que o povo não acreditava naquilo né, ninguém acreditava naquilo né.”

No referido texto o entrevistado narrou que uma equipe ligada ao governo federal realizou pesquisas referentes a construção da Usina Hidrelétrica. Nessa época, muitos não acreditaram que essa obra poderia ser construída e não imaginaram quais impactos poderiam causar, seus benefícios, como seria a enchente, como seria o processo de indenização, etc. – gerou-se apenas especulações, onde esses boatos não causaram alterações no cotidiano dos habitantes de Babaçulândia.

Em abril de 2002, a Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL – realizou a licitação pública de nº 01/2002 para a implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito UHE, com concessão de uso do bem público por 35 anos, (ANEEL, 2013). Por volta do ano de 2004, a usina – que era apenas boato em 1988, tornou-se realidade. Iniciou-se, assim, o processo de cadastramento e pesquisa com a comunidade local para dar início ao projeto. Ou seja, foram feitos levantamentos em relação as famílias e suas propriedades a serem desapropriadas para que a obra ocorresse.

---

<sup>3</sup> Ressaltando que não era em todo inverno que havia grandes enchentes, isso variava de acordo a frequência do inverno, onde os habitantes da região ao saberem das possíveis cheias do rio no período chuvoso, sempre se preparavam a cada ano que iniciava para passar por aquele tipo de situação.

No ano de 2008 iniciou-se o processo de remoção das pessoas que seriam impactadas, segundo levantamento feito anteriormente. No geral, para a implantação da UHE Estreito foi estimada a desapropriação de 1.498 imóveis rurais e 913 urbanos, onde aos impactados foram dado uma espécie de compensação indenizatória sendo elas o reassentamento rural agropecuário, reassentamento rural agrícola, aquisição de imóveis e carta de crédito, (IBAMA, 2000, p. 13). Assim, as pessoas foram deslocadas para outros locais escolhidos pela equipe responsável da empresa ligada ao Governo Federal. No ano de 2010, a barragem necessária à construção da Usina Hidrelétrica de Estreito, já tava construída, e abrangendo os municípios de Estreito e Carolina, no Maranhão, e Aguiarnópolis, Palmeiras do Tocantins, Darcinópolis, Babaçulândia, Filadélfia, Barra do Ouro, Palmeirante, Goiatins, Itapiratins e Tupiratins, em Tocantins, com um reservatório de 260,23 km de extensão, área inundada de 400 km<sup>2</sup> e vida útil de mais de cem anos (IBAMA, 2000).

A quantidade de área inundada em hectares de todos os municípios atingidos pela UHE Estreito, é mostrada na Tabela 1, onde demos destaque a cidade de Babaçulândia devido ser o local onde a referida pesquisa foi realizada.

#### Áreas inundadas por município/Estado

<b>Município (sem área do leito do rio)</b>	<b>Área inundada (ha)</b>	<b>% inundada</b>
<b><u>Babaçulândia/TO</u></b>	<b><u>6.099</u></b>	<b><u>14,0</u></b>
Barra do Ouro/TO	4.231	9,7
Darcinópolis/TO	2.527	5,8
Estreito/MA	3.206	7,4
Filadélfia/MA	7.982	18,3
Goiatins/TO	525	1,2
Itapiratins/TO	243	0,5
Palmeirante/TO	1.373	3,2
Palmeiras do Tocantins/TO	1.709	3,9
<b>Total</b>	<b>43.532</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** (Artigo) Análise das Extremidades Geradas pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA) e o Processo de Desenvolvimento (a partir do EIA/Rima).

As partes da cidade de Babaçulândia que foram inundadas são: i) uma Ilha, conhecida como “Ilha de São José”; ii) o povoado “Beira do Corrente”; iii) o povoado Barra do Arraia”; iv) o povoado de “Palmatuba” entre outros locais,

sendo extinta a praia por nome Praia do Coco que era uma grande potência econômica no município.

Dessa maneira, o presente trabalho buscou investigar o que dizem os moradores da Cidade de Babaçulândia – removidos da sua região de origem devido a construção da barragem – sobre os impactos sociais, econômicos e emocionais sofridos. Para isso, o nosso primeiro capítulo buscará relatar sobre a necessidade se produzir energia elétrica, entendendo as bases do mecanismo de funcionamento de uma usina hidrelétrica, seus benefícios e prejuízos sociais, econômicos e ambientais.

O segundo capítulo será construído a partir da relação entre Educação em Ciências e Direitos Humanos. Primeiramente será estabelecida a relação entre as áreas de Educação em Ciências e Educação em Direitos Humanos, em seguida será dada ênfase à noção de “Educação para nunca mais” a partir de um resgate da memória das violações de Direitos Humanos ocorridas.

O terceiro capítulo consiste na metodologia de pesquisa no qual fica explícito a abordagem de caráter qualitativo, escolhida por nós, que proporcionou a entrevista com pessoas impactadas pela construção da UHE – Estreito, seguido de um processo de transcrição e análise das entrevistas gravadas.

O quarto capítulo consiste dos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas. Nele buscou-se analisar as respostas obtidas com as entrevistas onde procurou-se identificar os entrevistados através de códigos e, para fundamentar a pesquisa, foram colhidos trechos das entrevistas e criados episódios e categorias, fazendo uma fragmentação das entrevistas transcritas, onde transformou-se os dados em unidades de análise. Dessa forma a análise buscou estabelecer uma relação entre os impactos econômicos da população com o local, relação de afetividade dos entrevistados com sua residência de origem e demais benefícios e prejuízos.

O último capítulo, considerações finais, buscou retratar as propostas que objetiva o referido trabalho quando relata sobre as violações dos direitos humanos e ligando a produção da energia que é chamada de energia limpa, todavia essa energia é limpa para quem? Com o isso foi abordado realmente sobre a necessidade dessa referida produção de energia elétrica e quem ela atende.

## **CAPÍTULO 1.**

### **1.1 Necessidade de Produzir Energia Elétrica.**

Devido à centralidade dos avanços tecnológicos e científicos nos dias atuais, aumenta-se a consciência da reflexão sobre os riscos associados a esse desenvolvimento. A medida que o ser humano avança com suas pesquisas, se não houver uma consciência social e ambiental, há grandes possibilidades de degradar o meio ambiente.

Uma das preocupações da atualidade é que, ao iniciar uma obra de grande porte, ela poderá gerar um grande desmatamento que irá contribuir para o desequilíbrio da fauna e flora, influenciando no aquecimento global. Segundo Moutinho, (2006) [...] nos últimos 300 anos, cerca de 10 milhões de km<sup>2</sup> de florestas deram lugar a outro tipo de uso da terra. Nas regiões tropicais, a retirada da cobertura florestal poderá causar alterações no balanço hídrico, entretanto, a produção de energia tornou-se uma necessidade ao cotidiano do ser humano em seu modo de vida tanto urbano quanto rural.

De acordo com Miranda (2004) [...] a potência total instalada no país é da ordem de 65.000 MW, o que representa 79 % da energia elétrica que é produzida no Brasil. Com o modelo de desenvolvimento que temos hoje observa-se que fica difícil a vida do ser humano sem energia elétrica.

Ao reparar que objetos precisam de energia elétrica para funcionar podemos pensar rapidamente no chuveiro, ferro de passar roupa, aparelho de som, televisão, computador, celulares, geladeira e demais eletrodomésticos que tornaram-se indispensáveis para o bem-estar de uma residência. Ao pensarmos nas empresas, diversos tipos de indústrias, bancos, hospitais e outros, a energia elétrica torna-se um fator fundamental para o funcionamento de máquinas, motores, equipamentos, computadores, internet, armazenagem e conservação de alimentos e outros. Em meio aos benefícios, sabe-se que a construção de uma usina para produzir energia elétrica gera grandes consequências ao meio ambiente. Para a sua construção é necessário acumular água de um rio a partir da construção de uma barragem que irá se transformar em um grande reservatório. Mas como a água armazenada é transformada na energia elétrica que chega em nossas casas?

## 1. 2 Retrato de como é gerada a energia elétrica.

Para se construir uma Usina Hidrelétrica surge a necessidade de formar um grande reservatório de água através da construção de uma Barragem (Figura 1), [...] ocorrendo a elevação do seu nível que possibilita sua entrada em uma tubulação que é transportado até à casa de forças. (SCHREIBER, 1977), para produzir energia elétrica, essa água deve cair sobre uma turbina que está ligada a um gerador de eletricidade. Na figura 1, mostra a imagem da Usina Hidrelétrica de Estreito localizada no Rio Tocantins e respectiva formação do lago.



Figura 2: Usina Hidrelétrica de Estreito<sup>4</sup>

A estrutura de transformação da Energia cinética pode ser observada a partir das figuras 3 e 4. Para a geração é usado um aparelho chamado Dínamo que gera uma corrente contínua fazendo a conversão da energia mecânica em elétrica através de indução eletromagnética, o mesmo é constituído por um ímã e uma bobina, onde a energia mecânica que, no caso, é do Rio Tocantins – que através da queda d'água vinda de uma enorme represa que forma o reservatório (Figura 3), faz com que um eixo onde se encontra um ímã alternando os polos norte e sul da bobina gere energia elétrica e um campo magnético. A figura 3, mostra mostra o esquema de funcionamento de uma Usina Hidrelétrica e o local onde há a conversão da Energia potencial, armazenada pela água devido a barragem, em energia cinética.

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.google.com.br/search?q=imagem+da+usina+hidrelétrica+de+estreito>



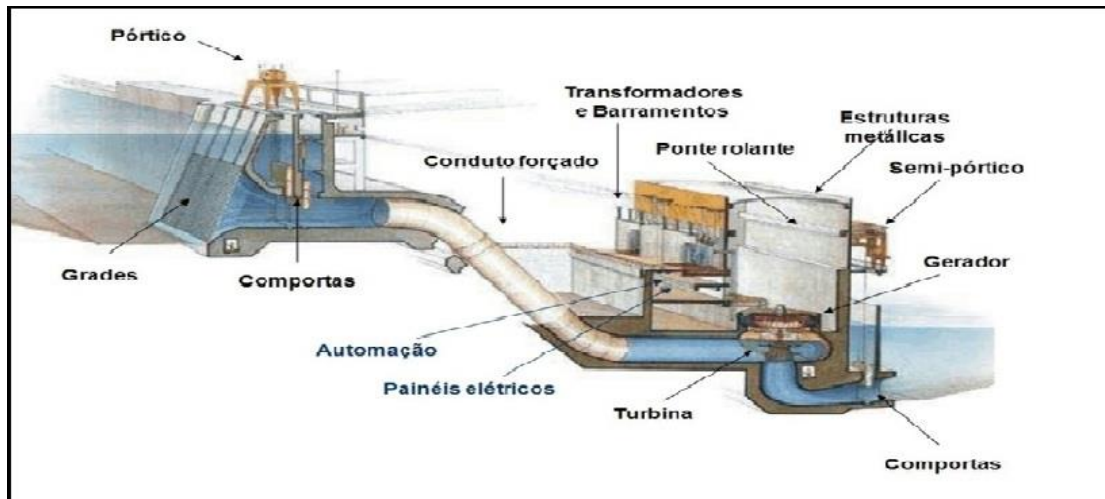


Figura 3: Esquema de Funcionamento de uma Hidrelétrica.<sup>5</sup>

Os dínamos (Figura 4), tem a função transformar a energia armazenada na usina em energia mecânica que movimenta as turbinas. As polaridades do imã são invertidas a cada  $180^\circ$  de rotação para o Dínamo gerar corrente contínua. No interior desses dínamos existe um fio condutor em espiral e imãs com a mesma polaridade direcionadas para a espiral. Quando os imãs são movimentados de forma circular, o campo magnético gerado atrai elétrons do condutor fazendo com que esses elétrons passem para a outra parte do fio, onde a mesma vai para a fase de distribuição.

<sup>5</sup> Fonte: [http:// www.inepar.com.br/img/not/func\\_hidreletrica.jpg](http://www.inepar.com.br/img/not/func_hidreletrica.jpg)

Na figura 4 mostra o exemplo de um Dínamo e um Campo Magnético:

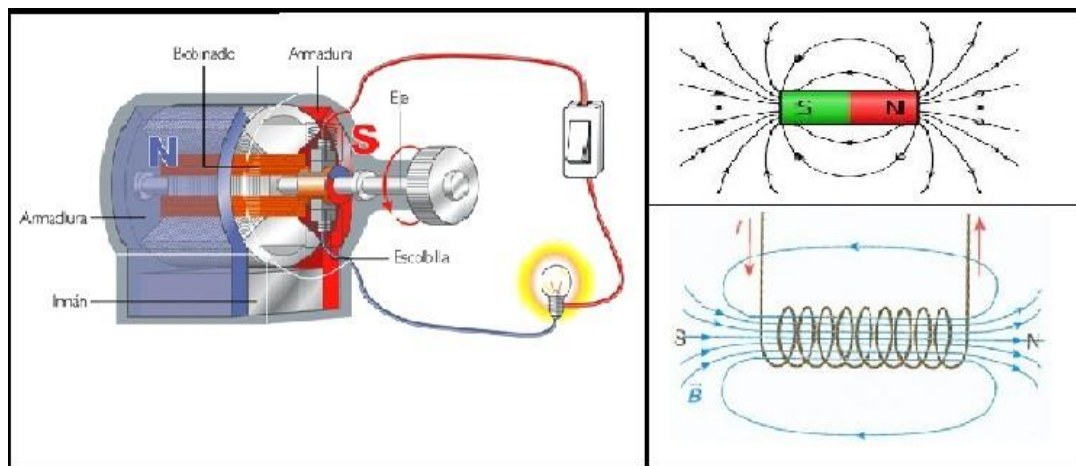


Figura 4: Exemplo de um Dínamo<sup>6</sup>

### 1.3 Danos que a geração de energia elétrica causa a sociedade e meio ambiente.

No Brasil, a eletricidade é de origem predominantemente hidráulica, sendo aproximadamente 76,9% da produção anual de eletricidade ser provenientes de hidrelétricas Segundo informação da ANEEL. A geração hidrelétrica está associada à vazão do rio, isto é, a quantidade de água disponível em um determinado período de tempo e à altura de sua queda. Quanto maiores são o volume, a velocidade da água e a altura de sua queda, maior é seu potencial de aproveitamento na geração de eletricidade. Segundo Tundisi (2003);

“O reservatório criado devido o barramento do curso da água, causa grandes alterações do ciclo hidrológico onde a vazão de um rio depende de suas condições geológicas, como largura, inclinação, tipo de solo, obstáculos e quedas”.

Além disso, a vazão do rio também é determinada pela quantidade de chuvas que o alimentam, o que faz com que sua capacidade de produção de energia varie bastante ao longo do ano. Para aproveitar o potencial hidrelétrico de um determinado rio, geralmente interrompe-se seu curso normal através de uma barragem, que provoca a formação de um reservatório. A água do

<sup>6</sup> Fonte: <http://aprenderелеtricidade.com/wp-content/uploads/2014/02/dinamo.png>

reservatório é considerada energia armazenada (potencial), pois fica à disposição para ser usada na hidrelétrica.

Ao aumentar a quantidade de água no local onde é construída, há uma enorme destruição de florestas, eco-sistemas junto com animais e plantas onde várias árvores são derrubadas, terrenos inundados alterando o ambiente causando um enorme impacto na água, ar, solo, territórios, fauna, flora e paisagens, e social (VEGARA et al., 2004, p. 192).

Além disso, é possível destacar que [...] há uma grande migração de animais terrestres e peixes, influenciando nas suas reproduções, interrompendo-se, assim, o ciclo biológico de várias espécies existentes de fauna e flora. (SILVA, 2005).

No que se refere aos peixes, ao represar as águas, impede-se o deslocamento de sedimentos rio abaixo, o que contribui para a diminuição da concentração de nutrientes da água, reduzindo a população de peixes e prejudicando a fertilização de terras – o que facilita a poluição da água, o assoreamento das margens, poluição, aumento da evaporação da água devido ao aumento da superfície, além do aquecimento da região onde a barragem está localizada. Outro ponto destacado é que essas áreas inundadas poderiam ser usadas para fazer plantações gerando a produção de alimentos e renda para a região. Ainda de acordo com Costa (2010), as hidrelétricas são o meio de geração de energia elétrica que mais causa danos ao meio ambiente. Porém, além dos danos ambientais, há danos na memória das civilizações, uma vez que em alguns locais existe o risco da perda de materiais arqueológicos que poderia existir no subsolo da área alagada.

Ao inundar uma cidade destrói-se a história de uma comunidade que vivia naquele local, onde as famílias residentes são remanejadas para outros locais, causando um grande transtorno para suas vidas.

Para Silva et al. (2005), os impactos ambientais do reservatório se relacionam com os impactos sociais, incluindo a desativação da atividade agrícola, diminuição de emprego, aumento no valor da terra. Mesmo os moradores da área alagada sendo indenizados e, as vezes, ganhando uma moradia melhor, esse valor financeiro não paga as perdas sociais, uma vez que eles já estão adaptados ao local de origem, com os vizinhos, sendo de repente obrigados a sair de seus lares. As vezes sem um diálogo convincente sobre o motivo pelo qual estão saindo essas pessoas não têm escolha.

Torna-se para eles, necessário receber o dinheiro e começar uma nova vida em outro lugar, deixando de lado os transtornos interacionais que isso vai ocasionar, para Rothman (2000), não são observadas as histórias de vida, identidade com o local, se o morador depende da região para sua sobrevivência, se o novo local é propício para ser habitado. Além disso, nem todos os remanejados são indenizados ou ganharam nova moradia devido falta de documentação, orientação ou empenho das autoridades políticas regionais presentes. Com a grande mudança, alguns idosos não resistem e acabam falecendo ao entrar em depressão por verem tudo o que construíram ser destruído. Em meio a tudo, gera uma dúvidas se realmente a sociedade merece pagar esse preço para terem energia elétrica em suas residências? Conforme afirma Esteva (1992) *apud* Zhouri e Oliveira (2005, p. 61), [...] “o estabelecimento de valores econômicos exige a desvalorização de todas as outras formas de vida social.”

Desta forma o segundo capítulo traz referências sobre a importância em se trabalhar a educação em ciências relacionando com Direitos Humanos, enfatizando sobre a importância de tornar esse ensino uma ferramenta de apoio social, onde serão trazidos para a sala de aula, fatos ocorridos com uma referida comunidade, bem como instruir os alunos sobre a importância em se trabalhar com o resgate das memórias inserindo os resultados no cotidiano desses, a fim de formar cidadãos conscientes sobre seu papel no meio social.

## **CAPÍTULO - 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste segundo capítulo serão discutidos os referenciais que fundamentam nossa pesquisa. Assim, traçaremos um paralelo entre Educação em Ciências e Direitos Humanos e, em seguida, será dado destaque à importância do resgate das memórias para a Educação em Direitos Humanos.

### **2.1 Educar em Ciências e Direitos Humanos**

Oliveira e Queiroz (2013);

Aponta em seu trabalho que os discursos de alguns professores de ciências que, onde muitos, acreditam que o papel docente em relação às disciplinas de Química, Física ou Matemática, está relacionado aos conteúdos específicos, onde esses que fala sobre Direitos Humanos devem ser trabalhados pelos professores de Filosofia ou Sociologia. Com isso destacam-se alguns professores que pregam que essa formação deve ser realizada somente pela família.

Todavia esse discurso não pode mais ser utilizado na atualidade, devido à aula de Ciências possuírem diversos valores em Direitos Humanos, assim, a relação entre Educação em Ciências e Direitos Humanos é levantada por Oliveira e Queiroz (2013). Nesse aspecto, o ensino de ciências deve visar à formação de sujeitos críticos, participativos que tenham habilidades de interagir com o meio social a fim de compreender as tecnologias e adquirirem capacidades de poderem exercer as abordagens científicas fazendo da mesma um ato de cidadania. “Educar em Direitos Humanos traz um agir que luta por uma sociedade mais justa e que valorize, com ética, as diversas formas do ser.” (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2015, p. 04).

No texto “Educação em Direitos Humanos no Brasil: gênese, desenvolvimento e desafios atuais”, Candau (2012, p. 18), estabelece três dimensões que foram consideradas consenso entre [...] “educadores em Direitos Humanos da América Latina, durante um seminário promovido em 1999 pelo Instituto Interamericano de Direitos Humanos.” Sendo elas: o empoderamento de sujeitos e grupos que historicamente foram postos à margem – processo que passa pela constatação das assimetrias de poder existentes na sociedade e na busca por dar voz a grupos e sujeitos que historicamente foram marginalizados e usurpados de reconhecimento social; a formação de sujeitos de direito –

processo que implica no reconhecimento dos direitos como conquistas a partir das mobilizações sociais e não como “bondade” do estado. A esse processo a autora afirma que é inerente o desenvolvimento de uma autoestima positiva, ou seja, o desenvolvimento de um “reconhecer-se” como sujeito histórico, pensante. Oliveira e Queiroz (2015, p. 09), citam que

“ao trabalhar com direitos humanos buscamos também que essa representação de mundo seja mais válida do que as demais, ou seja, que a cultura dos direitos humanos seja considerada superior à cultura das violações dos direitos humanos.”

Dessa maneira é fundamental para compreender que a Educação em Direitos Humanos é um compromisso com a construção de uma sociedade mais democrática, cidadã e humana.

Fundamentado em Oliveira e Queiroz (2015) os autores afirmam que educar em direitos humanos consiste em lutar por uma sociedade mais justa que irá compreender e respeitar os direitos civis e individuais, e compreender e valorizar as diferentes formas de ser.

Os valores coletivos, dizem respeito à comunidade como um todo, independentemente de suas partes. “Tratam-se de valores do corpo, valores esses que não se confundem com os de cada pessoa, de cada célula, de cada elemento da coletividade.” (BITTAR, 2004, p. 49). Mediante os valores que visam o bem estar social, busca-se a construção cidadãos conscientes que venham agir no meio social com um objetivo de criar um diálogo convincente que possa vir ajudar pessoas que sofreram ou sofram esse tipo de violação de seus direitos, afim de que o ocorrido não possa se repetir novamente trazendo danos na vida de mais pessoas.

Nessa perspectiva, Oliveira e Queiroz (2015), buscam trabalhar os conteúdos de ciências atrelados a problemas sociais é uma forma de se efetivar educação em direitos humanos. Desenvolver uma capacidade argumentativa e uma capacidade de empreender transformações sociais; por fim, o que a autora chama de “Educar para nunca mais”, que daremos destaque.

## 2.2 O resgate da memória e a Educação para Nunca Mais

“Educar em Direitos Humanos passa pelo estabelecimento de um olhar crítico para a sociedade, um olhar que permite se indignar com aquilo que é considerado normal, instigando à percepção das violações de Direitos Humanos existentes, [...]” (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2015, p.04).

O resgate das memórias, referente às violações dos direitos humanos, na construção da barragem para a usina Hidrelétrica de Estreito – uma produção de energia tratada por muitos como “limpa”, mas não para os habitantes de uma determinada área impactada, isso devido ao se fazer um questionamento voltado ao meio social percebe-se que ao se referir energia limpa, para Castro (2009, p.15), “a construção de usinas hidrelétricas remete o imaginário coletivo à ideia de progresso, com geração de empregos e produção de energia limpa.” Todavia ao se pensar nesse ser sentido, esse termo deixa ser válido quando existe algum tipo de dano que irá prejudicar várias pessoas, onde além da remoção de seus lugares de origem, existe a extinção de diversas fontes de geração de renda, atividades voltadas ao sentido de subsistência, desvalorização dos terrenos alagados e aumento abusivo no valor das terras que ficam à disposição de venda para a migração dos atingidos. Para Silva et al. (2005, p. 07), “os impactos ambientais do reservatório se relacionam com os impactos sociais, incluindo a desativação da atividade agrícola, diminuição de emprego, aumento no valor da terra.”

O resgate das memórias e do patrimônio cultural na comunidade, retratando-as nas escolas, contribui com o fortalecimento das relações entre as “pessoas de tempos distintos e suas heranças culturais, onde Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 1996, P. 477). Ela permite estabelecer uma ligação entre os que não vivenciaram um passado e hoje se deparam com um presente totalmente diferente.

A premissa de “Educar para Nunca Mais” busca, além da promoção da história, o resgate e a reconstrução da memória. Busca, durante os processos educativos, um espaço de quebra da cultura do silêncio, um espaço com o olhar histórico pela ótica dos subalternizados – uma vez que não se pode construir um futuro como sujeito ativo, se ficamos fadados à cultura do silêncio. Na proposta de educação libertadora de Paulo Freire, a conscientização do indivíduo ocorre

por meio do diálogo mediado pelas suas condições de existência. Assim, procura-se lembrar das violações para que elas não voltem a acontecer.

Para Oliveira e Queiroz (2015, p. 24);

O diálogo entre as áreas de Educação em Ciências e Educação em Direitos Humanos nos traz o compromisso de formar professores que, se necessitarem, possam produzir materiais didáticos para o Ensino de Ciências, Química, Física e Biologia. Assim, buscamos os Direitos Humanos como transversais à elaboração dos materiais didáticos. Ao falar de materiais didáticos podemos pensar em uma gama de materiais que possuem como foco a experimentação de baixo custo, a elaboração de textos de divulgação científica, materiais que tenham como base a História das Ciências, possuam uma abordagem CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente), valorizem as possibilidades que o lúdico traz para o ensino-aprendizagem de Ciências, se apoiem na relação entre a Ciência e a Arte, que tragam as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC"s), etc.

Nesse sentido, o engajamento das instituições escolares em favor de uma formação geral que resulte no preparo para o exercício da cidadania e se empenhe na promoção de uma conduta fundada em princípios éticos de “valorização dos direitos e deveres fundamentais da pessoa deixaram de ser um assunto restrito de especialistas e profissionais da educação para se constituir em uma questão de interesse público.” (CARVALHO, 2007, pp. 469-486).

Ao fundamentar tópicos que vão se agrupar aos resultados, percebe-se que ao discutir esses, encontra-se no mesmos fatores de caráter negativos que trouxeram danos a vida de muitas pessoas que sofreram o impacto gerado pela construção da Usina Hidrelétrica citada anteriormente, com isso afetando os valores humanos que prejudicou toda uma comunidade sendo quebrada toda uma rotina de vida que foi se construindo ao longo do tempo. Ao serem colhidas às informações, objetivou-se fazer um resgate das memórias a fim de aplicar princípios educacionais que farão diferença na vida das pessoas, tanto as que sofreram o dano diretamente, quanto aos que sofreram indiretamente, bem como tentar impedir que esse dano não aconteça novamente. Após falar sobre a importância do resgate das memórias e princípios do educar para nunca mais, daremos destaque aos assuntos que narram sobre os danos ambientais e morais que ferem o patrimônio ambiental.



### **2.3 O Dano Moral e Ambiental Público é uma Espécie de Dano ao Patrimônio Ambiental.**

Ocorre quando, além das lesões materiais ao patrimônio ambiental, causa ofensa ao sentimento coletivo. “Não tem repercussão no mundo físico, material, sendo de cunho subjetivo à semelhança do dano moral individual.” (PACCAGNELLA 1999. p.47.). O deslocamento populacional é uma das etapas mais complexas do processo de implantação de grandes usinas hidrelétricas desencadeando problemas e transformações, principalmente no campo social, econômico e político.

José Luiz Junior (2005, p. 02, pag), onde ele afirma que:

Dano é o prejuízo causado a terceiros, ao se lesar bens juridicamente protegidos. Ele pode ser visto sob dois aspectos: patrimonial, no qual se atinge o patrimônio econômico do lesado; e extrapatrimonial ou moral, quando o prejuízo é causado no psicológico da vítima, ou seja, os direitos da personalidade que são afetados.

A negligência com a dimensão social na implantação de grandes projetos tem sido a causa de intensos conflitos entre empreendedores e populações atingidas.

Neste sentido Paccanella (1999, p. 47.) argumenta que “sempre que houver um prejuízo ambiental, objeto de comoção popular com ofensa ao sentimento coletivo, estará presente o dano moral ambiental.” Ao se referir há esses danos, entra a relação em que várias espécies são afetadas, fauna, flora, biodiversidade no geral, além de gerar transtornos de caráter social onde várias pessoas são envolvidas. Quando há um dano ambiental haverá sempre por trás, uma comunidade lesada onde não só houve a lesão ao equilíbrio ecológico, mas também em seus valores socioculturais. “O modo como têm sido utilizados e gerenciados os recursos hídricos tem levado a um nível de degradação ambiental e a um risco de escassez que comprometem a qualidade de vida.” (FERREIRA; CUNHA, 2005, p. 93).

Para o Governo Federal existe uma crescente demanda relacionada a geração de energia elétrica, onde nessa geração existe a necessidade do remanejamento populacional, devido a maior fonte de geração de energia elétrica ser através de recursos hídricos que esse meio de geração causa grandes impactos, em meio a isso deveria ser criados outras fontes de geração. Para Goldemberg e Moreira (2005, p. 217),

“essa energia deverá provir de diversas fontes energéticas, uma vez que, por razões de segurança de abastecimento, é

mais interessante depender de vários energéticos primários, do que de apenas um ou dois.”

Com a construção de contingentes populacionais foram deslocados por ocasião da implantação de grandes usinas hidrelétricas. O tratamento dado a estas populações restringe-se na maioria dos casos, ao pagamento de indenizações pelas áreas alagadas, sendo desconsiderados elementos intangíveis como a perda da qualidade de vida, das referências culturais, dos padrões de organização social, das relações de parentesco e amizades e das alterações de costumes.

Para Goldemberg e Moreira (2005, p. 49);

Torna-se necessário um planejamento com vistas a melhorias na produção energética nacional devendo ser considerada não apenas a quantidade de energia necessária para a sociedade, mas principalmente em que região ela é mais prioritária e como os menos favorecidos terão acesso a ela, [...], por uma questão de segurança, essa demanda deveria ser suprida a partir de diversas fontes, pois seria melhor do que depender de uma ou duas, como acontece atualmente.

Segundo Fearnside (2011, p. 84) afirma que, “muitas vezes, o Governo acredita estar retirando as pessoas de uma condição ruim e levando-as ao progresso, em razão da construção de uma barragem.”

Segundo a Eletrobrás (1993, p. 98) *apud* Suassuna (2008, p. 49);

As ações causadas pelo setor elétrico, relativas ao remanejamento populacional, pautavam-se com o objetivo predominante de liberar, ao menor custo possível e dentro do cronograma de obras, as terras necessárias para a formação do reservatório e implantação da infraestrutura de apoio ao empreendimento. Não reconhecendo aos trabalhadores rurais direito a qualquer compensação pela perda dos empregos decorrentes da inundação de terras, eximindo-se as concessionárias de qualquer responsabilidade formal neste sentido.

Baseado no que diz a referida citação acima, percebe-se que esses danos causados a uma população atingida, onde ao se construir uma hidrelétrica, o governo visa apenas o lucro obtido com a geração de energia, todavia ao inundar uma região, existe a migração de pessoas para outras áreas, extinção de seus meios de geração de renda para sua subsistência ou para agariação de lucros. Ao realizar a migração de pessoas de um local para outro, vários problemas vem em consequência dessa mudança, devidos as pessoas não estarem preparadas psicologicamente para sofrerem esse tipo de transformação em suas rotinas, alterando todo um ciclo de vida, sem falar no descaso existente por parte da

empresa responsável pela obra que acabam por deixar várias pessoas lesadas e com prejuízos incalculáveis.

Ainda fundamentado em Suassuna (2008, p. 49);

A autora narra que o deslocamento populacional é uma das etapas mais complexas do processo de implantação de grandes usinas hidrelétricas desencadeando problemas e transformações, principalmente no campo social, econômico e político. Onde ocorre também uma grande negligência com a dimensão social na implantação de grandes projetos tem sido a causa de intensos conflitos entre empreendedores e populações atingidas.

Alguns autores têm chamado a atenção para os riscos associados aos avanços da ciência na sociedade moderna. Segundo Giddens (1997), ele cita que as relações existente entre o desenvolvimento do conhecimento humano e o auto entendimento humano provaram ser mais complexas do que pensavam os filósofos do Iluminismo.

Dentre as incertezas que viemos nos dias de hoje, aquelas relacionadas com as questões ambientais ocupam um importante lugar no cenário do homem moderno, José Roberto et al (2007), narra que ao se construir uma obra que irá impactar o meio-ambiente, causa um desconforto na vida das pessoas, causando problemas relacionados ao bem estar psicológico e físico também. O sentimento de dor, em sua acepção de sofrimento, pesar, mágoa, antes necessário para a “caracterização do dano moral individual, cede espaço a outros valores que afetam negativamente a coletividade, como é o caso da lesão imaterial ambiental.” (LEITE, 2003, p. 294). Essa lesão imaterial refere-se aos provocados ao ser humano de caráter emocional, no qual as pessoas estavam habituados há um ritmo de vida no qual esses tinha todo um padrão de vida projetado no referido lugar de morada, e quando vão planejar uma obra de grande porte, existe todo um projeto voltado ao meio ambiente, mais esse não é eficaz devido não haver destruição, todavia não há um planejamento que valorize os patrimônios de caráter simbólicos que de certa forma além de ter valor financeiro, tem o valor simbólico. De acordo com Rezende (2002, p. 31) “esses aspectos simbólicos dos indivíduos que são atingidos por empreendimento hidrelétrico não são citados dentro do processo de licenciamento ambiental.” Para Rothman (2000), “não são observadas as histórias de vida, identidade com o local, se o morador depende da região para sua sobrevivência, se o novo local

é propício para ser habitado.” Todavia em meio há essas colocações surge a ideia de que um problema só é de caráter pessoal, quando demais pessoas não se esforçam para darem sua contribuição afim de melhorar o ambiente proporcionando bem estar ao próximo, onde causa passa a ser de todos na tentativa de haver resultados satisfatórios. Para Oliveira e Queiroz (2015, p. 21) “Entender a luta nos movimentos sociais ajuda a compreender nossa posição enquanto ativos na busca pelos direitos sociais, civis, econômicos, ambientais, etc.”

### **CAPÍTULO 3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Nesse capítulo buscaremos falar sobre a metodologia utilizada para a coleta dos dados. Segundo Godoy (1995) *apud* Neves (1996) a pesquisa qualitativa em Educação possui algumas características são fundamentais como:

- a) O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental
- b) O caráter descritivo
- c) O significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida como preocupação do investigador
- d) Enfoque indutivo

Dessa forma, a pesquisa pode ser classificada como qualitativa na qual a obtenção dos dados se deu através de um contato direto e interativo do pesquisador com os colaboradores do estudo, no caso as pessoas que foram impactadas pela construção da usina hidrelétrica de Estreito. Além disso, buscou-se compreender os dizeres dos moradores de Babaçulândia removidos de sua área de origem.

Como instrumento de análise foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que, segundo Triviños (1987, p. 146), “tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.” Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Para Manzini (1990/1991, p. 154), “a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.” Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Com bases nos argumentos citados acima, foi criado um questionário como roteiro no qual o investigador baseou-se, mas respeitando específica interatividade com cada entrevistado. As entrevistas foram gravadas com um gravador Sony px 312, onde a seleção dos Entrevistados se enquadrou ao que ocorreu com o município e as pessoas. Foi dada ênfase aos aspectos

econômicos da população com o local afim de observar o sentido de subsistência, percebendo quais atividades os moradores exerciam no local que servia para garantir o sustento dos mesmos e suas famílias e foram extintas, atividade laboral para a geração de lucro afim de complementar a renda familiar, posteriormente foi investigado qual a relação do impactado com o lugar, analisando a relação pessoal com o local, vizinhança e convívio coletivo com a referida região, nesse parâmetro procurou-se investigar as memórias com o local, onde o entrevistado destacou o apego pela cidade e local antes habitado, lembrando de suas casas, sítios, ambiente de lazer, argumentando sobre esse assunto, e como fizeram ou fazem para preencher o vazio que ficou entre os mesmos, em seguida procurou-se questionar os prejuízos e benefícios material e emocional, questionando as violações dos direitos humanos, quando abordou-se sobre os possíveis transtornos emocionais, prejuízos financeiro e patrimonial, sendo retratado também os benefícios.

Para realizar a pesquisa foram selecionados 11 pessoas, sendo dois casais que se resumiu em nove entrevistas onde o primeiro foi:

Professor aposentado que colaborou na condição de morador e chacareiro localizado no Povoado Barra do Arraia.

O segundo foi um casal que eram moradores da região Beira do Corrente localizado no município da referida cidade que era banhado pelo Rio Corrente.

O terceiro também foi um casal que habitava na beira do referido rio, porém em um outro ponto.

O quarto morador residia no Povoado Palmatuba onde o mesmo relatou o drama no geral vivido pelas pessoas e a ineficiência dos responsáveis em relação as indenizações.

O quinto entrevistado foi um morador que deu seu depoimento na condição de barraqueiro e morador que vivenciou o drama de várias famílias, o não cumprimento em relação as indenizações sendo os mesmos lesados financeiramente.

O sexto entrevistado foi um barqueiro e morador da Beira Rio que narrou sobre um meio de geração de renda que foi extinto sendo prejudicados literalmente em relação as indenizações ficando com um prejuízo incalculável.

O sétimo entrevistado foi uma moradora da Ilha de São José, que narrou um prejuízo emocional imenso para seus habitantes onde os mesmos saíram da

condição de ribeirinhos e passaram a serem consumidores de água transportadas por carros pipas.

A oitava moradora foi do Povoado Palmatuba na condição de moradora e membro da Associação das Quebradeiras de Coco que foi acabada por causa da obra e a mudança do pessoal para regiões diferentes.

O nono e último entrevistado foi na condição de pioneiro que não foi atingido e nem removido de seu local mais vivenciou o drama das pessoas e o impacto social e econômico ocorrido entre elas.

Após o encerramento das entrevistas, elas foram transcritas, em seguida analisadas, utilizando-se a estratégia de análise de conteúdo. Onde seu método compreende um “conjunto de técnicas interpretativas que visam descrever e codificar os diversos componentes contidos em um conjunto de dados, onde o mesmo possibilita a compreensão e os valores de seus significados.” (MORAES, 1999, p. 7-32). Com isso as pessoas entrevistadas foram codificadas como E.1, E.2, E.3, E.4, E.5, E.6, E.7, E.8, E.9, E.10, E.11, onde a partir de suas falas foram criados três episódios, e cada episódio contendo três categorias, A, B e C. A partir daí houve a fragmentação das entrevistas transcritas, onde sua categorização permitiu-se transformar os dados em unidades de análise havendo uma aproximação de ideias. Segundo Moraes (1999, p. 7-32) essa aproximação de ideias “permite uma reinterpretação dos dados atingindo uma compreensão de seus significados para chegar ao objetivo proposto na pesquisa.” Nesse sentido o objetivo do presente trabalho foi analisar as falas dos entrevistados removidos de suas residências sobre o que os mesmos dizem a respeito da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito. Para dar um caráter válido e significativo na pesquisa, e principalmente nos resultados já que ambos foram feitos a partir da análise das falas dos entrevistados, sendo usado trechos desse diálogo nos resultados, segue em anexo a transcrição completa de toda entrevista, que é composta por pergunta por parte do entrevistador e resposta por parte dos entrevistados, o modelo do termo de autorização que foi assinados por ambos autorizando a entrevista que foi utilizada para fins acadêmicos, e para preservar a imagem do entrevistado afim de não expor eles, seus nomes não foram revelados nas transcrições sendo usado apenas os códigos.

## CAPÍTULO 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na fundamentação teórica, buscou-se relacionar a educação e o ensino de ciências e Direitos Humanos que é abordada por Oliveira e Queiroz (2013) “visando a formação de sujeitos críticos que possam ter sua participação no meio científico.” Ao retratar o ensino de ciências e Direitos Humanos, surge um fator ligado a geração de energia elétrica através de Usinas Hidrelétricas é em relação de onde e como ela será produzida e se isso irá causar danos há uma determinada população, e caso isso ocorra, gera uma dúvida de como o cidadão comum que será afetado pode participar de um debate relacionado ao problema se o mesmo não tem um certo entendimento ou linguagem para tratar do referido assunto.

Com isso, uma grande tentativa de instruir essa gente é através da sala de aula que terá uma profunda contribuição para estar inserindo o cidadão no meio crítico e instruindo o mesmo como agir em determinada situação. Outra maneira é através de ações que irão se estender até as pessoas que não frequentam mais a sala de aula, de acordo Gadotti (1997, p. 5), segundo a qual “ensinar é inserir-se na história, não só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo”. O autor revela que, para Paulo Freire, o conhecimento deve constituir-se em uma ferramenta essencial que possa intervir no mundo, e que conhecemos para: a) entender o mundo (palavra e mundo); b) averiguar o mundo (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar ideias); c) interpretar e transformar o mundo.

Nossa pesquisa buscou investigar o que as pessoas impactadas dizem sobre a mudança, o que ela trouxe para suas vidas, quais os prejuízos e benefícios ocorridos com a obra, buscando retratar sobre as violações dos direitos humanos, relacionando sobre desenvolvimento e meio ambiente, aspectos científicos, tecnológicos, econômicos, sociais, políticos e ambientais. Para fundamentar a pesquisa, foram usados trechos de depoimentos colhidos de alguns moradores da cidade que tiveram suas rotinas de vida mudadas devido a formação do lago da Barragem de Estreito – TO/MA, no contexto foram ouvidos onze moradores sendo nove entrevistas devido dois serem casais, onde o foco principal foi investigar o que dizem os moradores da cidade de Babaçulândia sobre a construção dessa Usina Hidrelétrica, qual seus pontos de



vistas sobre a referida construção, o que mudou em suas vidas esse enchimento do rio Tocantins que transformou-se em um lago permanente.

As pessoas entrevistadas que atualmente moram na cidade, porém em outro ponto já que ambos foram remanejados dos antigos locais de moradas onde ambos relataram que saíram de seus locais de moradas meio que forçados já que não houve um diálogo investigativo para sondar se ambos eram de acordo com a construção e que os mesmos teriam de sair de suas moradias. De acordo com Cruz e Silva (2010, p. 4) pontuam que As decisões que são tomadas referentes “à construção de usinas Hidrelétricas são tomadas sem considerar as populações locais, uma vez que defendem interesses nacionais e às vezes até internacionais utilizando-se das regiões para justificar a retirada de pessoas.”

Em meio aos relatos, o trabalho buscou resgatar memórias trazidas pelas pessoas ouvidas a fim de registrar o que ambas sofreram com o objetivo de tentar impedir que o ocorrido por eles não volte a acontecer com outras pessoas, onde foi utilizado dos parâmetros da educação para nunca mais que se buscou quebrar o silêncio a fim de formar sujeitos ativos para que esse tipo de violação não volte a acontecer. Com isso através dos relatos das pessoas, levando em consideração os danos ambientais relacionados a terra, fauna, flora e água, possa-se abordar nas aulas de Química e demais aulas de Ciências esses temas para que os alunos tenham uma visão mais ampla do que ocorrem com as pessoas e o meio em que vivem, e como certas transformações veio a ocorrer.

#### **4.1 Análise das respostas obtidas com as entrevistas.**

A análise de conteúdos da entrevista foi dividida em três episódios, denominados: “Episódio 1: Relação Econômica da População com o Local”, “Episódio 2: Relação do Impactado com o Lugar”, “Episódio 3: Benefícios e Prejuízos (Material - Emocional) ” onde cada episódio foi dividido em três categorias, A, B e C. Onde as mesmas foram nomeadas da seguinte forma:

Episódio 1: relação econômica da população com o local.

Categoria a) sentido de subsistência.

Categoria b) atividade laboral (trabalho) para geração de lucro.

Episódio 2: relação do impactado com o lugar.

Categoria a) relação pessoal.

Categoria b) relação com o local.

Categoria c) memórias com o local.

Episódio 3: benefícios e prejuízos (material - emocional).

Categoria a) aspectos emocionais.

Categoria b) prejuízos financeiros.

Categoria c) retrato dos benefícios.

### **Episódio 1: Relação Econômica Da População Com O Local:**

O primeiro episódio buscou retratar a relação entre a população com o local do ponto de vista da Economia, ou seja, como o antigo morador percebe a sua vida econômica no espaço antes e depois de sua remoção. Assim, dividiu-se o primeiro episódio em duas categorias. A relação no sentido da subsistência e do empreendimento que gera lucro para as famílias.

#### **Categoria A) Sentido De Subsistência:**

A subsistência dos seres humanos se dá através das atividades que produzem algo que venha a gerar frutos que irão servir de sustento aos mesmos. Em relação a grupos que vivem em pequenas terras situadas à beira de rio, usam ambos para geração de renda e sustento de suas famílias. Há exemplos os moradores entrevistados que narraram como eram suas vidas antes de serem impactados havendo a necessidade de mudarem de seus locais de origem, que segundo Fearnside (2011), *apud* Ferreira (2014, p. 84), et al “as hidrelétricas destroem o sustento de famílias que vivem perto dos rios,” onde Murrieta (2001, p.44 (2), 39-88), *apud* Ferreira (2014, p. 84), et al “aponta que a alimentação é um aspecto da vida humana profundamente conectado com elementos sociais e simbólicos.” Baseados nas citações é possível perceber nas falas, por exemplo, de E1, E3, E5, E9 e E11 a noção de subsistência “- **E.1** - *Dependia, dependia do rio pra pescar da terra pra criar gado, plantar vazante, criar galinha, porco.*” “- **E.1**- *Trabalhando nas terras nossas plantando vazante, criando gado, quebrando coco.*”

*“- E.3 - Tirava o alimento de lá, de lá nós tinha nossas roças, bananal, muitas coisas nois colhia tudo de lá, nós vivia era de lá, criação que nois criava tudo era lá, e agora fiquemos sem.”*

*“- E.5 - Tiremo o sustento lá de cima da terra, criemos nossos filhos tudo lá.”*

*“- E.9 – Dependia porque era aonde nós pegava água pra beber, lavar e cozinhar também, pescar era de onde nós tirava o sustento também né.”*

*“- E.9 - A água dos assentamentos tá ilndo daqui de Babaçulândia porque os poços que eles fizeram lá pro pessoal a água num presta é salgada.”*

*“- E.11 - Getúlio, a parte mais crítica da construção da barragem está na Ilha de São José, o pessoal que tinha 74 família que vivia na Ilha de São José, cada uma tinha seu localzinho banhando em água franca, daí hoje aquele pessoal tá jogado em uma área de chão que eu quero que você veja, lugar pedregoso que não tem onde eles plantar um pé de maxixe e tão bebendo água de pipa quando o carro vai deixar, eles fizeram um poço artesiano pra aquele povo, uma água salgada que a caixa que eles sentaram lá em cima a água caia naquela armação de ferro e armação cortou não aguentou o sal eu acredito que nem pra gado ela presta, e esse pessoal tá bebendo água quando o pessoal vai deixar, você sabe disso então a situação é crítica pra aquele povo não tem indenização que cubra o prejuízo que eles tão tendo.”*

#### Categoria B) Atividade Laboral (Trabalho) Para Geração De Lucro.

Em meio há esses aspectos existem os de relações comerciais da região onde alguns usavam o terreno para organizarem a praia da cidade e lá mantinham uma atividade laboral que geravam lucro aos mesmos que complementavam suas rendas familiares, e com isso vinha outra outra atividade que era o uso de Barcos no transporte de pessoas e cargas como atividade comercial, onde se enfatiza também a pesca como geração de lucro, essas atividades se destacam nas falas dos entrevistados; *“- E.7 – Sim, eu era barraqueiro desde noventa e oito, onde criamos associação dos barraqueiros né, e eu nunca deixei de trabalhar na praia(...) mais a minha maior fonte de renda era na praia, pois só minha barraca se eu dividisse o lucro por doze meses, ele me rendia um salário e meio, isso eu ganhava só na temporada, fora o barco que*

*eu tinha um barco também e ele me rendia um percentual bem gordo, (risos). E aí perdemos as duas atividades.”*

*“- E.8 - Toda vida eu dependi do rio, eu era barqueiro, sou pescador, no período de praia eu trabalhava e quando terminava o período de praia de junho a agosto, nessa minha rotina eu trabalhei mais de vinte anos daqui pra Carolina mexendo com gente, isso foi uma coisa que na verdade eu me sinto um dos caras bem prejudicados nesse lago aí, eu tenho umas entrevistas aí, uma filmagem que tem essa passagem aí.”*

## **Episódio 2: Relação do Impactado com o Lugar:**

Nesse episódio, busca-se retratar a relação pessoal dos entrevistados com seus vizinhos, relação com o local antes habitado e memórias com o local, onde investigou-se seus pontos de vistas quando se trata das mudanças, onde eles falaram que tinham uma boa relação com a vizinhança e perderam contato com alguns, onde gostavam de suas antigas residências, povoados, sendo argumentados sobre suas memórias com o local. Com isso, dividiu-se o segundo episódio em três categorias. A relação pessoal, relação com o local e memórias com o local.

### **Categoria A) Relação Pessoal:**

Seguindo com as entrevistas, outro ponto abordado e debatido com os moradores foi sobre suas relações pessoais com seus vizinhos, sendo questionados se os mesmos gostavam do convívio com seus vizinhos e pessoas da região, e se após o remanejamento ainda tinham contato ou se tinham perdido as ligações com os mesmos. Esses questionamentos foram respondidos onde se segue alguns trechos dos entrevistados; “- E.1 - Perdi com alguns, que se espalharam por aí por esse mundão se espalharam tem uns na Fazenda Mirindiba, que se espalharam, perdi o contato com alguns.”

*“- E.5 - Nós gostava dos vizinhos, e eles gostavam de nós, (risos)”*

*“- E.10 – Meu Deus eu gostava demais, demais da conta, olha eu tenho o “José” da dona Madalena”, ainda hoje eles visitam nós aqui. Eu chamo ele é irmão “José”.”*

## Categoria B) Relação com o Local:

Seguindo a linha de conversa que abordou as relações com as pessoas, foram investigados sobre suas relações com o lugar, suas casas, região, e como foram suas reações após a mudança, onde de acordo com Rezende (2002 p. 31), “muitas são as memórias e as histórias da população que ficam debaixo d’água para sempre, casas de imensurável valor para determinadas pessoas, laços de amizade destruídos, culturas sociais desfeitas sem sequer uma compensação.” Para comprovar as informações seguem trechos das entrevistas, onde os mesmos narram seus dramas e suas vivências;

**Ent.** – Vocês moravam há quantos anos lá no local onde foi inundado?

“- **E.5** – Quarenta e cinco anos.”

“- **E.1** – Nasci em Carolina e vim pra cá com oito anos.”“- **E.9** – (risos) Gostar, gostar num gostei não, porque um lugar igual a ilha lá num existe outro, em lugar nenhum não.”

“- **E.9** - Gostava, lá todo mundo era conhecido, a maioria mesmo era parente, que moravam lá, era igual eu tava te falando antes, um lugar igual a ilha num existe mais aí no planeta mais não, que agora tá debaixo d’água, porque lá a ilha era um lugar além de ser bom pro plantio e criação das coisas, era um lugar assocegado, que lá podia dormir de porta aberta aí que anoitecia e amanhecia sem ninguém mexer com nada da gente.”

## Categoria C) Memórias com o Local:

Em algum momento das entrevistas foi perguntado sobre suas memórias dos seus locais e como eles poderiam retratar suas vivências e relações, entretanto um dos entrevistado destaca, uma tentativa de ampliar seu conceito de local para não sofrer, ao ser questionado sobre o apego a cidade, o mesmo usou argumentos lincando a tecnologia com as necessidades humanas e com isso os avanços da ciência onde o homem deve evoluir junto com a mesma, isso pode ser observado no trecho que se segue. Já um dos entrevistados, falou que após a remossão e o enchimento, o mesmo só voltou ao local uma vez, e ao olhar para o local de sua casa, só dava vontade de chorar olhando para a água, e não conseguia mais identificar onde cada local que era situado sus casa, onde

seu filho era quem indicava e falava onde era as localidades; “- **E.6** – Hoje em questão de apego, a gente tem um apego porque hoje a tecnologia mudou né, ou você acompanha ela ou você vai sofrer né, então não é mais aquele, nós num vamo se apegar né, a gente lembra do passado pela uma parte foi bom, mais por outra, hoje a gente acha mais, assim mais fácil, e por isso a gente tem apego a cidade, que pra mim a cidade assim, eu tenho um grande por Babaçulândia, mesmo assim com esse impacto que teve a gente tem esse grande apego, até porque a gente tem muito amigo, conhece muita gente né, é a terra natal da gente né.”

“- **E.3** - Eu mesmo só fui uma vez lá, o “meu filho” me levou lá um pedacim aí eu só ficava olhando pro lugar onde nós morava só me dava vontade de chorar, só olhando pra água lá, num sabia nem onde ficava as coisas lá, ele que ficava dizendo mamãe bem aqui é assim, assim, a gente fica desorientada.”

“- **E.9** - Pra te falar a verdade teve muito, eu pra mim eu tô aqui, mas se chegasse a dizer assim, a barragem desativou a ilha tá de fora de novo a terra, e pode voltar de novo quem quer, pois eu era primeirinha, voltaria num piscar de olho.”

### **Episódio 3: Benefícios e Prejuízos (Material - Emocional):**

O terceiro episódio investigou sobre os aspectos emocionais argumentando sobre os danos causados de sentido psicológico, os referidos prejuízos financeiros, investigando as percas e danos de bens, e perda de atividade lucrativa, investigando também sobre os benefícios e melhorias que houve com empreendimento. Para isso, foi dividido o terceiro episódio em três categorias. Aspectos emocionais, prejuízos financeiros e retrato dos benefícios.

#### **Categoria A) Aspectos Emocionais:**

Dentre os prejuízos foram destacados os de caráter emocional sendo um ponto muito forte na referida pesquisa onde faz um retrato das violações dos direitos humanos, com isso foram questionadas as pessoas sobre esses pontos, com isso foram separados trechos de algumas das falas, que também mostra uma relação do homem com meio ambiente na constituição do local onde habita, que para Menestrino (2011, p. 13), “O homem integra-se socialmente na

natureza através dos diferentes universos simbólicos, a saber, mito, língua, arte e ciência como instrumentos de conhecimento e construção do mundo”. Ao confrontar os dados colhidos com essa seguinte citação, observa-se nas duas categorias que se segue:

*“- E.3– O Prejuízo é que a gente saiu do local e veio pra e aqui a gente num se produz o que a gente tinha lá, que eu gostava de ter minhas criação e aqui num posso, aqui vivo num lugar que num crio nada.”*

*“- E.3– Afetou de mais você sabe que um dono de casa é acostumado desde pequeno labutar suas criação, e aqui num pode mais né.”*

*“- E.3 - Foi com isso, ela num aceitava sair, quando ela chegou pra cá só chamava pra ir embora pra lá, tudo dela era chamando pra nós voltar pra lá, ela morreu tava com cento e um anos.”*

*“- E.8 – Foi, foi desrespeitado, porque o que é vinte e um mil, pra quem vem tendo toda uma atividade, tirando o sustento da família aí de dentro do rio, como a gente vivia, com barca com tudo, mexendo com passageiro, com carga, com gente e tudo porque aquilo ali foi uma coisa que foi tirado e cabousse, aquilo ali num volta mais.”*

#### Categoria B) Prejuízos Financeiros:

Em meio aos danos veio um enorme prejuízo financeiro devido as famílias impactadas terem sido retiradas de seus locais, com isso acabando a fonte de geração de renda afetando também seus emocionais, fazendo uma ligação entre esses dois tipos de prejuízos. Segundo Ferreira et. al, “o sistema natural e o sistema econômico, em que a natureza oferece os recursos para serem transformados e consumidos pela sociedade, existe o contexto de políticas institucionais, que definem o modelo de distribuição da riqueza.” Esse prejuízo pode ser comprovado nos seguintes trechos; *“- E.1 - Tive, eu perdi um sítio que valia um milhão e trinta e sete mil, por causa da “muié” (mulher) que não soube dar entrevista eu perdi, perdi, tinha vinte e oito alqueires de terra fiquei com quatro, e perdi emocionalmente onde fiz meu sítio pra viver a velhice, passar a velhice né? Só pé de coco eu tinha cento e cinquenta pés de coco carregado que era pra beber com “Wisky” de baixos dos pés de coco aí comeu tudo, goiaba tinha limão tinha tudo. ”*

*“- E.7 – Não, os barraqueiros nem indenizado foram, nem indenizado foram, e existe uma ação desde 2009 e eu não sei porque até hoje nunca teve nenhuma audiência, nenhuma tentativa de negociação e nada, o Juíz sentou em cima lá e cabou. Mais existe o processo ainda, tá correndo, você vê lá mais tá parado.”*

*“- E.8 – Não, eu me considero como uma impusição que eles colocaram e ficou só por aquilo mesmo. Porque nós tinha uma coisa com um Advogado, como é que é? O Advogado pegou a causa né, era avaliado num valor sem danos morais, era avaliado num valor de cento e vinte mil, a indenização, aí na época que o CESTE chamou nós pra acertar, eles vieram com uma proposta que botaram e que pagou foi de vinte e um mil pra trás, teve deles que ganhou quatorze mil, e aí nós que, eu mesmo foi um que tinha uma barca grande ganhei vinte e um, num ganhei vinte e um porque quando tirou a parte do Advogado ficamos com dezesseis mil, só.”*

*“- E.10 – Foi o que aconteceu, saímos de lá todo mundo com a mão na frente e outra atrás, hoje eu olho pra cara dos políticos bateno nas portas de cada um. Rapaz, é uma coisa que eu num gosto de contar, mais eu vou te conta, porque na época pra gente morar lá, cada um tinha que comprar sua terra, aí então pra vender, na hora de você ser indenizado, essa terra é da prefeitura, isso aí você não vai receber indenização que é da prefeitura. Pense numa pessoa que é indignada, eu tinha minha tarefa de terra lá escriturada, e perdi.”*

#### Categoria C) Retrato dos Benefícios:

Em meio aos prejuízos citados, houve também uma retratação dos benefícios adquiridos tanto pelas pessoas e por parte da cidade como um todo, onde eles citam em alguns trechos, que se seguem; *“- E.5 – Não, mais assim, lá era muito bom, porque nois tinha nossas coisas tudo lá, mais da vez que nois mudamos pra cá que eu achei uma facilidade assim, tem um médico bem i perto, o que a gente quer comprar, só não tem o que a gente tinha lá, mais passa todo dia na porta da gente, a gente compra.”*

*“- E.11 - Olha, prejuízo foi o tanto de coisa que ficou alagada, agora as construções que surgiram geralmente foram melhor do que aqueles que tinham, principalmente aquelas da beira do rio, as casas não eram tão boas, hoje eles*



*construíram os que pegaram aquela indenização, os que souberam segurar construíram casas melhores, compraram carro, fizeram essas cozinhas, agora, só que aquela festa foi pouco tempo, o que eles pegaram a mais da casa desapareceu, acabou aquela fatura de carro que eles andavam correndo por aí queimando gasolina acabou tudo, agora cada qual ficou na sua casinha melhor do que o que era, isso aí teve essa vantagem.”*

*“- E.11 - Olha, pra quem gosta de brincar, aqui ficou melhor, a orla ficou boa, convida os turistas, tudo bem, eu concordo, veio alguma melhoria pra cidade, muitas casas boas nasceram, foram construídas, mudou um pouco, o CESTE trabalhou bastante pelo sertão, agente ver onde tinha uma ponte velha, colocou ponte de cimento, tudo bem, melhorou, mas eu acredito que todo esse benefício não foi suficiente pra cobrir o prejuízo.” “- E.9 - Pra mim a única coisa que eu achei de vantagem foi ter tirado meus filhos de lá porque o ensino de lá era mais fraco, e aqui tá sendo melhor porque os dois filhos mais velhos que eu tenho já terminaram o ensino médio, e tem os outros dois aí que tão estudando mais melhorou cem por cento, porque lá era mais.”*

Baseados no que diz os entrevistados acima, percebe-se que ambos procuram na atualidade ilharem o lado positivo coma construção da barragem, onde afirmam que houve algumas melhorias para cidade, suas vidas e para a comunidade no geral, porém esses benefícios foram poucos em relação aos prejuízos e destruição, onde em meio a tudo isso os impactados procuram não focar tanto nos destres ocorridos, mais sim olharem para frente e verem o que de bom sobrou, mesmo existindo o sentimento de apego, laços familiares, dentre seus modos de vidas. Olhando por esses ângulos Silva Júnior (2005, p. 65), diz que:

A situação das populações afetadas pelos empreendimentos hidrelétricos tem sido decidida com o sacrifício e a perda de seu modo de vida, independente da relação jurídica das famílias como os imóveis atingidos (proprietários, posseiros, arrendatários, trabalhadores, agregados), da sua base e estrutura econômica (subsistência, pequenos, médios e grandes produtores), dos laços familiares (relações de parentesco, vizinhança), culturais (hábitos, crenças e tradições) ou ainda sentimentos (apego e sentimento de pertencimento ao lugar).

## 4.2 Discussão sobre as entrevistas.

Percebeu-se no discurso de cada entrevistado, que cada um carrega um sentimento de perda e revolta em meio ao que ocorreu. Percebe-se também que os entrevistados demonstraram uma insatisfação com o Governo Federal e outros Governantes no geral, como narraram os entrevistados nos seguintes trechos:

“- **E.10** – *Foi o que aconteceu, saímos de lá todo mundo com a mão na frente e outra atrás, hoje eu olho pra cara dos políticos batendo nas portas de cada um, [...].*” - **E.8** – *Não, eu me considero como uma imposição que eles colocaram e ficou só por aquilo mesmo, [...],* através desse diálogo ambos afirmam que não receberam uma atenção digna sendo interrompidos seus modos de vida sem ao menos indagar com eles quais maneiras seriam mais cabíveis para dar andamento ao processo indenizatório e migratório. Segundo Fearnside (2011) muitas vezes o Governo acredita estar retirando as pessoas de uma condição ruim e acabam levando-as ao “progresso”, em razão da construção de uma barragem. Todavia as hidrelétricas geram mais pobreza, grandes impactos negativos com a população humana e meio ambiente. Ao analisar as entrevistas e contrapondo-os aos dados da Eletrobrás (1993, p. 98) temos o seguinte contraste;

As ações causadas pelo setor elétrico, relativas ao remanejamento populacional, pautavam-se com o objetivo predominante de liberar, ao menor custo possível e dentro do cronograma de obras, as terras necessárias para a formação do reservatório e implantação da infraestrutura de apoio ao empreendimento[...].

Nota-se os impactos negativos, ao analisar o primeiro episódio que fala sobre a relação econômica da população com o local, ao analisar sobre o sentido de subsistência, os moradores narraram que dependiam da terra para plantar, criar animais de corte, usavam algum de tipo de matéria prima ou fruto nativo da região para produção de alimentos, o rio para pescar e utilizavam sua água para o consumo, onde essa afirmação é vista ao analisar as falas de “- **E.1**- *Trabalhando nas terras nossas plantando vazante, criando gado, quebrando coco.*”

“- **E.3** - *Tirava o alimento de lá, de lá nós tinha nossas roças, bananal, muitas coisas nois colhia tudo de lá, nós vivia era de lá, criação que nois criava tudo era lá, e agora fiquemos sem.*” - **E.9** – *Dependia porque era aonde nós pegava*

*água pra beber, lavar e cozinhar também, pescar era de onde nós tirava o sustento também né.”*

Atualmente existem algumas famílias que foram reassentadas, que segundo um relato de dois entrevistados, os mesmos moram atualmente em um lugar onde a água não é potável, onde a água captada na região tem um alto teor de salinidade e que não serve para o consumo humano. Afirmam ainda que nem o gado consome essa água e as caixas d'água instaladas na região sofreram o processo de corrosão. Para mascarar o problema, os moradores estão sendo abastecidos por carros pipas que trazem a água para ambos do lago (Rio Tocantins). Outro problema são as terras pouco agricultáveis, não tendo uma boa utilidade para o plantio de lavouras que eram usadas para a produção de alimentos que os moradores consumiam. Ao colher depoimentos de dois dos entrevistados, ambos demonstraram o mesmo ponto de vista em relação a atual situação que esses moradores vivem, onde esses no momento não vêem uma solução para tamanho problema que causa sofrimento e transtorno, ao ouvir os seguintes depoimentos: “- **E.9** - *A água dos assentamentos tá ilndo daqui de Babaçulândia porque os poços que eles fizeram lá pro pessoal a água num presta é salgada.”*

“- **E.11** - *Getúlio, a parte mais crítica da construção da barragem está na Ilha de São José, o pessoal que tinha 74 família que vivia na Ilha de São José, cada uma tinha seu localzinho banhando em água franca, daí hoje aquele pessoal tá jogado em uma área de chão que eu quero que você veja, lugar pedregoso que não tem onde eles plantar um pé de maxixe e tão bebendo água de pipa quando o carro vai deixar (...), ao confrontar esses depoimentos com o que diz José Luiz Junior (2005, p. 02, pag), onde ele afirma que:*

Dano é o prejuízo causado a terceiros, ao se lesar bens juridicamente protegidos. Ele pode ser visto sob dois aspectos: patrimonial, no qual se atinge o patrimônio econômico do lesado; e extrapatrimonial ou moral, quando o prejuízo é causado no psicológico da vítima, ou seja, os direitos da personalidade que são afetados.

Alguns falaram que criaram seus filhos nos respectivos locais, e de repente tiveram de sair para outra região quebrando assim suas tradições, culturas e estilo de vida, sendo obrigados a mudarem de rotina forçados, onde muitos não demonstraram estar satisfeitos onde moram atualmente, um dos entrevistados falou sobre suas criações que não pode criar mais nada devido

estar na zona urbana em uma pequena extensão territorial, outro morador da Ilha, ainda ressaltou que se algum dia ocorre de a barragem desativar e a Ilha voltasse, ela seria a primeira a voltar a habitar a região, e afirma que mais pessoas pensam assim.

*“- E.3– O Prejuízo é que a gente saiu do local e veio pra e aqui a gente num se produz o que a gente tinha lá, que eu gostava de ter minhas criação e aqui num posso, aqui vivo num lugar que num crio nada.”*

*“- E.9 - Pra te falar a verdade teve muito, eu pra mim eu tô aqui, mas se chegasse a dizer assim, a barragem desativou a ilha tá de fora de novo a terra, e pode voltar de novo quem quer, pois eu era primeirinha, voltaria num piscar de olho.”* De acordo com Rezende (2002) “esses aspectos simbólicos dos indivíduos que são atingidos por empreendimento hidrelétrico não são citados dentro do processo de licenciamento ambiental.”

Procedendo foram investigados sobre os prejuízos em relação a alguma atividade laboral que servia para a geração de lucro ou seja, eram utilizados como fonte de renda extra, alguns argumentaram em relação a praia local que foi extinta, onde a mesma tinha um bom potencial turístico, que garantia uma boa geração de renda aos moradores que eram envolvidos com a mesma, pois lá existia vinte barracas comerciais, que tinha uma boa geração de renda que segundo um entrevistado o lucro era tão bom que se dividisse o mesmo por doze meses, ou seja, por um ano, dava em torno de um salário e meio por mês, onde ao se completar um ano ainda tinha dinheiro para iniciar uma nova temporada, e essa atividade foi perdida e os mesmos não foram indenizados e nem criado outra fonte de geração de renda para eles, que segundo o entrevistado “E7”, houve um enorme prejuízo sem ao menos eles terem sido ressarcidos: *“- E.7 – a minha maior fonte de renda era na praia, pois só minha barraca se eu dividisse o lucro por doze meses, ele me rendia um salário e meio, isso eu ganhava só na temporada, [...]”*.

*“- E.7 – Não, os barraqueiros nem indenizado foram, nem indenizado foram, [...]”* A associação dos barraqueiros, afirma o entrevistado que nem indenizado eles foram, onde existe uma ação desde 2009 na justiça que nunca teve um andamento ou parecer favorável, ressaltando que a associação foi criada em 1998, mais o uso da praia como fonte de renda já vinha de muitos atrás, e isso foi perdido não havendo negociação financeira e nem uma oportunidade de gerar

outros mecanismos para adquirirem renda para manterem suas vidas. Uma outra atividade foi a dos barqueiros que faziam o transportes de passageiros para a praia e para outros lugares, onde na temporada de praia, os mesmos tinham uma boa arrecadação, onde o entrevistado afirmou que além da temporada da praia o mesmo trabalhava em seu barco o ano inteiro transportando pessoas e mercadorias para outros locais e cidades vizinhas situadas na beira do rio, e com o enchimento, a extinção da praia, essa atividade acabou, alguns barcos saíram de atividade, outros foram vendidos para outras regiões, e a indenização não foi satisfatória, devido ter sido um valor bem baixo que não deu para cobrir o prejuízo, ou seja, o referido valor citado por um dos entrevistado, equivaleu por o que o mesmo arrecadava em uma temporada de praia, todavia ambos foram lesados e prejudicados sem ao menos poderem reivindicar seus direitos, onde o entrevistado explicou o seguinte: “- **E.8** - *Toda vida eu dependi do rio, eu era barqueiro, sou pescador, no período de praia eu trabalhava, [...], isso foi uma coisa que na verdade eu me sinto um dos caras bem prejudicados nesse lago aí, [...]*, Para Silva et al. (2005, p. 07), “os impactos ambientais do reservatório se relacionam com os impactos sociais, incluindo a desativação da atividade agrícola, diminuição de emprego, aumento no valor da terra.” Onde completa-se esse raciocínio ao analisar os seguintes trechos onde os entrevistados falaram que perderam suas terras e fontes de extração de renda: “- **E.3** - *Tirava o alimento de lá, de lá nós tinha nossas roças, bananal, muitas coisas nois colhia tudo de lá, nós vivia era de lá, criação que nois criava tudo era lá, e agora fiquemos sem.*”

“- **E.5** - *Tiremo o sustento lá de cima da terra, criemos nossos filhos tudo lá*”. Neste sentido Paccanella (1999, p. 47.) argumenta que “sempre que houver um prejuízo ambiental, objeto de comoção popular com ofensa a sentimento coletivo, estará presente o dano moral ambiental.” Para Bittar (2004, p. 49) “Tratam-se de valores do corpo, valores esses que não se confundem com os de cada pessoa, de cada célula, de cada elemento da coletividade.”

Em seguida, houve um momento da discussão que os entrevistados foram abordados sobre a relação do mesmo com o lugar, ou seja a questão do relacionamento com seus vizinhos, onde todos afirmaram que tinham uma ótima relação com os mesmos, e que após o remanejamento foi perdido o contato com a grande maioria, e essa perda observa-se nas falas de:

*“E.1 – Perdi com alguns, que se espalharam por aí por esse mundão se espalharam tem uns na Fazenda Mirindiba, que se espalharam, perdi o contato com alguns”.*

*“E.5 - Nós gostava dos vizinhos, e eles gostavam de nós, (risos)”*

*“E.10 – Meu Deus eu gostava de mais, de mais da conta, olha eu tenho Félix da dona Mundica, ainda hoje eles visitam nós aqui. Eu chamo ele é irmão Félix”.*

Ao fazer esse questionamento foi notório o sentimento de ambos que se mostraram tristes devido terem sido desfeitos um enlace que vinha de muitos anos entre os vizinhos, onde esses instigaram suas memórias buscando em suas mentes as lembranças que ficaram guardadas. Paccanella (1999, p. 47.) argumenta que “sempre que houver um prejuízo ambiental, objeto de comoção popular com ofensa ao sentimento coletivo, estará presente o dano moral ambiental”. Para Oliveira e Queiroz (2013, p. 09), ao trabalhar com direitos humanos buscamos também que “essa representação de mundo seja mais válida do que as demais, ou seja, que a cultura dos direitos humanos seja considerada superior à cultura das violações dos direitos humanos.”

Outro ponto foi a relação com o local, sendo investigado há quanto tempo ambos moravam no local: - **Ent.** – *Vocês moravam há quantos anos lá no local onde foi inundado?*

*“- E.5 – Quarenta e cinco anos.”*

*“- E.1 – Nasci em Carolina e vim pra cá com oito anos.”, uma das entrevistadas usou algumas vezes em seu discurso a frase “E.9 – [...] Um lugar igual a ilha num existe mais aí no planeta mais não, que agora tá debaixo d’água, [...]”* analisando essas e outras falas percebe-se o apego que essas pessoas tinham pela região, onde afirmavam que seus locais de origem eram mais tranquilos, transmitiam mais segurança, e afirmam eles que não gostaram de terem saídos de seus respectivos locais de origem. Através desses relatos busca-se educar as futuras gerações para que ambos tenham uma visão em relação ao direito de escolhas do cidadão, onde Oliveira e Queiroz (2013, p. 04) diz que “Educar em Direitos Humanos traz um agir que luta por uma sociedade mais justa e que valorize, com ética, as diversas formas do ser.”

Dando sequência as entrevistas, em algum momento das mesmas foi questionado sobre as memórias com o local, onde um dos entrevistados ressaltou que sente um grande apego pela cidade, região e pessoas, porém com

o avanço tecnológico eles tem que se atualizarem e tentar conviver sem aquilo que foi perdido, senão irão sofrer mais, com isso tem que se atualizarem, onde ressalta que no passado foi muito bom, mas que não devia ficar muito apegado com o que foi perdido, mesmo tendo um apego ele tem que procurar uma maneira de sanar o vazio que foi perdido, o referido trecho narra esse sentimento: “- **E.6** – *Hoje em questão de apego, a gente tem um apego porque hoje a tecnologia mudou né, ou você acompanha ela ou você vai sofrer né, então não é mais aquele, nós num vamo se apegar né, a gente lembra do passado pela uma parte foi bom, mais por outra, hoje a gente acha mais, assim mais fácil, e por isso a gente tem apego a cidade, que pra mim a cidade assim, eu tenho um grande por Babaçulândia, mesmo assim com esse impacto que teve a gente tem esse grande apego, até porque a gente tem muito amigo, conhece muita gente né, é a terra natal da gente né*”. Nessa fala, o entrevistado procura uma maneira de não focar seus sentimentos no que foi perdido, daí procura pensar que o acontecimento trouxe algo de bom, quando o mesmo faz uma ligação entre o apego e a tecnologia, onde afirma que o ser não pode ter apego e sim aprender a conviver com as percas, todavia afirma que o apego ainda tem, nesse aspecto ocorre um dano moral maior que o ambiental causando uma ofensa ao sentimento coletivo, onde Paccanella (1999. p. 47), “fala que esse tipo de dano não tem repercussão no mundo físico, material, sendo de cunho subjetivo à semelhança do dano moral individual.” Analisando outra entrevista a pessoa afirma que após sua saída só voltou uma vez no antigo local, onde a mesma não reconheceu mais onde era localizado sua casa, e outros locais, onde afirma que teve um grande abalo emocional, usou até um termo dizendo que ficou desorientada, e segundo ela em sua nova residência a mesma não sai de dentro de casa porque o terreno não é favorável sendo muito úmido e liso impossibilitando o traslado no local, daí a entrevistada narrou que fica o dia inteiro dentro de casa esperando a noite chegar para dormir, e ao amanhecer o dia a mesma rotina: “- **E.3** - *Eu mesmo só fui uma vez lá, o “meu filho” me levou lá um pedacim aí eu só ficava olhando pro lugar onde nós morava só me dava vontade de chorar, só olhando pra água lá, num sabia nem onde ficava as coisas lá, ele que ficava dizendo mamãe bem aqui é assim, assim, a gente fica desorientada*”. Analisando esse trecho percebe-se o sentimento de dor, em sua acepção de sofrimento, pesar, mágoa, antes necessário para “a caracterização

do dano moral individual, cede espaço a outros valores que afetam negativamente a coletividade, como é o caso da lesão imaterial ambiental.” (LEITE, 2003, p. 294).

Uma outra entrevistada afirma em uma parte da entrevista, que não gostou da mudança, veio obrigada e se pudesse voltaria para seu local de origem: “- **E.9** - *Pra te falar a verdade teve muito, eu pra mim eu tô aqui, mas se chegasse a dizer assim, a barragem desativou a ilha tá de fora de novo a terra, e pode voltar de novo quem quer, pois eu era primeirinha, voltaria num piscar de olho*”. “O modo como têm sido utilizados e gerenciados os recursos hídricos tem levado a um nível de degradação ambiental e a um risco de escassez que comprometem a qualidade de vida.” (FERREIRA; CUNHA, 2005, p. 93). Baseado nesses diálogos, levanta-se pontos que podem ser discutidos na sala de aula com o objetivo de estar preparando cada vez mais os alunos para serem cidadãos capazes de intervir e construir um futuro em que as pessoas e seus costumes possam ser levados mais a sério dando um respeito às mesmas em relação a suas escolhas, a partir daí levantar questionamento e instigar o pensamento sobre os direitos das pessoas como uma causa de todos, com isso Oliveira e Queiroz (2015, p.04), diz que;

Educar em Direitos Humanos passa pelo estabelecimento de um olhar crítico para a sociedade, um olhar que permite se indignar com aquilo que é considerado normal, instigando à percepção das violações de Direitos Humanos existentes, [...].

Em outra parte das entrevistas foram questionados sobre os danos emocionais e materiais, onde os entrevistados expressaram que houve um desrespeito com eles, afirmando que um dono de casa tem seus costumes e hábitos, e de repente tem de mudar toda uma rotina de vida, alguns saíram do campo e veio para a cidade com isso perdendo sua qualidade de vida, que segundo um relato citado um entrevistado narrou que em sua residência antiga situada em uma chácara, ela mantinha um ritmo de atividades diferentes, na qual se dedicava ao cultivo de ortas, lavoura, criação de animais domésticos de corte e outras atividades que preenchiam sua rotina, na qual isso lhe proporcionava um bem estar e melhor qualidade de vida, explanando que sua mãe uma senhora de cento e um anos não aceitava a saída de sua casa e só pedia para voltar, e não podia mais: “- **E.3** – *O Prejuízo é que a gente saiu do local e veio pra e aqui*



*a gente num se produz o que a gente tinha lá, que eu gostava de ter minhas criação e aqui num posso, aqui vivo num lugar que num crio nada”.*

*“- E.3- Afetou de mais você sabe que um dono de casa é acostumado desde pequeno labutar suas criação, e aqui num pode mais né”.*

Desse modo, José Luiz Junior (2005, p. 02, pag), onde ele afirma que:

Dano é o prejuízo causado a terceiros, ao se lesar bens juridicamente protegidos. Ele pode ser visto sob dois aspectos: patrimonial, no qual se atinge o patrimônio econômico do lesado; e extrapatrimonial ou moral, quando o prejuízo é causado no psicológico da vítima, ou seja, os direitos da personalidade que são afetados.

A premissa de “Educar para Nunca Mais” busca, além da promoção da história, o resgate e a reconstrução da memória. Busca, durante os processos educativos, um espaço de quebra da cultura do silêncio, onde as pessoas perdem o medo de falar e expõe ao mundo seus pontos de vistas relacionadas a determinadas ações sofridas pelos mesmos. Na proposta de educação libertadora de Paulo Freire, “a conscientização do indivíduo ocorre por meio do diálogo mediado pelas suas condições de existência. Assim, procura-se lembrar das violações para que elas não voltem a acontecer.”

Ainda falando em desrespeito social de caráter emocional, um entrevistado afirmou que ao findar sua atividade, como citado acima, que era o uso de barcos no transporte de pessoas e cargas, a indenização não foi satisfatória, isso causando um transtorno ao mesmo, onde afirma que aquela atividade além de gerar recursos para sustentar sua família, era uma tradição que ele desenvolvía com satisfação e foi tirado do mesmo: *“- E.8 – Foi, foi desrespeitado, porque o que é vinte e um mil, pra quem vem tendo toda uma atividade, tirando o sustento da família aí de dentro do rio, como a gente vivia, com barca com tudo, mexendo com passageiro, com carga, com gente e tudo porque aquilo ali foi uma coisa que foi tirado e cabousse, aquilo ali num volta mais”.* A outra entrevistada falou em relação a sua mãe que não aceitava sair de sua casa e ao sair essa senhora pedia a todo instante para voltar:

*“- E.3 - Foi com isso, ela num aceitava sair, quando ela chegou pra cá só chamava pra ir embora pra lá, tudo dela era chamando pra nós voltar pra lá, ela morreu tava com cento e um anos.”*

Com esses relatos percebe-se que ambos não gostaram do que aconteceu com os mesmos e demonstram um sentimento de insatisfação e

revolta em relação aos fatos ocorridos na qual todos foram lesados emocionalmente e com isso carregam um sentimento de tristeza, angústia e perda. Baseado no que diz Rothman (2000), “não são observadas as histórias de vida, identidade com o local, se o morador depende da região para sua sobrevivência, se o novo local é propício para ser habitado.”

Ao analisar as entrevistadas comentadas acima, percebe-se vários prejuízos financeiros que foram muitos na qual muitos perderam sua fonte de geração de renda, casa, terra e não houve uma indenização satisfatória onde para alguns não houve de maneira alguma negociação financeira, para Silva et al. (2005), “os impactos ambientais do reservatório se relacionam com os impactos sociais, incluindo a desativação da atividade agrícola, diminuição de emprego, aumento no valor da terra.”

Um dos entrevistados afirma que perdeu um sítio que valia uma quantidade bem alta, dos vinte e oito alqueires de terra só ficou com quatro, perdeu ma plantação de coco, e outras frutas, e a indenização não cobriu esses danos e nem possibilitou o mesmo a comprar outra propriedade equivalente, e além do prejuízo financeiro veio o prejuízo emocional, pois afirma que o mesmo perdeu seu local que tanto investiu e sonhou para passar a vida com sua família após sua aposentadoria: “- **E.1** - Tive, eu perdi um sítio que valia um milhão e trinta e sete mil, por causa da “muié” (mulher) que não soube dar entrevista eu perdi, perdi, tinha vinte e oito alqueires de terra fiquei com quatro, e perdi emocionalmente onde fiz meu sítio pra viver a velhice, passar a velhice né? Só pé de coco eu tinha cento e cinquenta pés de coco carregado que era pra beber com “Wisky” de baixos dos pés de coco aí comeu tudo, goiaba tinha limão tinha tudo”. Nesse trecho o entrevistado deixa explícito os prejuízos que ele teve que passa além da perda de parte de sua terra, sítio, plantações, ele perdeu um ambiente que ele planejou para desfrutar após a aposentadoria ao lado da família, onde ele até deu um leve sorriso com olhar de amargura ao lembrar de tudo o que tinha e perdeu. Ao olhar esse trecho levanta-se uma dúvida em relação aos que não foram atingidos se ambos tem consciência desse enorme prejuízo emocional. Para Oliveira e Queiroz (2013, p. 21) “Entender a luta nos movimentos sociais ajuda a compreender nossa posição enquanto ativos na busca pelos direitos sociais, civis, econômicos, ambientais, etc.”

Outro ponto foi em relação há alguns terrenos que foram desapropriados e não indenizados, deixando os mesmos desamparados, que segundo um dos entrevistados na época em que adquiriu seu terreno a mesma teve de comprar, e tempos depois para com a construção da usina hidrelétrica, tendo que desapropriar os mesmos não houve uma indenização havendo a perda do terreno devido o mesmo está nominal a prefeitura municipal, segundo a mesma ela ficou com um sentimento de revolta com o descaso, por parte da empresa e dos políticos que não se manifestaram a favor dos mesmos: “- **E.10** – Foi o que aconteceu, saímos de lá todo mundo com a mão na frente e outra atrás, [...] porque na época pra gente morar lá, cada um tinha que comprar sua terra, aí então pra vender, na hora de você ser indenizado, essa terra é da prefeitura, isso aí você não vai receber indenização que é da prefeitura. Pense numa pessoa que é indignada, eu tinha minha tarefa de terra lá escriturada, e perdi.”

Para Suassuna (2008, p. 49);

A autora narra que o deslocamento populacional é uma das etapas mais complexas do processo de implantação de grandes usinas hidrelétricas desencadeando problemas e transformações, principalmente no campo social, econômico e político. Onde ocorre também uma grande negligência com a dimensão social na implantação de grandes projetos tem sido a causa de intensos conflitos entre empreendedores e populações atingidas.

Ao realizar as entrevistas também foi investigado sobre os benefícios que o referido empreendimento trouxe ao município, e segundo relatos houve uma melhoria nas residências, surgindo novas construções, alguns conseguiram comprar automóveis novos, houve uma melhoria nas estradas: “- **E.11** - Olha, prejuízo foi o tanto de coisa que ficou alagada, agora as construções que surgiram geralmente foram melhor do que aqueles que tinham, principalmente aquelas da beira do rio, as casas não eram tão boas, hoje eles construíram os pegaram aquela indenização, os que souberam segurar construíram casas melhores, compraram carro, fizeram essas cozinhas, agora, só que aquela festa foi pouco tempo, o que eles pegaram a mais da casa desapareceu, acabou aquela fatura de carro que eles andavam correndo por aí queimando gasolina acabou tudo, agora cada qual ficou na sua casinha melhor do que o que era, isso aí teve essa vantagem.”

Outro entrevistado falou que houve uma melhora em relação a assistência médica e a facilidade em fazer compras devido estarem mais próximos ao comércio: “- **E.5** – Não, mais assim, lá era muito bom, porque nois tinha nossas coisas tudo lá, mais da vez que nois mudamos pra cá que eu achei uma facilidade assim, tem um médico bem i perto, o que a gente quer comprar, só não tem o que a gente tinha lá, mais passa todo dia na porta da gente, a gente compra.”

Uma outra entrevistada ressaltou que houve uma melhoria em relação ao ensino devido os filhos terem uma oportunidade de estudarem em escolas melhores: “- **E.9** - Pra mim a única coisa que eu achei de vantagem foi ter tirado meus filhos de lá porque o ensino de lá era mais fraco, e aqui tá sendo melhor porque os dois filhos mais velhos que eu tenho já terminaram o ensino médio, e tem os outros dois aí que tão estudando mais melhorou cem por cento, porque lá era mais”. “- **E.11** - Olha, pra quem gosta de brincar, aqui ficou melhor, a orla ficou boa, convida os turistas, tudo bem, eu concordo, veio alguma melhoria pra cidade, muitas casas boas nasceram, foram construídas, mudou um pouco, o CESTE trabalhou bastante pelo sertão, agente ver onde tinha uma ponte velha, colocou ponte de cimento, tudo bem, melhorou, mas eu acredito que todo esse benefício não foi suficiente pra cobrir o prejuízo.” No mais o prejuízo foi maior, isso resalta todos os entrevistados. “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 1996, p. 477).

Ao analisar as entrevistas transcritas, através dos techos citados acima onde criou-se episódios e categorias com o objetivo de ouvir os relatos dos moradores da cidade de Babaçulândia em relação a construção da UHE Estreito que trouxe a eles uma mudança em suas vidas, com conclui-se que esse remanejamento não trouxe um bem estar para todo esse pessoal, onde os mesmos não tem uma qualidade de vida boa, havendo perdas incalculáveis, onde todos sentiram-se lesados e não puderam fazer nada para reverter, pois afirmam que não houve uma negociação com os mesmos, nem pesquisa de opinião para saberem se ambos eram a favor do remanejamento, qual motivo da construção, qual a demanda da produção dessa energia já que a mesma não abastece a região. Com os depoimentos ouvidos, e confrontados com as

referências, observa-se que os impactos são grandes na vida das pessoas que sofrem o dano, e de acordo com a Comissão Mundial de Barragens (2000, p. 31), “as decisões devem valorizar as questões sociais e as questões ligadas à saúde e ao ecossistema como parte integrante do projeto e do desenvolvimento da bacia fluvial.” Evitar impactos é prioritário, em conformidade com o princípio da precaução. E como narrou a introdução, a cidade passou por vários momentos desde as primeiras casas que surgiram na beira do rio Tocantins, os comércios locais e toda uma rotina de vida que foi se criando, crescendo e tomando forma, onde de povoado passou a ser cidade que ao se construir gradativamente por um período grande de tempo, foi ganhando moradores vindos de outras regiões para construir suas vidas na referida cidade, onde o rio foi sempre uma grande fonte de geração de renda, lazer, transporte, subsistência e demais utilidade, e que esse tinha uma extensão grande que proporcionava a vida nas margens do mesmo. Com o passar dos anos houve por parte do Governo Federal a necessidade de gerar mais energia elétrica afim de suprir demandas, Para Ribeiro e Bassani (2011, p. 05/06) Goldemberg e Moreira (2005):

Torna-se necessário um planejamento com vistas a melhorias na produção energética nacional devendo ser considerada não apenas a quantidade de energia necessária para a sociedade, mas principalmente em que região ela é mais prioritária e como os menos favorecidos terão acesso a ela, [...], por uma questão de segurança, essa demanda deveria ser suprida a partir de diversas fontes, pois seria melhor do que depender de uma ou duas, como acontece atualmente.

Devido essa geração de energia houve a necessidade de construir a barragem localizada em Estreito, e essa levou ao barramento do rio que causou a grande inundação que veio a impactar o município de Babaçulândia e outras cidades.

Através desses relatos, pretende-se produzir materiais didáticos com o objetivo de estar formando cidadãos que venham a pensar e formar opiniões, onde é fundamental para compreender que a “Educação em Direitos Humanos é um compromisso com a construção de uma sociedade mais democrática, cidadã e humana.” (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2015, p.17).

Dessa forma o presente trabalho buscou fazer uma ligação entre ciência tecnologia e sociedade, onde trabalhar com impactos sociais, poder estar

trazendo para dentro das salas de aulas a importância de se estudar e retratar as memórias, onde Oliveira e Queiroz (2015, p 24), traz que;

O diálogo entre as áreas de Educação em Ciências e Educação em Direitos Humanos nos traz o compromisso de formar professores que, se necessitarem, possam produzir materiais didáticos para o Ensino de Ciências, Química, Física e Biologia. Assim, buscamos os Direitos Humanos como transversais à elaboração dos materiais didáticos. Ao falar de materiais didáticos podemos pensar em uma gama de materiais que possuem como foco a experimentação de baixo custo, a elaboração de textos de divulgação científica, materiais que tenham como base a História das Ciências, possuam uma abordagem CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente), valorizem as possibilidades que o lúdico traz para o ensino-aprendizagem de Ciências, se apoiem na relação entre a Ciência e a Arte, que tragam as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC"s), etc.

No trabalho proposto, foi abordado sobre o impacto social causado pela geração de energia elétrica por uso de barragem, e através dele mostrar aos estudantes de ciências como ela é gerada, onde mostra-se os grandes impactos sociais e econômicos que isso pode gerar. Na tentativa de construir cidadãos conscientes que possam intervir no meio social criando um diálogo convincente que possa vir ajudar pessoas que sofreram ou sofram esse tipo de violação de seus direitos, afim de que o ocorrido não possa se repetir novamente trazendo danos na vida de mais pessoas. Ainda baseados em Oliveira e Queiroz (2015, p. 04), "Partimos do princípio que ninguém nasce formado e pensando Direitos Humanos, assim como ninguém está completo. Temos muito para construir e faremos isso a partir do diálogo – juntos."

## **CAPÍTULO - 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou investigar o que dizem os moradores da Cidade de Babaçulândia que foram removidos da sua região de origem devido a construção da barragem que faz parte do reservatório de água da Usina Hidrelétrica de Estreito TO-MA. Para Castro (2009, p.15), o autor afirma que muitas vezes a construção de usinas hidrelétricas passa uma ideia de desenvolvimento, com geração de empregos e produção de energia limpa. Com isso, afirma o autor que ligado a essa ideia de progresso, vai existir diversos impactos socioambientais e culturais de caráter irreversíveis, ligado a perda do lugar habitado, havendo alterações dos costumes, modo de vida, biodiversidade, e outros fatores.

Observou-se com a pesquisa, que os atingidos pela UHE Estreito relatam que possuíam um ritmo de vida bastante aconchegante, onde tinham satisfação em residir em suas antigas moradias, devido há visão de mundo que ambos foram construindo no decorrer de suas vidas, sendo que o meio ambiente e a grande biodiversidade lhes davam recursos necessários para garantirem seus sustentos e suas sobrevivência, e para eles o que era importante não era só as terras, água, plantações, atividades como pesca e outras, existia um sentimento que vai além de bens materiais ou qualquer outro recurso, que era o sentimento que ambos pertenciam há um determinado local com seus costumes e apegos, e isso foi perdido devido a construção da Barragem que dá suporte a Usina Hidrelétrica de Estreito TO-MA, sendo que essa geração de energia elétrica não abastece os municípios impactados, no referido caso a cidade de Babaçulândia Tocantins, local impactado que serviu como campo de pesquisa. As ações causadas pelo setor elétrico, relativas ao remanejamento populacional, pautavam-se com o objetivo predominante de liberar, ao menor custo possível e dentro do cronograma de obras, as terras necessárias para a formação do reservatório e implantação da infraestrutura de apoio ao empreendimento. Com isso existe a necessidade de haver mecanismos que irão propor aos atingidos uma vida melhor proporcionando-lhes conforto, sempre respeitando seus direitos materiais e não-materiais, também respeitando os limites que existe em relação a degradação da natureza. No decorrer das entrevistas ficou claro que os benefícios econômicos oferecidos pelo Governo para suprir as perdas, não

foram suficientes para trazer uma boa qualidade de vida aos impactados, faltando a eles uma melhor assistência que também inclui ajuda psicológica já que o sentimento de perda é notório entre eles.

Ao analisar os depoimentos, fica evidente o retrato das violações dos direitos humanos causados pela construção da Usina Hidrelétrica de Estreito TO-MA, com isso objetiva-se com esse trabalho, levantar um debate que trará ideias que possam propor ações que venham surtir efeitos para o que aconteceu com as cidades e pessoas impactadas, não venha a acontecer novamente com outras pessoas e locais. Baseado no objetivo de construir uma sala de aula onde possa-se trabalhar ciência voltada ao bem estar social, o trabalho realizado através de pesquisa de campo no uso de entrevistas semi-estruturadas como fonte de coleta de dados, que ao serem trabalhados na Universidade, possam ser produzidos materiais de uso didático, e usados em escolas e estender esses na sociedade em geral, afim de formar cidadãos conscientes e preparados para uma vida social, bem como utilizar-se da ciência e tecnologia fazendo uma ligação com os Direitos Humanos, onde um dos objetivos central foi estender o ensino de Química e o ensino de ciências no geral no meio social, afim de caminhar junto aos acontecimentos que ocorrem na atualidade que podem trazer benefícios, e também prejuízos ligados a perdas irreparáveis, há um determinado grupo de pessoas, com isso reforçar que a prática da cidadania é um dever de todos e principalmente da ação docente, e que as aulas de Químicas não possam estar ligadas apenas em fórmulas e cálculos ou até mesmo memorizações de conteúdos e estruturas, e sim usar este espaço para interligar a ciência há outros fatores que são de interesses sociais no geral. Nesta forma trabalhando com o resgate das memórias, trazendo para o presente informações de como ocorreram os fatos que levaram a referida cidade a sofrer uma enorme transformação. Além disso alertar aos governantes que não é só geração de energia e renda que valem a pena, mais o ser humano deve ser respeitado e inserido na sociedade de forma igualitária para quando se pensar na construção de uma obra civil, pessoas possam ser ouvidas sendo necessário um estudo social, regional, econômico e moral, para assim bolar estratégias que não venham trazer danos e perdas incalculáveis que vão além das necessidades que o dinheiro possa pagar, para que os direitos dos seres humanos não sejam violados afim de interesses particulares. Através desse



trabalho mostrou-se o que os moradores da cidade Babaçulândia pensam sobre a construção da Barragem que traz por logomarca energia limpa, todavia essa energia limpa não se enquadra quando o assunto se refere aos danos emocional, patrimonial e financeiros que essa grande obra causou na vida das pessoas entrevistadas e demais moradores retirados das áreas que foram alagadas. A pesquisa trouxe um resultado que teve pontos negativos, e com ela espera-se que as pessoas possam serem vistas com um olhar mais humano e não comercial, e o que veio a ocorrer com a cidade e pessoas não venha a acontecer novamente com outras, onde espera-se do governo que ao se planejar a construção de uma obra, que os malefícios de caráter emocional e psicológico possam ser analisados e levados em consideração para que casos como esses não volte a acontecer. Os valores coletivos, dizem respeito à comunidade como um todo, independentemente de suas partes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (Brasil) (ANEEL). **Atlas de energia elétrica**. 2. ed. Brasília. 2005 Disponível em:

<[http://www3.aneel.gov.br/atlas/atlas\\_2edicao/download.htm](http://www3.aneel.gov.br/atlas/atlas_2edicao/download.htm)> Acesso em: 10 de Agosto de 2015

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA – ANEEL. **Atlas de Energia Elétrica do Brasil**, 2008. Disponível em: <[www.aneel.gov.br](http://www.aneel.gov.br)>. Acesso em: junho de 2015.

AULER, D.; DELIZOICOV, D. **Alfabetização científico-tecnológica para quê? Ensaio: pesquisa em educação em ciências**, v. 3, n. 1, p. 105-115, 2001

AULER, D. **Movimento Ciência-TecnologiaSociedade (CTS): Modalidades, Problemas e Perspectivas em sua Implementação no Ensino de Física**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 6, Florianópolis. Atas. Florianópolis, 1998.

BITTAR, F. Carlos Alberto. **Do dano moral coletivo no atual contexto jurídico brasileiro.**”In: Revista de Direito do consumidor. São Paulo: Revista dos Tribunais, n. 12, out./dez. p. 49 1994.

\_\_\_\_\_. Carlos Alberto. Dano moral colectivo: contornos no Direito Civil brasileiro. Verbo Jurídico. Disponível em: <[http:// www.verbojuridico.net](http://www.verbojuridico.net).> Acesso em: 27 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_, Carlos Alberto. **Do dano moral coletivo no atual contexto jurídico brasileiro.**”In: Revista de Direito do consumidor. São Paulo: Revista dos Tribunais, n. 12, out./dez. p. 49 1994.

CANDAU, V. M. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos**. Educação e Sociedade, vol.33, jan-mar, 2012.

CASTRO, B. L. G. **Critérios socioambientais de reposição de perdas e realocização para atingidos por barragens: um estudo sobre o povoado de Palmatuba-TO**. Brasília, Dissertação (Mestrado em Geografia) - UnB, 2009.

COMISSÃO MUNDIAL DE BARRAGENS. **Barragens e desenvolvimento: um novo modelo para a tomada de decisões**. Um sumário. Novembro de 2000 ([www.dams.org//docs/overview/cmb\\_sumario.pdf](http://www.dams.org/docs/overview/cmb_sumario.pdf))

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de (coord..) Uma ideia em formação continuada em direitos humanos. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teóricos-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2007.

COSTA, H. S. **Renováveis: a energia que o mundo precisa**. Revista Sustentabilidade. Disponível em: <<http://www.revistasustentabilidade.com.br/artigos/renovaveis-a-energia-queo-mundo-precisa>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2015.

Cruz, C. B.; Silva, V. P. **Grandes projetos de investimento: a construção de hidrelétricas e a criação de novos territórios**. Sociedade & Natureza, 22(1), 181-190, 2010.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: **Fundamentos teórico-metodológicos**/ Rosa Maria Godoy Silveira, et al. – João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 513 .

ELETROBRÁS, **Plano Diretor de Meio Ambiente do Setor Elétrico**. Vol2. Rio de Janeiro, 1990

FERREIRA, D. T. A. M. et al. **Perdas simbólicas e os atingidos por barragens: o caso da Usina Hidrelétrica de Estreito, Brasil Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 30, p. 73-87, jul. 2014.

FERREIRA, A.; CUNHA, C **Sustentabilidade ambiental da água consumida no Município do Rio de Janeiro, Brasil**. Rev Panam Salud Publica. 2005, Vol.18(1):93–99.

FEARNSIDE, P. **The devastating effects of tsunamis, big hydroelectric dams and other clear energy**. 2011. Disponível em: <<http://www.climateconnections>>. Acesso em: 13.08.2015.

FONSECA, Maria Odila. **O Direito à Informação. Arquivo e História**. Revista do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n 2, out. 1996. P. 17-32.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

GADOTTI, M. **Lições de Freire**. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100002&script=sci_arttext). Acesso em maio de 2005.

GIDDENS, A. **Risco, confiança e reflexividade**. IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. Modernização Reflexiva. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOLDEMBERG, J.; LUCON, O. (2007). **Energia e meio ambiente no Brasil**. Estud. av. São Paulo, vol. 21, n. 59. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 mai. 2015.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, v. 22, Nº 37, p. 7-32, Porto Alegre - RS, 1999.

MOREIRA, J. R.. **Política energética no Brasil**. Estud. av. São Paulo, vol. 19, n. 55. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 mai 2010.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. etalli. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. **Licenciamento ambiental da UHE de Estreito: Processo UHE de Estreito (Rio Tocantins)** - n.º 02001.008624/2000-64. Palmas, TO, 2000.

JUNIOR, José Luiz. **Responsabilidade civil por danos ambientais**. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/perfil/exibir/95595/Jose-Luiz-Junior>. Acesso em: 27.06.2015, às 09h e 23 min.

LEANDRO J. J Babaçulândia: **dos tempos de Coco aos dias de Agimiro Costa** / J. J. Leandro. – Goiânia: Kelps, 2008 150 p.: il. ISBN: 978-85-7766-4207 1.História – Babaçulândia (Tocantins). I Título.

LEÃO, R. P. S. GTD: **geração, transmissão e distribuição de energia elétrica. Texto para uso didático** - Departamento de Engenharia Elétrica, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<http://www.dee.ufc.br/~rleao/GTD/1Introducao.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

LEITE, José Rubens Morato. **Dano ambiental: do individual ao coletivo extrapatrimonial**. 2a ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

LUÑO, Antonio Enrique Pérez. **Los derechos humanos:Significación, estatuto jurídico y sistema**. Sevilla: Universidade de Sevilla, 1979.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MASSOLI, E. C e BORGES, F. Q: **Análise das Extremidades Geradas pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA) e o Processo de Desenvolvimento**:. Ano de 2014.

MENESTRINO, E. **Povos tradicionais: do lugar ao não-lugar**. Palmas, Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - UFT, 2010.

\_\_\_\_\_; Gomes Parente, T. **O estudo das territorialidades dos povos tradicionais impactados pelos empreendimentos hidrelétricos no Tocantins**. Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium, 1-19, 2011.

MIRANDA, E. E. **A água na natureza e na vida dos homens**. Aparecida/SP. Idéias e letras. 2004

MOUTINHO, P. 2006. **Biodiversidade e Mudança Climática sob um Enfoque Amazônico**. In: Rocha, C. et. al. Biologia da Conservação. Essências. São Carlos, RIMA

MURRIETA, R. S. **Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Itaquí, Baixo Amazonas, Pará**. Revista de Antropologia, 44(2), 39-88, 2001.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. **Educação em Ciências e Direitos Humanos: reflexão-ação em/para uma sociedade plural**. Rio de Janeiro, Multifoco, 2013, 105p.

\_\_\_\_\_. **CTS-Arte: uma possibilidade de utilização da arte em aulas de Ciências**. Niterói, Conhecimento & Diversidade, 2013, p. 90-98.

OLIVEIRA, Raquel. **Paisagens industriais e desterritorialização de populações locais: Conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos**. In A insustentável leveza da política ambiental – Desenvolvimento e conflitos socioambientais. ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice Barros (Org). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. 288 p.

PACCAGNELLA, Luis Henrique. **Dano moral ambiental**. Revista de Direito Ambiental. São Paulo. 13 ed. 1999. pp.47. Apud SUASSUNA, Cynthia Carneiro de Albuquerque, Dano Moral Ambiental Coletivo em Populações Atingidas por Empreendimentos Hidrelétricos: O Caso de Petrolândia – PE. Disponível em: <http://www.revistascg.facc.ufrj.br/v2n14.pdf>. Acesso em: 26.06.2015, às 22h e 56min.

Rezende, L. P. **Dano moral e licenciamento ambiental de barragens hidrelétricas**. Curitiba: Juruá, 2002.

RIBEIRO, Viviane Wallen, S. M e BASSANI, Christina:  
**A QUESTÃO DA HIDRELÉTRICA COMO FONTE DE ENERGIA ESSENCIAL NO MODELO ATUAL DE SUSTENTABILIDADE: O CASO DE BELO MONTE**. VII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, agosto de 2011.

ROTHMAN, Franklin Daniel. **Mobilização, resistência e participação das comunidades atingidas por barragens: o Projeto de Acessória e o movimento dos atingidos por barragens em Minas Gerais Brasil**.

SANTOS, W. L. P. dos; MORTIMER, E. F. **Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no contexto da educação brasileira.** Ensaio: pesquisa em educação em ciências, v. 2, n. 2, p. 133-162, 2000.

SCHREIBER, G. P. **Usinas hidrelétricas.** São Paulo. Edgard Blücher, Rio de Janeiro, ENGEVIX. 1977.

SILVA JÚNIOR, J. M. **Reassentamentos rurais da Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães-Tocantins: a efetividade do programa de remanejamento populacional quanto a sua sustentabilidade socioambiental.** Palmas, Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - UFT, 2005.

SILVA, Pedro José da et al. **O ecologismo e o economismo das usinas hidrelétricas.** In Anais do VI Seminário Nacional da Gestão da Informação e do Conhecimento no Setor de Energia Elétrica, 2005.

SUASSUNA, Cynthia Carneiro de Albuquerque. **Dano moral ambiental coletivo em populações atingidas por empreendimentos hidrelétricos: O caso de Petrolândia (PE).** Âmbito Jurídico, Rio Grande, XI, n. 51, mar 2008. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=2480](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2480)>. Acesso em mar 2015.

TEIXEIRA, Simonne; MORAES, Allana et al. **Educación Patrimonial: aprendiendo a conocer el Patrimonio Cultural. "Primeras Jornadas Del Mercosur y Segundas Bonarenses sobre Patrimonio Cultural y Vida Cotidiana".** ISBN 987-21148-6-2). Novembro/2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VEGARA, J. M. et al. **Introducción al medio ambiente y la sostenibilidad.** Barcelona: Vicens Vives. 2004, pág. 192.

WILSON, M. **A energia.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. 200p

## **ANEXOS: (ENTREVISTA)**

### **TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

#### **REALIZADAS NO DIA PRIMEIRO DE MARÇO DE DOIS MIL E QUINZE – (DOMINGO).**

**Pesquisador: Getúlio Dias Neto – Acadêmico do Curso de Licenciatura em Química pela Universidade Federal do Tocantins, nas área de CTS – Ciência Tecnologia e Sociedade e Direitos Humanos. Orientado pelo Professor Msc. Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira. (Colaboradores: Marcos Bejamim de Queiroz e Antonio Brito Sousa).**

**ENTREVISTA REALIZADA COM ONZE PESSOAS IMPACTADAS COM A CONSTRUÇÃO DA UHE - ESTREITO DA CIDADE DE BABAÇULÂNDIA TOCANTINS. TODAVIA SÃO NOVE ENTREVISTAS DEVIDO DUAS DAS ENTREVISTAS FORAM O CASAL QUE PARTICIPOU.**

**- Primeiro Entrevistado: E.1. (Na condição de Chacareiro situada no Povoado Barra da Arraia.)**

- Getúlio – **E.1**, bom dia o nosso foco aqui hoje a gente quer fazer uma entrevista com tigo, é um projeto meu, vai ser um projeto de TCC, um projeto da faculdade onde irei fazer uma pesquisa, mas você vai tá aberto para falar o que quiser também, e para início eu preciso de tua assinatura aqui, assina aí pra mim.

- **E.1** -, há pode,

- Eu - **E.1** -

- **E.1** - Silva. pode sim,

- Roberto - (interveiu falando) - Tem que perguntar se pode entrevistar, tirar foto.

- Getúlio - Pode deixar que aqui eu sou de casa.

- Getúlio - Aí assim, aqui eu vou te entrevistar, fotografar, fazer umas perguntas,

- Você é natural de Babaçulândia?

- **E.1** -nasci em Carolina e vim pra cá com oito anos.

- Getúlio – Mora há quanto tempo aqui na cidade?

- **E.1** - desde 1960.

- Getúlio - É, quando a cidade foi inundada, quando veio a obra você tava aqui mais teve uma parte da chácara sua que foi inundada?

- **E.1** - Foi inundada, é, e eu já vim pra cá correndo das enchentes mesmo da beira do rio, eu morava lá.

- Eu – Certo e morava há quanto tempo na Barra da Araia?

- **E.1** - Chácara na Barra da Arraia, de, dos anos de 78.

- Eu – Certo, Você dependia do rio, lá do terreno inundado, das pessoas que moravam na região para ter alguma fonte de renda?

- **E.1** - Dependia, dependia do rio pra pescar da terra pra criar gado, plantar vazante, criar galinha, porco.

- Eu – Certo aí no caso além de você tinha outras pessoas prejudicadas que dependiam também da sua terra pra.

- **E.1** - Teve muitas, só gente que dependiam de mim lá era bem umas oito pessoas.

- Eu – Pra que assim, o que que eles faziam?

- **E.1** - Trabalhando nas terras nossas plantando vazante, criando gado, quebrando coco.

- Eu – Certo, lá você do convívio com seus vizinhos, da região?

- **E.1** - Gostava e ainda gosto não tenho nenhum inimigo agora.

- Eu – E após a mudança perdeu o contato com eles, com alguns?

- **E.1** - Perdi com alguns, que se espalharam por aí por esse mundão se espalharam tem uns na Fazenda Mirindiba, que se espalharam, perdi o contato com alguns. – Eu – Certo, e com o enchimento teve uma transformação na cidade né? Aí muita coisa inundou, muita coisa boa, aí você perdeu mais o apego afetivo com cidade ou isso num influenciou, esse enchimento e a parte inundada?

- **E.1** - Não, não, num teve influência não, a gente ficou mais foi sentindo falta das partes inundadas.

- Eu – Certo, e mesmo assim não perdeu a ligação com a cidade né?

- **E.1** - Não.

- Eu – É, em relação é pra você pessoalmente e no coletivo pode me citar aí os benefícios, se é que trouxe, pode me citar.

- **E.1** - É os benefícios é que melhorou as estradas, energia, ao contrário tirou as terras boas, agricultáveis tudo né, quase tudo, o prejuízo maior foi esse aí mesmo.

- Eu – você pensa tanto pra você.

- **E.1** - quanto pra os outros.

- Eu – Em relação você você teve algum prejuízo financeiro, patrimonial, territorial, emocional?

- **E.1** - Tive, eu perdi um sítio que valia um milhão e trinta e sete mil, por causa da “muié” (mulher) que não soube dar entrevista eu perdi, perdi, tinha vinte e oito alqueires de terra fiquei com quatro, e perdi emocionalmente onde fiz meu sítio pra viver a velhice, passar a velhice né? Só pé de coco eu tinha cento e cinquenta pés de coco carregado que era pra beber com Wisky de baixos dos pés de coco aí comeu tudo, goiaba tinha limão tinha tudo.

- Eu – Então a gente pode concluir que era um projeto que você construído pra curtir com a família os filhos e netos e foi.



- **E.1** - e as namoradas também.

- Eu – Que foi de água abaixo né?

-Eu – Você acha que a cidade desenvolveu, teve mais ganho ou mais percas? Com essa construção?

- **E.1** - Teve mais perda! Teve mais perda porque antigamente a feira ali no mercado era topando uns nos outros entrando e deixando uns nos outros, hoje em dia é vazii não tem ninguém, nem cachorro num mais lá dentro nem gato nem nada! Vazii mesmo.

– Eu – Foi um prejuízo econômico né?

- **E.1** - foi um prejuízo, foi terrível.

– Eu – A escola.

- **E.1** - a escola também foi um prejuízo terrível, aí com esses remanejamentos das escolas os alunos foram embora quase tudo.

- Eu – Escolas fecharam né? A escola paroquial foi fechada.

- **E.1** - fecharam, foi um prejuízo danado.

- Eu – Certo, ii Como você ver o impacto ambiental, social, cultural e emocional que essa construção trouxe a comunidade?

- **E.1** - Foi um impacto muito grande morreu muitos velhos, só de emoção né? Ao ver perder as coisas e o pior que daqui poucos dias, poucos anos vai fazer outra em cima dela pra subir porque eles não vão querer fazer uma barragem lá é só suspender, mermo que ta vendo pode escrever isso aí.

- Eu – Então acredita-se que essa obra pode aumentar mais.

- **E.1** - pode,

- Eu - e vim a impactar mais ainda?

- **E.1** - Mais ainda, eles num quer dizer para o povo um ficar espantado.

– Eu – Certo, agora aqui é uma parte bem menos que tu pode falar tudo, Em relação a desapropriação você que tava aqui na época, houve um diálogo, uma negociação, a proposta foi boa? Ou foi algo assim meio forçado sabe?

- **E.1** - Não, foi forçado eles já vinham com um plano, o plano feitim, é isso aqui com corda ou sem corda era do mesmo jeito, do jeito que eles queria,

- Eu – Então eles froçava as pessoas a sair da casa?

- **E.1** - Forçava a assinar os papéis.

– Eu – Éé, a negociação teve benefício? Foi uma negociação boa, ou meio que tapa buraco?

- **E.1** - Ficou muita gente, a maioria prejudicado, só pra dizer que.

– Eu – Certo, É, sabe se teve alguém que ficou sem ser idenizado que tinha sua casinha e hoje não tem nada, mora de aluguel? Mora de favor?

- **E.1** - Sei muitos, só lá perto da minha chácara eu posso citar o Valdo do Timba num ganhou nada, o Ozéias num ganhou nada, o Almir num ganhou nada, o Zezão num ganhou nada, O, aquele véi Adãozão num ganhou nada, pelo menos esses pertim de mim num ganharam nada, todos morava lá, o Valdo nasceu e se criou ali meu amigo o Valmir Também, ganharam nada.

- Eu – Agora essa é uma pergunta assim mais pra pessoal pessoalmente e pode ser pra ti e pra família? – O que mudou em sua vida após essa mudança vinda com esse empreendimento? O que você acha que mudou assim, de bom ou de ruim?

- **E.1** - Eu acho que foi só de ruim pra mim, porque o que eu tenho as coisas que eu tenho hoje era as que eu tinha e num eram muito né, como no caso da terra né, eu tinha vinete e oito alqueires e fiquei com quatro, pra mim não foi bom.

- Eu – Éé você que isso poderia ter sido evitado? Se a barragem si? Pelo seu conhecimento até porque você é professor.

- **E.1** - Eu acho.

- Eu – Tinha como eles não ter feito isso ou?

- **E.1** - Tinha feito mais baixo, tinha que ter feito seis metros mais baixos que não tinha atingido o povo assim não, bastava seis metros né? Esses sítios nosso tinha ficado tudo fora e funcionava do mesmo jeito a energia.

- Eu – Então assim no seu ponto de vista é momneto algum eles respeitaram a cidade, respeitaram o emocional?

- **E.1** - Não.

- Eu – O meio ambiente só pensou neles,

- **E.1** - Só pensou neles, nem as associações eles num respeitaram

- Eu – Até porque a energia num vem nada pra Babaçulândia, não diminuiu nada, o imposto.

- **E.1** - Só aumentou, só aumentou mais, e muito né? Teve vantagem não.

- Eu – I em seu ponto de vista qual foi objetivo da construção da UHE – Estreito?

- **E.1** - Eles dizem que o objetivo dela era num deixar faltar energia no Brasil, mais e mais e mais, mais eu acho que o objetivo mesmo foi ganhar dinheiro nas costas do povo.

- Eu – Agora aqui pra encerrar, - Sabemos que a obra já foi concluída e a gente não pode reverter mais o impacto causado.

- **E.1** - Não.

- Eu – É aquela história o que tá feito tá feito, é na sua opinião o que o Governo Federal, você sabe que isso aí é uma obra federal? Junto com a empresa responsável pela obra podem estar fazendo para melhorar a qualidade de vida da população? E quais oportunidades eles podem criar para os mesmo se reestruturarem, no caso a partir de agora? Porque o que tá feito.

- **E.1** - O que o governo tinha que fazer agora era financiar o pessoal para criar pequenos animais e peixe, né? Eles tinha que dá um'a taxa bem menor mesmo pra esse pessoal de energia, pra poder funcionar né? Tinha que fazer isso né, pra melhorar era isso. – Eu – Tem uma parte interessante aqui que eu quero que tu fale tudo é, em relação você foi um dos fundador do colégio Leopoldo de Bulhões.

- **E.1** - foi, foi,

-Eu - Eu estudei lá meu pai.

- **E.1** - Foi.

- Eu – Eu queria você contasse um pouco da história da história daquele colégio, a população que ele atendia? E qual o prejuízo que com o remanejamento dele lá porquê, fizeram outro prédio por nome Leopoldo de Bulhões porém aquele lá não é o Leopoldo de Bulhões, quer dizer eu lembro que a gente comemorou uma vez os cinquenta anos de desfile, acredito que agora ele tá com quê? Com três anos de existência né? A nova escola é, aquele lá se acabou?

- **E.1** - Se acabou.

- Eu – Aí sim qual história dessa escola você pode contar pra nós? A população que ela atendia?

- **E.1** - O Leopoldo de Bulhões que podemos dizer assim, podia se dizer único, foi lá que apareceu o segundo grau, o primeiro grau primeiro né? Depois o segundo grau juntava todo o povo do município ali, é como se fosse uma referência assim um tipo uma reunião, todo mundo só ia pro Leopoldo, depois disso espatifou tudo né? Criaram um aqui no Enrique de Brito, criaram um aqui na rua de areia, e perdeu aquela, aquele como se diz, perdeu aquela história, aquela tradição.

– Eu – Em relação ao desfile de sete de setembro.

- **E.1** - Cabou também ficou tudo bagunçado, num existe mais a tradição, ficou tudo diferente perdemos muito com isso aí. - Eu – É você deu aula quantos anos lá mesmo?

- **E.1** - trinta e sete anos.

- Eu – Trinta e sete anos? E lá a gente sabe que teve muitas pessoas igual o próprio hino fala que lá fora num vive em vão, que o pessoal hoje que é medico, engenheiro, os filhos da cidade quando eles vinham na cidade eles tinham o hábito de voltar na escola e se depois da escola nova esse hábito se perdeu?

- **E.1** - As vezes voltava e depois da escola acho que num voltou mais não, nós tem muita gente formado e topo com eles noutros lugares em Araguaína Hê professor e só isso mas na escola num vejo não, perderam aquele contato.

– Eu – Agora pra finalizar eu quero que faça assim uma biografia própria, teu nome o que você desenvolveu, qual papel você desempenhou aqui no município? Como Professor, como Político, em relação a sua família? Assim uma biografia pra mim encerrar.

- **E.1** - Eu nasci em Carolina em 1950, e morava no Belo Monte ali de frente a barra da Arraia, dali aos sete anos mudamos pra macambira aqui de frente Babaçulândia, ali eu fiquei estudando remando canoa pra vim estudar no Leopoldo, eu vinha remando canoa todo dia pra estudar ia e vinha até que a mamãe mudou pra cá mais o papai e fiquei estudando primário aqui, depois num tinha mesmo pra onde ir, esperei um pouco, criou o Ginázio Tira Dentes o Zé Aguiar mais os Padres pelejaram e criaram esse Ginázio Tira Dentes, estudei no Ginázio Tira Dentes, e num tinha pra onde ir fui pra Polícia Militar passei em primeiro lugar no concurso da Polícia mais não quis, achei feio bater em gente e fui estudar em Tocantinópolis segundo grau, daí voltei fui trabalhar na Prefeitura, comecei dar aula e fiquei por aqui, mais tarde estudei me formei bacharel em Tocantinópolis e continuei por aqui, fui Diretor três vezes da Escola, fui Vereador vinte quatro anos num ganhei nada com isso mais num me arrependo eu gosto de muita gente, tenho muita amizade, e tô por aqui esperando dias melhores mesmo, eu quero que fica só do jeito que tá, enquanto a morte chega.

– Eu – Certo, então, **E.1**, te agradeço pelo tempo, pelo depoimento, para mim é uma satisfação, fui ex aluno seu, meu pai foi seu aluno.

- **E.1** - Foi um prazer.

- Eu – E foi bem contribuinte aqui como falei no início isso aqui vai servir pro meu TCC é um projeto de pesquisa.

- **E.1** - É bom, é bom.

- Eu – Pra publicar porque é um sonho que eu tinha de escrever, não que a barragem acontecesse mas já que aconteceu eu sempre tive esse projeto de pelo menos escrever e tar narrando, que essa é uma forma de você gritar pro mundo que as pessoas também tem sentimentos porque o que não é só energia.

– Eu - Né só dinheiro que vale não, e cada ser humano é único.

- **E.1** - É único, até os cérebros são compostos diferentes né? Muito bem, quer comer melancia?

**- Segundo Entrevistado: E.2, E.3. (Moradores da Região – Corrente.)**

- Eu – Seu E.2 eu, senta aqui, pode sentar aqui, a minha visita aqui hoje, eu vim fazer uma entrevista com você.

- **E.2** - É mesmo, hum.

- Eu - É um trabalho meu de Faculdade, eu to escrevendo sobre o impacto causado pela barragem, como eu sei que vocês são moradores daqui há muito tempo, foram impactados com a barragem e saíram, teve que sair da casa, tiveram que vim pra rua porque lá não teve mais como morar, eu queria saber se você me autoriza eu fazer só umas perguntinhas, não vai comprometer nada seu E.2, você me conhece e sabe que.

- **E.2** - Não, pode fazer meu amigo.

- Eu – É umas perguntinhas básicas, e para iniciar, eu quero que o senhor me assina aqui uma autorização, só autorizando. – Eu vou fazer essa entrevista

porque é necessário, aqui é um trabalho meu de faculdade, aí eu vou fotografar, gravar, tem problema não, certo?

- **E.3** - Tem nada.
- **E.2** - Tem não, acho que não.
- Eu – Não, eu quero que você assine aqui pra mim.
- **E.3** - Nós saímos há cinco anos da minha casa.
- Eu – Cinco, né? - A senhora pode sentar aqui perto, que a pergunta é pros dois, que eu vou gravar. – Aqui também seu E.2.
- **E.2** - De novo?
- Eu – É. Vamo lá, a senhora quer sentar mais aqui perto dona Nesci?
- **E.3** - Sento sim. Tô com as pernas fraca pra andar, ando toda tropa vea.
- Filha do casal – O que é mãe?
- Eu – Tamo fazendo aqui uma entrevista pra há um trabalho.
- Filha do Casal – Há bom.
- Roberto – É bom saber as respostas deles.
- Eu – É os dois, é por isso que eu pensei neles aui por são conhecidos ii. E lá o lugar onde era deles que foi impactados era uma beleza de sítio, o corrente não tinha defeito.
- **E.3** - É, uma coisa que gente tinha e num dava valor né, uma maravilha o nosso local lá.
- Eu – Prontim né?
- **E.3** - É.
- Eu – Seu E.2, pra inicio eu que você fale seu nome completo e ela também?
- Zé Luíz – Meu nome completo é E.2.
- Eu – e o seu?
- **E.3** – E.3.
- Eu – Certo. É vocês dois, vocês são natural de Babaçulândia? Nasceram aqui ou vieram?
- **E.3** - Eu sou natural de Filadélfia, nasci lá no município de Filadélfia num lugar chamado alegria, e depois nós mudamos pra cá.
- Eu – E o senhor seu E.2, você é natural daqui?
- **E.2** - Não, eu sou natural do Maranhão, nasci no município de Loreto.
- Eu – Veio prá cá em média com quantos anos de idade?
- **E.2** - Rapaz eu tinha mais ou menos, uns vinte, uns vinte e seis anos parece.
- Eu - Vocês tem média de quantos anos vocês moram na cidade?

- **E.3** - Aqui, depois que nós mudamos pra cá?
- Eu – Não, lá local onde foi impactado?
- **E.3** - Há sim, lá no corrente ali?
- Eu – Na realidade em qual parte vocês residiam, vocês residiam aonde no município quando a obra foi construída?
- **E.3** - Lá naquela chácara mesmo na Fazenda Nova, era o nome da Fazenda, Fazenda Nova.
- Eu – Na beira do?
- **E.3** - Do corrente. Na beira do corrente, fazenda nova na beira do corrente.
- Certo – Aí vocês moravam há quantos anos no referido lugar?
- **E.3** - Nor mudamos pra lá foi, em dois mil, fii de Deus Mais eu tô esquecida.
- **E.2** - Junho de setenta e dois.
- **E.3** - Junho de setenta e dois.
- Eu – Mês de Junho né?
- **E.2** - setenta e dois né, saímos da alegria pra cá.
- Eu – Certo, é vocês dependiam lá do rio, da região pro sustento de vocês lá, tiravam o alimento de lá?
- **E.3** - Tirva o alimento de lá, de lá nós tinha nossas roças, bananal, muitas coisas nois colhia tudo de lá, nós vivia era de lá, criação que nois criava tudo era lá, e agora fiquemos sem.
- Eu – E o senhor, qual era sua fonte de renda lá, você mexia com?
- **E.2** - Lá eu, não eu só mexia mesmo com roça, plantava tudo, nois tinha, tudo de roça nois tinha, criação de galinha.
- Eu - Além de vocês tinha outras pessoas, tinha outras pessoas que dpendia também do lugar, que dependia de vocês, da terra de vocês pra tirar o sustento, tinha mais família?
- **E.3** - Tinha meus filhos, que iam lá trabalhar né?
- **E.2** - Tinha, tinha os fii. Tinha o Ciço, o Emerson que morava ali perto.
- **E.3** - Tinha sim.
- Eu – Certo, e assim, algum momento da vida de vocês antes, antes de construir a barragem vocês pensou algum dia que essa obra ia acontecer e vim e causar esse impacto, vocês tinha.
- **E.3** - Eu pensava, as vez falava, eu pensava que nunca ia acontecer isso eles falava isso meu fii, mais isso aconteceu, e eu nunca acreditava que eu ia sair de minha casa, e chegou de eu sair.
- Filha do Casal – Quer ver ela chorar aí.

- Eu – E o senhor seu E.2, o senhor tinha essa ideia também que um dia pudesse acontecer?

- **E.2** - Rapaz, o povo quando falaram nessa barragem que sempre as coisas aqui é assim, quando é pra ter, sair um negócio desses o povo fala há muito tempo, aí depois o tempo vai passando a gente pensa que nem vai acontecer mais aí quando der fé que não, chega, o tempo de chegar, até que chegou mesmo, aí foi preciso.

- Eu – É lá na região vocês tinham vizinho né?

- **E.2** - Tinha vizinho.

- Eu – E, vocês gostava do contato com os vizinhos?

- Eu – E com a mudança vocês perdeu o contato com eles, teve vizinho que deixou de andar na sua casa?

- **E.3** - Deixou, teve muitos vizinhos que deixou, a gente veio pra cá e se acabou, fica aqui perto dos outros vizinhos que a gente num tem nem muito contato.

- Eu – E o que o senhor tem também?

- **E.2** - Getúlio eu falo a mesma coisa, que o negócio é esse mesmo que ela falou.

- Eu - E vocês ainda tem assim apego lá com a região, apego com a cidade mesmo depois da transformação, tem aquele apego.

- **E.3** - Eu penso muito lá no meu locla, nunca mais, desde do dia que eu sai de lá, nunca mais, lá num pode nem andar, tá tudo cheio de água, acabou num ver nem o lugar, nem o alicerse de onde nois ficava lá.

- Eu – Mais você ainda lembra certin como era o local lá né?

- **E.3** - Lembro de mais, lembro direitim lá do meu quintal, você sabe que, como é que era lá! Meu sítio fico recordando tudo, recordo tudo, mas tá tudo dentro d'água acabou.

- Eu – E o senhor, também?

- **E.2** -Também Getúlio, a mesma coisa, a gente lembra direitim de quando agente trabalhava naqueles mato aquelas roças, aquilo tudo, as coisas nois tinha lá, as criação, a luta do serviço do dia a dia, a gente lembra direitim, nunca esquece viu, esquece mais demora.

- Eu - E com essa construção vocês tiveram um prejuízo financeiro, patrimonial, territorial, e emocional?

- **E.3** - Todos eles, todos eles.

- Eu – Sim você citar pra mim qual os prejuízos, de cada, em relação a territorial?

- **E.3** - O Prejuízo é que a gente saiu do local e veio pra e aqui a gente num se produz o que a gente tinha lá, que eu gostava de ter minhas criação e aqui num posso, aqui vivo num lugar que num crio nada.

- Eu – Até emocionalmente afetou né?

- **E.3** - Afetou de mais você sabe que um dono de casa é acostumado desde pequeno labutar suas criação, e aqui num pode mais né.
- Filha do casal – A sua mãe morreu né?
- Eu – Há pois é, é isso que eu quero chegar?
- **E.3** - A minha mãe eu sai de lá e trouxe ela pra cá e morou aqui mais eu até o dia em Deus levou ela tava aqui na minha companhia.
- Eu - Então a gente pode falar, é a dona (XXX) né?
- Nesci – É a dona (XXX).
- Eu – A dona (XXX) é, veio a falecer por um impacto emocional com isso né?
- **E.3** - Foi com isso, ela num aceitava sair, quando ela chegou pra cá só chamava pra ir embora pra lá, tudo dela era chamando pra nós voltar pra lá, ela morreu tava com cento e um anos.
- Eu – Então isso pode dizer que antecipou, né? Ela perdeu a qualidade de vida.
- **E.3** - Isso, ela perdeu a qualidade de vida.
- Eu - Certo, e o senhor também?
- **E.2** - Pois é Getúlio, é a mesma coisinha que ela falou, é isso mesmo porque, ela já saiu de lá velhinha e não queria sair e depois que chegou aqui ela já tava bem velhinha mesmo caducando, e quais todo dia ela pedia pra voltar lá, num esquecia não, e num podia né, num tinha mais como nós voltar pra lá!
- Eu – É, vocês que vocês tiveram algum benefício próprio, acha que a cidade desenvolveu com essa cosntrução ou não?
- **E.3** - Hum nan, nada, num teve benefício de nada, tamo aqui nesse lugar, socado na lama, desse jeito aqui, num posso nem sair pra fora, eu nem ando aqui é só dentro de casa mesmo, até na casa dos fii é difícil pra mim ir por causa da lama.
- Eu - Eu sei, e a construtora eles vem prestar algum serviço aqui pra vocês, eles tão prestando assistência ou largaram depois que entregam a obra?
- **E.3** - Largaram, nunca deram assistência nehuma, apenas eles pagaram o valzinho do pedacinho de terra eles pagaram aí meus filhos tomaram de conta e construíram essa casinha aqui pra mim, e só.
- Eu – e só, do sítio que você tinha só tem hoje?
- **E.3** - Só essa casa aqui, essa casinha bem aqui, você sabe como era lá! Verdade.
- Eu – Certo,e você pode observar que até aqui na cidade é rodeado de grade por uma questão de segurança, no sertão não tinha isso, né?
- **E.3** - Segurança né, no sertão tinha isso meu fii, lá nois ficava lá a vontade, dormia com a porta aberta, isso.



- **E.2** - É desse jeito mesmo Getúlio, aqui, lá era uma vida tranquila a gente trabalhava mais tinha as coisas pra gente sobreviver, e era bom, lugar era o corrente. E aqui, é só aqui mesmo e num tem.

- Eu – E assim e em relação ao impacto ambiental como é que você relacionar e dizer o que teve? O que você pode citar, em relação meio ambiente em si?

- Obs. (Houve um silêncio entre os dois demonstrando não entender a pergunta.)

- Eu – Assim ,é que houve um enchimento, e com o enchimento houve um impacto, derrubaram as árvores, muita coisa foi inundada o que você acha disso, de o homem ta fazendo uma obra assim pra impactar?

- **E.2** - É, não, é, ai é ruim de mais.

- **E.3** - Ruim de mais. Num pode como é que pessoa vai sobreviver com tudo acabado assim desse jeito, desse jeito nós mesmo num aceita, derrubou tudo, acabou tudo.

- Eu – Quando eles foram lá pra desapropriar, quando começou a construir o projeto de construção da barragem eles tiveram assim uma negociação, foi um diálogo bom ou foi uma coisa assim meio que forçado? Eles foram lá conversaram? Explicaram o benefício ou foi uma coisa assim forçado?

- **E.2** - Não, o dia que eles foram lá pra fazer a propostas deles, eles falaram que lá a arezinha nossa eles só pagavam secessenta reais, que era cinco alqueires.

- **E.3** - Secenta mil.

- **E.2** - Secenta Mil, só pagavam vinte mil o alqueiro.

- **E.3** - Dá três alqueiros, aí eles pagaram esses preço aí, secenta, aí no comeo disse que pra valorizar o sítio da casa, aí no fim num foi nada, só mesmo a terra seca que foi valorizada.

- Filha do casal - E eles botavam pressão mesmo, tinha que sair, tinha que sair.

- **E.3** - Era, eles iam todo dia botar pressão pra sair. Que era pra sair, sai, e nem pra essa casa eu num vim, fui pra casa dessa fia bem aí, fui lá pra casa dela e passei uns três meses com meus trens largado, depois foi que eu recebi o dinheiro lá foi que eu construi minha casa, foi que teva amudança, foi que eupassei pra dentro, tava tudo feito mais tudo na lama, pisando aqui, depois que os fii acabaram de arrumar.

- Eu – Então eles meio que precionaram vocês asaírem, não tiveram escolha, onde o valor da terra foi eles que deram, a terra vale isso?

- **E.3** - O valor da terra foi eles quem deram, foi só aquele tantim, num adiantava a gente pedir mais que elesnum davam não, era spo aquele tantim que eles davam, o que aconteceu foi só mesmo, só os sescenta mil, só deu mesmo pra mim fazer a minha casa.

- Eu – Você não tem mais nada de terra la na beira do corrente?

- **E.3** - Ficou, três, foi? Ficou um pedacim, que era cinco alqueiros e foi teirado três, ficou só esse pedacim lá na onta de cima lá.

- Eu – Hoje serve pra que esse alqueiro? Plantar, criar gado?
- **E.3** - Eu num tô nem mexendo com lá, dei pros filhos, os filhos é quem mexem com lá, eu num posso mais nem andar dentro de casa, to ruim pra andar, eu ando assim toda tropa, minha filha é quem cuida de mim aqui em casa.
- Eu – li, Como eu conheço a região eu sei que lá vocês usavam do corrente pra beber, banhar isso aí eu sei, panhavam no balde podia consumir que não tinha nada.
- **E.3** - Podiam consumir que não tinha nada.
- Eu – E hoje, vocês que essa água ainda serve pra beber? É uma água boa ou uma água suja?
- **E.3** - É uma água suja, num presta não, nós aqui mesmo nós bebe é que minha filha trouxe, é, aqueles filtro de filtrar a água, o purificador.
- Eu - Eu sei, então quando vão pra lá vocês tem que levar água pra beber né?
- **E.3** - Tem que levar água, que a água num presta pra beber não.
- Eu – e o que na vida de vocês, do casal, da família, após a construção dessa barragem? O que que mudou?
- **E.3** - Mudou de mal, pra de bom nadinha que lá quando eu tava lá vivia melhor, e agora depois que eu mudei pra cá nunca mais se senti bem, nem andar num pode andar num é, que lá a gente andava e agora só dentro de casa pra qui pra aculá, só aqui, tem dia que eu amanheço só caminhando nessa área aqui só. Nem no quintal eu num posso andar que é só a lama, é perigoso eu cair.
- Eu – Certo, e o senhor seu Zé Luíz?
- **E.2** - Rapaz é a mesma coisa que ela falou porque, lá era bom, onde tinha as coisas, trabalhava, era bom, e aqui, chemos aqui e fica só dentro dessa casa e num faz nada, só aqui mesmo dentro de casa, aí nesse pedacim de terra que sobrou lá, eles, tá lá, ninguém tá mechendo com nada lá não, eu mesmo num posso mais nem trabalhar porque fui operado do coração, o médico disse que eu num posso fazer mais nada, aí sobrou esse pedacim de terra lá, aí tá lá, ela deu pros filhos, porque ela num pode mais fazer nada lá, eu também num posso mais fazer nada lá.
- Eu – E também perdeu o ânimo de ir lá?
- **E.2** - Perdeu, num dá nem vontade ir lá.
- **E.3** - Eu mesmo só fui uma vez lá, o “meu filho” me levou lá um pedacim aí eu só ficava olhando pro lugar onde nós morava só me dava vontade de chorar, só olhando pra água lá, num sabia nem onde ficava as coisas lá, ele que ficava dizendo mamãe bem aqui é assim, assim, a gente fica desorientada.
- **E.2** - Só tinha água , mesmo pra olhar pra lá.
- Eu – A gente sabe que a obra já foi construída foi inundada e num pode mais voltar atrás né? Infelizmente.
- **E.3** - Infelizmente não.

- Eu – E vocês tem alguma a dizer, vocês acham que a partir de agora o que o governo federal a empresa responsável por isso, pela construção o que que eles podiam tá fazendo por a família, por nós, o que você acha?

- **E.3** - Acho que eles podiam tá dando assistência mais num era? Dando mais assistência ao pessoal que eles tiraram do local, mais eles num procura se a gente tá bem ou se mal, não, de jeito nenhum, é desse jeito.

- Eu – E o senhor?

- **E.2** - É a mesma coisa Getúlio porque eles nunca andaram aqui, nunca a gente nem conhece eles. Nunca vieram aqui.

- **E.3** - Nunca pisaram aqui, quando era pra tirar nós de lá tavam toda semana, depois que saímos nunca mais nos procuraram pra saber se tamo bem ou se tamo mal.

- **E.2** - Nó dia que eles pagaram nunca mais, o preço deles lá, aí eles falaram, agora vocês tirar o que quiserem de lá é pra tirar tudo, a cerca, arame, casa pode tirar, o que vocês quiserem levar, e aí o resto que ficcar nos vamos derribar tudo, derribaram tudo.

- Nesci – Eles fizeram foi enterrar tudim, tá tudo enterrado, aquele cocalão que tinha lá enterram tudo, os pé de laranja acabou com tudo, o resto da terra.

- **E.2** - Tá tudo limpim.

- **E.3** - Enterram tudo num deixaram nada ficar, acabou.

- **E.2** - Os palzão que tinha lá na beira do corrente acabou tudo. Lá na fonte cortaram tudo, derribaram tudo, ficoutudo limpo, enterram tudo.

- Eu – Pra encerrar tem alguma coisa que vocês queiram falar?

- **E.2** - Não, Getúlio era só isso mesmo.

- Eu – A senhora?

- **E.3** - Não eu já expliquei tudo pra tu, já falei tudo.

- Eu – Agradeço o tempo de vocês (...)

- **E.3** - Sei, eu tô endento, entendo tudim.

- Roberto - A intenção da gente é fazer que o que aconteceu com evocês a gente num quer aconteça com os outros.

- **E.2** - O que a gente num deseja pra gente a gente num deseja pra ninguém.

### - Terceiro Entrevistados: E.4 e E.5. (Beira do Corrente)

- Eu – Pra início eu queria que vocês assinassem aqui, a autorização pra mim gravar, fotografar, fazer umas perguntinhas aqui pra vocês, tá?

- **E.4** - (Sorrisos)
- Eu – Qual dos dois quer assinar?
- **E.4** - O “E.5” é ruim pra assinar aqui, bora aqui pra mesa. Ele é ruim pra escrever.
- Eu – Pode fazer até aqui nessa mesa mesmo, senta um do lado e um do outro.
- Roberto – Faz aqui fora que é melhor.
- Eu – Aqui fora, ele vai só assinar aqui, daí nos vamos aí pra fora.
- **E.5** - É aqui em riba?
- **E.4** - Nessa linha aqui E.5.
- Filha do Casal – Eu vou botar ele aqui pra assinar, porque ele pra assinar tem que ter muita paciência.
- **E.4** - Paa paciência (hehehehe - risos)
- **E.5** - Ele é ruim.
- Obs.: (Silêncio enquanto ambos assinam)
- Eu – Só pra mim, como é o seu nome é, Henrique?
- **E.4** - É, Henrique Silva de Sousa.
- Eu – Aqui eu assino, a gente pode ali fora mesmo sentado.
- **E.5** - Pode.
- Filha do casal – Assinou pai?
- Eu – Assinou.
- **E.4** - Han, assinei (hahaha)
- Eu – E foi rápido.
- **E.5** - “Gargalhadas”
- **E.4** - “Gargalhadas”
- Eu – Vamos qui fora. Pode sentar aí tá tranquilo.
- **E.4** - Senta aí, pode sentar aí.
- Eu – É, então vamos iniciar aqui, bom dia, nome completo?
- **E.4** - “E.4”.
- Eu – O seu?
- **E.5** - O meu? É “E.5”.
- Eu – Sim, Vocês são natural de Babaçulândia?
- **E.5** - Somos.
- **E.4** - Somos (rsrsrs)

- Eu – São né? Ii, em qual parte, como vocês sabem que houve a construção da barragem, e com esa contrução formou-se um lago? E o pessol teve que mudar de lugar, em qual parte da região vocês moravam quando a obra foi feita? Quando foi inundada? O nome do lugar lá?

- **E.5** - Fazenda São Joaquim.

- Eu – Situado ná? Na região?

- Filha – No municipio de Babaçulândia né não?

- Eu – Na beira do Corrente.

- **E.5** - Na beira do corrente.

- **E.4** - (Risos).

- Eu – É, vocês moravam há quantos anos lá no local onde foi inundado?

- **E.5** - Quarenta e cinco anos.

- Eu – Lá no local onde foi inundado o que era que vocês tinham? Tinha uma casa, uma chácara?

- **E.5** - É, nois tinha nossa terrinha, nois tinha nossa chacinha boa lá.

- Eu – Vocês dependiam lá do lugar onde foi inindado? Dependiam da terra pra tirar o sustento, criaram os filhos?

- **E.5** - Tiremo o sustento lá de cima da terra, criemos nossos filhos tudo lá.

- Eu – Qual era a forma assim de renda que vocês tinham?

- **E.5** - Nois tinha vazante, nós plantava feijão,nós plantava milho, tudo. Canteiro.

- Eu – E o senhor?

- **E.4** - Tudo noiis fazia, fazia tudo e eu também (gargalhadas)

- Eu – Certo, ée, lá vocês tinham vizinhos né, era uma chacinha maos tinham vizinhos né,tinha um bom contato com esses vizinhos?

- **E.5** - Tinha.

- Eu – Vocês gostava dos vizinhos né?

- **E.5** - Nós gostava dos vizinhos, e eles gostavm de nós, rrsrsr

- **E.4** - Gostava, bom.

- Eu – É, após vocês ter saído ali do local, vocês perderam o contato com os vizinhos, ou ainda tem o contato com eles?

- **E.4** - Ainda tem o contato.

- **E.5** - Ainda tem contato. Tem né.

- Eu – Eles vem aqui visitar vocês, vem aqui na sua casa?

- **E.4** - Vem.

- **E.5** - Vem, vem ver nois.

- **E.4** - Vem.
- Eu – Certo, ii assim desde do tempo que vocês moravam lá, vocês imaginavam assim que essa barragem ia ser construída, ia ter essa revolução no local?
- **E.5** - Não, antes de nois, nois veio aqueles papel deles, desde há primeira vez que eles deixaram, a gente imaginava que eles iam fazer, nera?
- Eu – Eu sei, i tá certo. Vocês ainda apego lá com o local, apego lá com a região, mesmo após o impacto?
- **E.5** - Tem, todo final de semana nois vamos pra lá.
- Eu – Vocês gostaram de terem saído de lá ou não?
- **E.5** - Não, eu num gostei, você sabe.
- **E.4** - Eu num gostei não.
- **E.5** - Eu passar quarenta e cinco anos num lugar, criar os “fii” (filho) da gente tudim num lugar e depois sair. Num é mole não.
- **E.4** - Né bom não, rrsrs
- Eu – Tiveram algum prejuízo lá, territorial, emocional? Pós a saída teve prejuízo?
- **E.5** - Não, graças a Deus num tivemos não.
- Filha – Teve mamãe, porque a casa.
- **E.4** - Não assim.
- **E.5** - Há sim porque nois mandemos fazer essa casa aqui, o dinheiro que veio eu mandei fazer essa casa aqui. Nós mandemos fazer a outra casa lá.
- Filha – Não assim, deixa eu falar, foi a vazante que a senhora plantava, acabou tudo.
- **E.4** - A água tomou tudo.
- **E.5** - O meu sítio tomou tudo, o sítio muito bom, acabou num tem mais nada.
- **E.4** - Acabou.
- Eu – Em relação ao emocional, o que vocês acharam assim de ter mudado? Ficaram alegre, triste?
- **E.5** - Não, mais assim, lá era muito bom, porque nois tinha nossas coisas tudo lá, mais da vez que nois mudamos pra cá que eu achei uma facilidade assim, tem um médico bem i perto, o que a gente quer comprar, só não tem o que a gente tinha lá, mais passa todo dia na porta da gente, a gente compra.
- Eu – Sei, tiveram algum benefício próprio com essa cosntrução?
- **E.5** - (Gesto com a cabeça acenando que não)
- Eu – E no ponto de vista assim de você a cidade desenvolveu? Teve algum desenvolvimento? Ou foi ruim?

- **E.5** - Não, naquele tempo antes da barragem, só era uma rua, num era? E a depois que teve a barragem aumentou esse tanto de casa por aqui, que aqui num tinha nada.

- **E.4** - (Risos).

- Eu – Vocês acham que impactou o meio ambiente, vocês acham que as derrubadas foram erradas?

- **E.5** - Foi porque acabou tudo.

- Eu – Sim, na época que eles foram construir que disseram que vocês iam ter que mudar da cidade, eles negociaram com vocês? Fizeram uma proposta boa? Ou foi alguma coisa assim, eles forçaram a tá saindo?

- **E.5** - Não, eles num forçaram não.

- Eu – Eles conversaram, ofereceram a proposta?

- **E.5** - Conversaram.

- **E.4** - Conversaram.

- **E.5** - Iam lá em casa, e num era só uma vez não. Era muitas vezes que eles iam. Cada vez ia outro diferente.

- Roberto – Mais eles foram tantas vez porque? Pra tentar negociar? Oferecer valores?

- **E.5** - Não, eles num oferecia valor, eles não oferecia.

- Roberto – Como é que eles faziam essa negociação?

- **E.5** - Não, eles faziam assim, eles iam lá, diziam que iam fazer isso e aquilo, aí saia, mais no outro dia vinha outro já era outra conversa.

- Roberto – Era outra conversa diferente daquela primeira?

- **E.5** - Era, outra conversa diferente.

- Roberto – Mudava completamente a, o que que eles falaram que ia fazer?

- **E.5** - Não, eles só falavam que iam fazer, essa barragem deles e pronto.

- Eu – Em relação assim ao valor da terra, eles ofertaram, ou perguntaram quanto que a terra de vocês valia? E pagaram?

- **E.5** - Não, eles nunca perguntaram.

- **E.4** - Perguntaram não.

- **E.5** - Eles nunca perguntaram.

- Filha- Eles só andaram lá e quando chegaram com o pape já era com o valor.

- **E.5** - Era.

- Eu – Então em relação há esse valor, eles pagaram o que a terra valia? Pagaram menos? Ou pagaram mais?

- Filha – Não, eu acho que valia mais né, porque eles lá tinham muita coisa. Muita plantação, a área lá onde eles plantavam as coisas, as roças, tudo né, acho que valia mais, a casa.

- Eu – Eu sei, é o que assim que mudou na vida de vocês após a construção, a saída da casa, tanto de bom ou de ruim, o que que vocês acha?

- **E.5** - rrsrsr, eu nem sei.

- Filha – Não, de ruim mudou porque ela teve de sair de lá né?

- **E.5** - É.

- Filha – E de bom é que veio para cidade, é perto das coisas, de bom.

- **E.5** - Das minhas filhas.

- Filha – De nós que nós morava aqui e eles morava lá. E tá perto dos hospital aí, qualquer coisa que adecem já levam tá aqui pertim, por parte foi boa, mais foi ruim por eles teve de sair de lá né?

- **E.5** - É.

- Eu – Vocês ainda tem terra lá, ainda faz uso da terra lá?

- **E.4** - Faz.

- Eu – O que que vocês faz? A beira do corrente ainda presta pra banhar?

- **E.5** - Num vai nem perto.

- Eu – A água pra consumir? Pra beber?

- **E.5** - Não, pra.

- Filha – A água pra consumir, o Cigo botou uma bomba dentro do lago que fica perto. Aí ele pra banhar lavar ele puxa do lago, vem do lago, agora pra beber ele leva daqui.

- **E.5** - É ele leva daqui, quando ele num leva daqui ele vai pegar num de uma serra que tem lá perto.

- Eu – Eu sei, E assim como já foi construída, o lago tá feito, o que vocês que as autoridades no caso o governo federal que é o dono da obra e a própria empresa, o que eles podem vim a tá fazendo, pra família impactada, pra cidade para que melhore? Vocês que tem algo ainda há fazer? Eles prestam assistência, ainda vem aqui saber como é que vocês estão ou não?

- **E.5** - Faz dias que eles num vem aqui.

- Filha de vez em quando tem uns que vem aqui, né? Mais agora ultimamente de um mês pra cá eles num passaram mais não, mais de vez em quando passavam.

- Eu – Pra finalizar tem alguma coisa que vocês quiseram falar, alguma coisa que não perguntei, alguma história um relato?

- Eu – Então tá, eu quero agradecer vocês, esse aqui é um trabalho como eu falei no início, agora eu vou tirar uma foto com vocês, e tudo esse aqui vai ser



transcrito, isso aqui não ter nenhum prejuízo e o foco desse trabalho e que eu possa tá publicando e divulgando é uma forma de eu precionar o governo federal e outros que eles não podem só chegar de qualquer jeito, só fazer a obra e que isso que aconteceu com a gente não venha a acontecer futuramente e também vai ser um registro porque o pessoal que tá nascendo agora, os meus sobrinhos, seus bisnetos que não conheceram o corrente, isso aqui ficará registrado na memória da cidade, porque daqui um dia nós não vamos mais existir mais, nem eu nem você, é uma coisa pra ficar registrada.

- **E.5** - Com certeza.

- **Quarto Entrevistado: E.6. (Povoado Palmatuba).**

- Eu – Para início eu queria que você assinasse a autorização me autorização a te entrevistar, fotografar, e como eu falei é um trabalho da faculdade, eu sou aluno. Bora sentar. – Pra início bom dia, meu nome é Getúlio Dias Neto eu sou estudante da Universidade Federal do Tocantins, e também sou natural de Babaçulândia, e pra iniciar aqui o nosso trabalho, a rodade de perguntas eu quero que você me fale seu nome?

- **E.6** - E.6.

- Eu – Certo, Você é natural de onde seu E.6?

- **E.6** - Nazaré Tocantins, na época era Goiás né?

- Eu – Mora há quantos anos aqui na cidade?

- **E.6** - Praticamente foi, praticamente foi, eu cheguei aqui com dois anos, fui criado no bairro de areia, e faz parte da cidade né? E aos vinte e seis anos, vinte sete né, eu fui morar no Povoado Palmatuba o Garrancho né, onde morei lá por vinte e cinco anos, trabalhando de. Pode falar?

- Eu – Pode.

- **E.6** - roça, olaria, onde criei a família, uma parte, primeira família, e em 1999 eu mudei pra Babaçulândia.

- Eu – É, quando foi inundado, quando construíram a barragem em qual parte da cidade você tava morando?

- **E.6** - Rua Getúlio Vargas, na época era Getulino Artiaga né?

- Eu – E, você morou quanto tempo lá?

- **E.6** - Morei até, de 99 até 2009, mudei pra cá em 2009.

- Eu – E assim, como o senhor até citou, mais eu vou perguntar? Quando o senhor morou na Palmatuba na região que foi inundada, de certa forma você dependia do local, da terra pra retirar sua fonte de renda?

- **E.6** - Dependia, inclusive, era, era de olaria e de roça, roça no toco né, e na maioria das vezes o babaçu substitua, né, com o óleo com o carvão né, eu sei fazer carvão, sei trabalhar de roça sei quebrar coco sei cubrir casa de palha fazer plahó pra botar coco pra enxugar pra quebrar né, (risos) pois é.

- Eu – E olaria o que era que vocês produziam?
- **E.6** - Tijolos, telhas, comum né.
- Eu – Pote.
- **E.6** - Pote eu não produzia, era outras pessoas vizim que produziam.
- Eu – E, além do terreno, você, tinha mais gente que dependiam lá do local? Você pode citar?
- **E.6** - Tinha, tinha mais gente.
- Eu – O que, que você me falar pra mim lá do local, da fonte de renda local?
- **E.6** - Tinha, tinha mais gente, além de mim tinha uns vinte proprietários, umas vinte famílias que trabalhavam lá no local. Inclusive quando veio o impacto da barragem, muita gente já tinham saído de lá, né, ficou pouca gente lá, né, aliás na época muita gente já tinham até largado de trabalhar lá né? Inclusive depois surgiu uma história que o povo correu atrás pra ser indenizado daquele terreno e tal, aquilo outro, e até o momento não teve respostas não.
- Eu – Além da olaria qual a outra atividade que você pode citar que era a fonte de renda lá do lugar, se tinha outra associação?
- **E.6** - Não, tinha, a associação, depois foi criada uma outra associação respeito a extração do Babaçu, tira o óleo, fazer o carvão e depois vender alguns almenda de coc que já tava, e o pessoal num mais comprar, queria comprar era o óleo né, mais a maior parte era aí, e o peixe também né.
- Eu – Lá tinha a associação das quebradeiras né, que produziam peças de artesanatos né, o que você pode citar pra nós?
- **E.6** - Tinha, ela era uma associação valiosa, muita gente tava de beneficiando com aquela associação, inclusive quando o impacto da UE Estreito o pessoal sofreu muito e reclamou muito e ainda sofre até hoje, e acabou a associação, fizeram até um prédio aqui, esse prédio aqui (obs.: próximo a casa do mesmo) era pra associação mais que acho que por não entenderem não quiseram vim pra lá porque um ia pra um canto, outro pra outro, num ficou todo mundo em um lugar só né? Ficou espalhado e acharam fraco pra espalhar né, porque o pessoal dessa região eles quer mesmo é na região deles né, eles num quer outra região, aí quando eles chegam em outra região eles num quer, eles ficam estranhando né, ficam pensando que lá num vai dar né, eu num sei pra quem ficou esse prédio, ele é bem aqui na frente né.
- Eu – E a associação acabou né?
- **E.6** - Acabou.
- Eu – E, o pessoal que fazia essa atividade você sabe qual a fonte de renda deles atualmente, se ainda tem contato com eles?
- **E.6** - Não, uns moram em Araguaína, outros moram na Wanderlândia, outros moram aqui mesmo mais ficaram trabalhando em casa mesmo, né, porque eles não são empregados, os homens não são empregados, porque a profissão era aquela né. As mulheres trabalham em casa né.

- Eu – Seu “E.5”, você algum dia imaginou assim, pelo seu estilo de vida, imaginou que ia se construir essa barragem, que viesse a ter todo esse movimento que mexesse coma vida do pessoal?

- **E.6** - Não, não tinha ideia não, e até 1988, andou um pessoal lá uma turma de jovem fazendo pesquisa e falaram lá que já era um começo do projeto de criação da barragem, só que o povo não acreditava naquilo né, ninguém acreditava naquilo né, eu mesmo foi um, tinha umas áreas lá que a gente tirava barro, essa coisa né, algum capim, criava algum gado, a gente pegou e quando mudou em 99 deu aquilo baratim né, não sabia que, do que eia acontecer, depois que veio o cadastro em 2004 nós já tava aqui na cidade e aquelas terras que foi minha e de outros o pessoal foi quem ganharam dinheiro o que comprou por último né, nós não se lucramos de nada e naquela época eu já tava aqui, fui impactado, e o que eu reclamei foi o seguinte, que naquela época a minha casa tinha 120 saco de cimento (isso na obra construída) e uma casa como a do (vizinho, não citei por não haver autorizazão) você conheceu lá né? Valeu o mesmo preço da minha, aliás, só, só, a carta de crédito era quarenta e cinco mil e aminh casa valeu quarenta e seis e trezentos e pouco, e eu reclamei, porque achava que uma casa, assim de pal a pique tava valendo mais do que uma outra, um prédio né, porque aquela casa lá num valia só aquele pouquim né, só de u pra fazer essa aqui, o que eles me pagaram lá né?

- Eu – Eu sei, Lá os seus vizinhos, o senhor gostava do convívio com seus vizinhos?

- **E.6** - Gostava.

- Eu – Perdeu o contato com eles?

- **E.6** - Perdemos, com todos, perdemos o contato, inclusive quando a gente se vê a gente admira, a gente conversa, rapaz naquela época era bom na Palamtuba nera, e hoje a gente se vê, e difilmente a gente se encontrar com uma pessoa de lá né. Se espalhou todo mundo né.

- Eu – Com essa mudança que teve você ainda tem assim um apego com a cidade ou você tinha mais apego com a Babaçulândia antiga, que hoje a gente fala, Babaçulândia antiga e Babaçulândai nova?

- **E.6** - Hoje em questão de apego, a gente temum apego porque hoje a tecnologia mudou né, ou você acompanha ela ou você vai sofrer né, então não é mais aquele, nós num vamo se apegar né, a gente lembra do passado pela uma parte foi bom, mais por outra, hoje a gente acha mais, assim mais fácil, e por isso a gente tem apego a cidade, que pra mim a cidade assim, eu tenho um grande por Babaçulândia, mesmo assim com esse impacto que teve a gente tem esse grande apego, até porque a gente tem muito amigo, conhece muita gente né, é a terra natal da gente né.

- Eu – Você teve algum prejuízo financeiro, territorial, patrimonial, emocional? Com a construção?

- **E.6** - Teve sim, até porque teve uma parte que eu não entendi, saímos antes do local ser impactado, investimos tudo aquilo no que a gente tinha aqui que era o barraco né, uma casa e tá tudo aqui, não deu quase pra gente fazer a casa, que ainda falta muita coisa, falta calçada, falta terminar, aí assim né.

- Eu – Benefício próprio, você que você teve ou não? Acha que a cidade desenvolveu ou piorou com a construção?

- **E.6** - Eu, na minha opinião desenvolveu, até porque pessoas que não tinham casa pra morar, conseguiram arrumar dinheiro pra comprar uma casa pra morar, quem pegou no dinheiro e não comprou uma casa pra morar é porque não quis né. Né isso, e hoje onde nós tamo aqui melhorou, tem esse assentamento no município tem vários assentamentos, pode ter algum “difundado” mais tem, e hoje nós temos uma orla que não tinha aqui em Babaçulândia né, é um ponto turístico né, aí eu achei que melhorou bastante né, até mesmo pros jovens né, não achei que deu prejuízo assim. Aquele costume que a gente tinha de antigo, aquele de maneira ou por outro iria defazer né, que os mais velhos, nós tava até relutando, hoje a gente tem que ir lá panificadora comprar o pão pra merendar né, e naquela época ralava a mandioca, ralava o milho pra fazer o beiju, não era? Aqui a Maria fez um beiju esses dias e nós relatando pros meu netos esses dias, eles não sabem o que é beiju, que é o beiju feito de maça, maça rancada a mandioca, feita no ralo manual, fazia o beiju, nós num ia comprar pão porque, hoje você compra dois reais de pão, enrola ele assim e uma pessoa comedor (risos rrsrs) chega aí e come, então é isso né?

- Eu – É, como você ver assim o impacto ambiental que teve, como você sabe que que muito babaçu foi derrubado como você pode citar de isso aí pra mim o prejuízo ambiental?

- **E.6** - O prejuízo ambiental foi grande, hoje nós temos a cajá, nós num temos, a bacaba nesse terreno num tinha né, era baixada, só tem bacaba em beira de serra né, nós num temos a cajá, o murici, a buritirana é só em beira de brejo, o buriti sempre ainda tem nessas berada, mais essas coisas aí, acabou tudo, até a questão do peixe, quem num é inscrito num pode pescar né? Aí tem que comprar né, inscrito assim, quem não é pescador profissional num pode pescar né, então isso aí deu um impacto muito grande né, porque você sabe que hoje o leite teve um impacto grande porque o pessoal num usava ração pra ter o leite da vaca, porque era nativo e o pasto bom né, a forragem era boa pra alimentação do gado, hoje aí se num tiver num tem o leite né. Morreu muito babaçu, muito a gente ver onde num derrubou, a água matou né, então isso foi um impacto muito grande viu.

- Eu – Teve a questão das vazantes né?

- **E.6** - As vazantes.

- Eu – Melancia, abóbora, feijão você ainda acha isso na feira ou não?

- **E.6** - Não, pode ter mais não daqui nessa região não tem não.

- Eu – Antes tinha produzido aqui?

- **E.6** - Produzido aqui mesmo aqui na nossa região, beira do rio, as vazantes, Maia da Alta, Ribeirão de Pedra, Barra do Corrente né, isso aí era onde produzia né, a melancia a abóbora a mandioca mansa que dá “sêde” né, e hoje em dia você tem que compra tudo que vem de Araguaína pra cá né. (Silêncio por algum tempo) – a terra fértil não existe né, acabou né?

- Marcos – Qual o sentimento que você tem quando você lembra desse tempo que você morava lá e tinha toda essa fértil, toda essa fartura assim, e você tem algum sentimento de tristeza, de?

- **E.6** - Tem, eu tenho um sentimento de tristeza porque nunc mais a gente vai encontrar porque é um sentimento que a gente sabe que ele é contínuo né, ele num, a gente nunca mais vai encontrar aquilo que a gente tinha né? Embora você não usasse mais você sabia que tinha aquele, aquela área que você via, aquela terra aquele ambiente, é uma coisa que você, vinha de dentro né? E hoje em dia você precisando você passa é dia né, antigamente a gente tinha nossa beira de rio, nossas cerâmicas né, nossa beira de rio né, a gente sentava na beira do rii pra pescar conversando com o companheiro, e esse sentimento de emocional, esse num acaba né.

- Eu – O senhor que vivenciou aí o impacto quando eles anunciaram que iam construir a hidrelétrica, começou vim um pessoal pra negociar e falar, houve uma negociação com vocês, uma negociação benéfica ou foi uma coisa assim forçada? Eles chegaram e pediram sua opinião, se vocês aceitavam construir ou já chegaram dizendo que iam construir e vocês tinham que sair e a idenização, foi fraca, foi boa?

- **E.6** - Não, não, a negociação não foi boa né, eu num sei se a gente pode falar isso eu conversando com um rapaz ele me disse olha seu Valdemir, nós fomos lesados sobre a carta de crédito viu, porque eu vi uma carta que a carta de crédito is ser cento e vinte mil reais, essa questão que eles falavam assim, e quando eu peguei a carta que meu chefe me perguntou se eu tinha lido a carta? Eu não li, ele disse que pensou que a carta era pra ele, isso aí a gente sempre fala, né, como ele viu que não era pra ele, ele botou a carta na mesa, aí meu chefe viu, e botou a carta embaixo daqueles papeis que tem nos escritórios né, e no final a carta de crédito saiu quarenta e cinco mil reais, a aquisição, tinha a aquisição que passou passou da carta foi mil e poucos reais, então eu acho assim que a gente teve prejuízo né.

- Eu – E foi uma coisa meio que forçada né? Você não teve escolha, teve de aceitar?

- **E.6** - Foi forçada, porque eu não tive escolha tive de aceitar, e aqui não só eu, tinha que mudar, ou mudava ou jogavam os trens e derrubavam a casa por cima e nós mudemos pra cá com chuva, com os trens nas costas porque tinha passado do prazo de construir porque aqui não andava carro porque atola né, aí viemos pra cá sem terminar de construir.

- Eu – No seu ponto de vista assim, você sabe qual foi o objetivo da construção dessa barragem? O que eles informaram ou você viu?

- **E.6** - Não, num informaram nada né, sobre o objetivo né.

- Eu – Pra que que ele foi construída?

- **E.6** - Nunca falaram.

- Eu – Mais você sabe né, assim por experiência própria, conhecimento?

- **E.6** - Eu acho que, na minha opinião isso aí é, dinheiro faz tudo né, porque só ganha dinheiro quem tem dinheiro né pra investir, acho que a questão foi isso aí,

que é claro que eles não vão investir, um dia eles nos convidaram aí nós fomos lá, nos Estreito, nós vimos lá parece que foi dois milhões e seiscentos mil reais que era o montante do primeiro investimento e quando todo mundo tinha mudado aqui eles mandaram um documento dizendo do tanto que eles tinham gasto, aí eu disse rapaz aí tem dinheiro de mais, eles num gastaram nem até o meio ainda né, eu acho que o motivo é pra ganhar dinheiro né, e hoje nós temos uma energia cara, com tanta água, porque a energia vem da barragem né, e uma água também cara né, porque você tá dentro da água aqui e a água vem cara né, aí pra nós nesse sentido num teve muita vantagem não, em outros pontos teve, mais nesse sentido não.

- Eu – E seu “E.”, como a obra já foi feita é, foi impactado, foi inundado num tem mais o que fazer pra reverter, então no seu ponto de vista o que o governo federal e própria empresa que construiu o que eles podiam tá fazendo agora pra tar sanando, auxiliando, no seu ponto de vista? Se é que teve prejuízo e gente lesado, o que eles poderiam tá fazendo?

- **E.6** - No meu ponto de vista eles deveriam tá dando assistência porque na maioria das vezes a gente não sabe se uma conversa assim com uma pessoa se o que eu disse pra le valeu, né, e pode num ter sido válido e eles tá cala do sem poder dizer nada né, pra não atingir, então isso é que eles tinham que fazer, chegar aqui, vamos supor, como que você tá? O que você tá sentindo, você mudou do seu local, de onde você habitava? Você tá se sentindo melhor, tá bem, o que que você tá necessitando, tá precisando, isso é que eu achava que diviam ter um plano de assistência né, para todas as pessoa que foram impactadas né.

- Eu – Sim, tem alguma coisa assim que você queira falar, que eu não perguntei, o que você exerce atualmente? Na cidade?

- **E.6** - Não, eu queria dizer que eu agradeço muito essa entrevista, porque a gente aprende as coisas uns com os outros né, só em a gente coonversar com uma pessoa a gente aprende alguma coisa com ele, ele aprende com a gente também, e hoje a gente tá aqui, a gente tá trabalhando também de roça, e outra atividades particular né, e num tem pra onde pular, tem que ficar aí e guentar até o dia que, já teve a construção mesmo, num tem mais jeito, igual uma construção dessa aqui (Obs.: uma torre de telefonia ao lado de sua casa) ela não tem como mais sair daí né, ou de um jeito de outro ela tem que ficar aí né, então é igual a barragem, na minha opinião ela não tem como mais sair daí não né.

- Eu – Tá certo, seu “E.6” então muito obrigado eu lhe agradeço pelo tempo pra mim foi bom ter vindo aqui, e.

- **E.6** - De nada, eu é que agradeço a vocês.

- Eu – É como eu falei pra você, esse aqui é um trabalho meu da faculdade, vai ser publicado, o objetivo é tá explanando e registrando o que aconteceu com o município, como você sabe a construção da barragem ela trouxe um prejuízo pra gente, e também mostrar que não só a geração de energia e de dinheiro é que é o fundamental, que as pessoas tem valor, que as famílias tem valor então o meu foco é esse é tá registrando e escrevendo e de certa forma é um trabalho meu de faculdade, eu lhe agradeço pelo tempo.

- **E.6** - Eu te agradeço também.

**- Quinto Entrevistado: E.7. (Barraqueiro – Praia do Coco)**

- Eu – “E.7”, bom dia, eu queria saber se você pode participar de uma entrevista, onde farei uma rodada de perguntas a você, e você estará aberto a me descrever o que você vivenciou na época da construção da UHE Estreito, e foi um cara aí que lutou, aí você vai me citar o que você vivenciou, pois o foco do trabalho como o professor já falou é um resgate das memórias, daí você vai me citar tudo o que você vivenciou?

- **E.7** - É sobre o despejo?

- Eu – Sobre tudo, eu quero que você me descreva, você que vivenciou, onde eu tenho um questionário também, só lembrando que é um trabalho meu da faculdade. E ele vai servir também pro meu TCC e é um projeto também, tu pode ler aí. Aí eu também vou ter compromisso tanto com as imagens, quanto com a gravação, e isso aqui vai ser transcrito depois.

- **E.7** - Certo, certo.

- Eu – Pra início de conversa, nome completo? Pode falar.

- **E.7** – “E.7”.

- Eu – Você é natural de Babaçulândia?

- **E.7** - Não, sou natural de Goiânia Goiás. Mudei pra Araguaína aos sete anos de idade, e mudei em 97 pra Babaçulândia. Mais eu conheço Babaçulândia desde oitenta, onde aquela enchente de oitenta eu vi ela ao vivo. Eu travessei bem ali no cemitério, o Ônibus vinha até ali no cemitério e gente atravessava nuns paus né, aí a gente tem os amigos das antigas né, (Obs.: citou nome de alguns) onde a gente jogava peteca e brincava por aí.

- Eu – Em qual parte da cidade tu morava na época do impacto? Quando foi inundado?

- **E.7** - Eu já morava aqui na Rua VL, Setor Novo Milênio II.

- Eu – Tá certo, e em relação a população e parte econômica do rio, você dependia do rio ou de algum inundado pra retirar seu sustento? Você tinha alguma fonte de renda relacionada a beira do rio?

- **E.7** - Sim, eu era barraqueiro desde noventa e oito, onde criamos a associação dos barraqueiros né, e eu nunca deixei de trabalhar na praia e em alguns momentos como Coordenador de Turismo da Prefeitura eu tive que terceirizar minha barraca e ficar mais na organização da praia, mais a minha maior fonte de renda era na praia, pois só minha barraca se eu dividisse o lucro por doze meses, ele me rendia um salário e meio, isso eu ganhava só na temporada, fora o barco que eu tinha um barco também e ele me rendia um percentual bem gordo, rsrsrs. E aí perdemos as duas atividades?

- Eu – Você tem a média de quantas pessoas participavam também dessa renda, quantas pessoas dependiam também dessa renda e que hoje não tem mais?

- **E.7** - Lá nós éramos vinte sócios, então era vinte famílias ligadas diretamente as barracas, e mais umas quarenta que eram ligadas as embarcações que eram

os barqueiros, né, então aí era em torno de secenta famílias que foram impactadas e não conseguimos até hoje nada.

- Eu – Vocês não foram indenizados e nem deram outra fonte de renda né?

- **E.7** - Não, os barraqueiros não foram indenizados e os barqueiros eles deram uma, um valor como indenização, mais era o valor que um barqueiro tirava num ano, eles deram como indenização, então eu achei que foi muito pouco, né?

- Eu – Então você acha que devia ter um cálculo, eles deviam fazer uma estatística? Era mais ou menos há quantos anos existia a praia, a mais ou menos há quantos anos? O pessoal tirava uma fonte de renda, uma média aí?

- **E.7** - Olha, a associação organizada desde noventa e oito, só que ela já existia a mais de vinte anos atrás né, e tinha algumas pessoas que já vinham explorando né, aí a partir da associação ela modernizou, acabou o lixo, padronizou as barracas com madeira, pra diminuir os incêndios que acontecia, e a organização em si, posto de saúde, polícia militar, bombeiro, tudo isso foi depois da associação.

- Eu – E a indenização não foi satisfatória, né, como você falou?

- **E.7** - Não, os barraqueiros nem indenizado foram, nem indenizado foram, e existe uma ação desde 2009 e eu não sei porque até hoje nunca teve nenhuma audiência, nenhuma tentativa de negociação e nada, o Juíz sentou em cima lá e cabou. Mais existe o processo ainda, tá correndo, você lá mais tá parado.

- Eu – Em relação a praia você me citou que era vinte associado né? Lá vocês tinham uma relação de amizade e de família afetiva né?

- **E.7** - Com certeza!

- Eu – O que que você tem assim me retratar, quando o rio baixava, lá funcionava como uma tradição né?

- **E.7** - Não, lá todo ano tinha aquele ritual né, a gente esperava as águas baixar né, no final de maio início de junho, aí chamava o grupo, a maioria né, a gente convidava o máximo possível, nós se dirigia até as praias pra escolher qual a praia, aquela que inha melhor banho, aquela que oferece menos risco e o melhor pros turistas né, porque sempre tinha dois ou três local que poderia, aí depois que a gente escolhia, ía e marcava os lotes, o local onde a gente queria infincava os palzim e depois a gente fazia o sorteio e cada um recebia o seu lote, e cuidava em montar suas barracas né, onde as barracas já tinham o modelo, era um modelo padrão cinco por oito e as latadas ao redor e ali começava né, tinha gente que chegava até mais cedo e fazia uma barraca temporona né e começava e outros também ficam as vezes até mais tarde, ficava uma barraca, duas, eu mesmo já fiquei uma vez até setembro e como diminuia os turistas e diminuia as barracas mais com uma barraca dava pra manter, né, e tinha uma coisa muito boa que todo ano a gente fazia um churras de confraternização, a gente reunia todos os barraqueiros, comprava uma novilha, cada um dava dois três pacotes de cerveja, refrigerante aí gente fazia uma grande rodada assim de mesa e curtia a noite toda.

- Eu – Conversar, brincar, botar o papo em dia.



- **E.7** - Temo muitas fotos aí dessas festa né.

- Eu – A temporada de pria abria quando e encerra quando o tempo oficial?

- **E.7** - Olha ela iniava sempre na primeira semana de julho e sempre se encerrava também na última semana, tendo de vez de alcançar até a primeira semana de agosto. Era cinco finais de sema ou seis, mais tinham umas barracas temporonas né.

- Eu – Sabe-se que com essa essa construção a praia acabou,e qual teu sentimento em relaça a isso? E em relação ao pessoal, alguém vem ainda te visitar, ou você vai, ainda se juntam pro tradicionall churrasco ou ficou uma coisa assim cada um foi pro seu canto?

- **E.7** - É verdade, assim que a gente perdeu a praia né, agente fez um acordo assim que ninguém iria pra aquela praia artificial né, porque a gente já tinha uma vizão de que não ia ter muito futuro como não tendo, isso aí a gente acertou e aí fizemos algumas reunião pra resolver essas questões, fizemos uma viagem em Filadélfia todo mundo junto, mais depois ficamos aguardando a posição do juiz né marcar alguma audiência, e cada um ficou no seu canto, num teve mais reunião, faz tempo, tem uns dois anos que a gente num reune.

- Eu – Certo, e no seu caso você já citou o prejuízo financeiro, você perdeu terra?

- **E.7** - Não, terra não perdi só a minha atividade.

- Eu – Me fala mais sobre o impacto emocional? Tanto de você ou de alguém? Hoje o que você sente?

- **E.7** - Rapaz a gente sente que a gente uma coisa muito boa né, um turismo mesmo bem sustentável e durante muito anos né, essa praia aí aparece muitos anos e era não ela dada o devido valor, mesmo que por mas que a gente tentou melhorar as praia agente sente que nós perdemos uma riqueza muito grande e tem o sentimento de não ter valorizado mais aquela época de ter trabalhado mais em prolda praia né, e hoje a gente tá aí, e tamo aí usando aquela praia ali onde todo ano a gente tem que colocar areia ali, porque ela não segura areia ali, pois a areia ali é igual ao um corpo estranho né, cai um negocio no seu olho ali, o olho começa a lágrimar, o olho incha e tudo isso era pra empurrar o corpo estranho,enaquanto você num tira, é igual aquele terreno ali, ali era um terreno de pasto umas decidas, umas grotas e aí botar areia e a areia num segura ali, então todo ano a gente tem um gasto muito grande de mil, mil e pouco metros de areia pra repor aí quando for no inverno forma as enchorradas de água aí carrega a areia todinha, então é uma praia que tá ali e gente num sabe nemo que fazer né, então a gente precisava de uma praia o ano todo e ali num tá encaixando, porque a pria foi feita toda atravessada né, o palco num lugar errado né, rumo, as barracas longe da água, então aquilo ali, ali vai ser uma praia mais pra show né, mês de julho, alta temporada ela funciona, baixa temporada a gente que ter essas duas estações, a alta a baixa e uma que é quase fechada que esse momento tá praticamente fechado né, então é isso cara, e daí surgiu aquela prainha ali do Osmar, que a gente chama praia do Osmar por acaso né, eles fizeram um monte de areia pra poder guardar pra levar pra outra, aí quando eles tirou o lago j'tava enchendo e num deu pra tirar tudo ai ficou aquela camada aí opessoal começou a ir lá banhar e foi logo abriram uma passagenzinha e o pessoal começou a ir lá pra banhar, e logo abriram um bar aí orem cresceu, hoje

é a praia de Babaçulândia, aí você vai hoje na praia ela num tem praticamente ninguém eu tava lá agorinha, só tinha duas barracas abertas, duas mezas e ali você vai já tem uns dez guarda sol e nego já comendo peixe né, então onosso objetivo agora é investir nessa praia aqui, legalizar ela porque ela num existe porque lá no papel no mapa lá só é orla, nós vamos botar a praia, botar os equipamentos nescessários, porque a impressão que o povo tá levando da praia de Babaçulândia é essa aqui, tem gente que nem conhece aquela lá ainda, né.

- Eu – O que que tu pode me citar “E.7” até na condição de Secretário do Meio Ambiente e na condição também de militante em prol das causas ambientais e sociais, como você me descreve o impacto ambientalque teve?

- **E.7** - Rapaz hoje, já tamos aí vai interar cinco anos que o lago encheu né, e nós continuamos aí com alguns problemas crônicos né, que é aquela estação de tratamento que tem ali a céu aberto né, aquilo ali a gente num pode nem falar muito porque se imprensa vier em cima prejudica até o município né, mais a gente notificou eles e essa semana e eles ficaram de trazer um resultado daquilo ali, uma melhoria, temos o esgoto da praia que também nunca funcionou direito, porque na temporada forte da praia temos que botar o caminhão limpa foça três vezes por semana, então não é sustentável né, porque cada viagem que vem você pagar oitocentos reais né, então fica dois mil e quatrocentos, aí quem é que vai pagar? A Prefeitura vai ficar pagando isso por resto da vida, isso não existe né, então eles tem que providenciar isso, tem aqui o lençol freático como vocês podem ver aí ó, a chuva parou faz hora mais a água tá correndo, tem aqui os minador bem aqui no corredor da dona (vizinha) tem um, bem aqui no meu quintal tem, se vocês quiser eu mostro? Quer ver? Bora olhar, essa água aqui é um minador, aí eles tão levando esse problema na barriga, né, e aí nós tamos concentrando agora semana que vem uma reunião com os técnicos do CESTE pra dar soluções pra esses problemas, e aí nós tamo com um acompanhamento do Ministério Público Estadual, Naturatins, IBAMA e Ministério Público Federal que é pra num ficar uma coisa bem as clara. – Se aqui assim não tivesse esse minador (Obs.: Quintal de sua casa) era pra tá enchuto já, bem aqui assim tem outro minador, bem aqui tem outro, então é assim eu fico correndo aí, agora nós tamo no final de fevereiro, isso aqui até o final de março é assim né, aqui na dona (vizinha) virou uma grotinha, se você quiser aparar e assim e beber, pode, então olençol freático aqui ele tá derramando né, aí les tão fazendo o monitoramento aí mais não passa pra nós cara, aí você sabe, então nessa reunião que nós vamos ter agora eles vão ter que mostrar os resultados em primeira palta, porque eles cavam uns poços aíde monitoramento só que o resultado eles num mostra, mais aí na presença dos órgãos eles vão ter que mostrar pra ver, porque tem muita gente querendo investir e tá com medo.

- Eu – “E.7” agora queria que tu citasse aqui pra nós encerrar uma parte até que tu falou que passou o dia inteiro lá, tu num foi impactado, em relação assim, você acha que teve uma negociação vantajosa ou foi uma coisa assim meio que obrigatória, eles pediram a opinião da população se o que que eles achavam de construir a barragem ou eles chegaram e fizeram o que tinha pra fazer e o povo teve que o que sair, o que você me descreve assim o que você viu, e vivenciou como ouvinte?

- **E.7** - Rapaz, em relação a isso aí é o seguinte, houve as audiências públicas né, só que nas audiências públicas o pessoal do IBAMA e do Ministério Público

o pessoal parece que não houve a população né, porque noventa e nove da população diziam que não, que não, que não, e no final já estava aprovado.

- Roberto – Mais teve assim participação da sociedade?

- **E.7** - Teve, fica aberto mas é o seguinte, lá tinha aquela questão de escrever, é por inscrição, lá já teve um magote de “vagabundo” atrás, deputado, aí eles escrevem, aí os cara pega, nunca tinha vindo em Babaçulândia, tu lembra aquele brancão, ele num é mais deputado não, rapaz o homem se sacudia todim dizendo que tinha que ter a barragem, que a barragem ia trazer benefício, recurso e tal tal tal, entendeu? e trazia outras Ong’s, aí quando a gente ia falar, o povo da cidade já tava quase no fim da reunião, eles num tavam mas nem ouvindo mais.

- Eu – Cita aí o que que tu viu na época da desapropriação que te deixou intrigado, alguma injustiça?

- **E.7** - Rapaz, no dia desse despejo eu tava ainda aqui na minha casa ainda pela manhã, aí alguém veio aqui me chamar, olha Adelsimom, tão fazendo ali um despejo na marra, tu leva tua filmadora lá pra gente filmar, aí desci pra lá pra filmar, rapaz quando eu cheguei lá eu já o pessoal tirando a mudança lá da mulher, a mulher já chorando e um cara lá com um papel, parece que tava armado que era pra intimidar né, e tirando, e simplesmente a mulher pediu como você vai ver no filme que queria que o marido dela chegasse que ela tava cheia de menino né, e os caras num respeitaram né, então foi uma agonia, eu me senti agoniado mais num podia fazer nada né, ainda tive quase brigando com um elemento lá porque ele não queria que eu filmasse, aí eu falei eu filmo porque você não vai me tomar a máquina, você não é doido, aí filmei o evento todim, mais você viu a comndade se envolveu, lá tinha gente, mais o papel do Juíz foi quem mandou né, não teve jeito, no final conseguiram tirar a família de dentro e derrubar a casa aquilo ali foi uma angústia grande, a gente conhecia o rapaz, a mulher dele nasceu e se criou aqui, a vó dela morava lá, então o trem lá foi violento pra quem assistiu, teve uma hora que nós demos vontade de botar fogo no carro do lá, viu a polícia chegou lá também mais num pode se interver porque disse que tinha uma ordem do Juíz né, então foi loucura bicho, foi o dia todim, de oito horas da manhã até cinco horas da tarde aquela angústia, aquela mulher quase morre aquele dia coitada.

- Eu – “E.7”e pra encerrar a gente sabe que o lago já foi feito num pode mudar mais nada, o que você acha, o que poderiam tá fazendo o Governo Federal o próprio CESTE em si, pra tá ajudando a vida do pessoal, pra tá sanando você acha que tem alguma coisa eu pode ser feito, se é que eles tão dando assistência? Ou se não tem?

- **E.7** - Rapaz, tem, igual você a gente não pode mais chorar, mais temos que se adequar ao lago, e aproveitar o potencial do lago e mudar a cultura né, que hoje o nosso povo tá meio perdido, aquele pessoal que plantava vazante, os Barqueiros, pegaram um dinheirinho aí ficaram ali um ano dois anos comendo aquele dinheirinho e hoje tem nego aí que tá precisando trabalhar e já se esqueceu e num tem mais terra, tem nego passando mal aí, entendeu? Então, como é que é a pergunta principal aí?

- Eu – Na sua profissão o que eles pode tá fazendo pra melhorar?

- **E.7** - Há, então, aí tem o turismo, hoje nós temos um Hotel em Babaçulândia com mais ou menos trinta leitos, temos alguns restaurantes, mais se a gente tiver um aquecimento aí de criar uns hotéis umas pousadas restaurantes, tem que ser na área náutica do turismo mesmo que vai gerar mão de obra, gera um dinheirinho aqui dentro, agora nós temos com uma dificuldade muito grande de mais, as terras que ficaram na beira da orla aí ficou caras de mais, os caras querem cem mil oitenta mil nas terras, então eu conheço dois empresário aí que tem um projeto de um hotelzinho aí mais quando chega aí no lote se barra porque são caros de mais e não tem retorno, aí nós temos até vendo que ficou umas áreas aí que é do CESTE que era do proprietário aí o CESTE pagou tudo mais num cobriu toda, aí existe umas áreas na beira do lago aí que é do CESTE e nós vamos identificar elas agora e fazer um projeto entendeu pra resgatar esse terreno e doar pra alguém que tiver um projeto é uma contra partida da Prefeitura, o cara que quer investir um milhão num Hotel tá aqui o terreno, quer dizer o terreno é do CESTE mais eles podem passar pra gente, pra nós passar pra frente pra poder gerar, porque se o cara depender de comprar terreno aqui tá difícil porque tá caro, a gente precisa de empreendimento pra poder receber gente e Turismo é isso, tem que ter gente, porque vem um Ônibus de Goiânia, não vamos conhecer o lago de Estreito lá em Babaçulândia tem que ter um hotel pra chegar quarenta pessoas e se hospedar igual quando você vai pra outros lugares num tem hotel pra te receber, então pra você instalar uma banda aqui é a maior dificuldade tem que reservar antes se não chega no dia não tem, então é isso aí, é investimento na área de hotelaria, restaurante, pousada pro pessoal vim sábado e ficar até domingo, tem que melhorar os esportes náuticos aí, a gente montar uma escola de canoagem, já vimos alguém praticando “caisurff” barco a vela, tem que aproveitar e ter esse movimento criar uma lojinha de artigo esportivo e tem que se preparar né, já fizemos uma reunião com os empresários e tá tentando, então valeu companheiro.

- Eu – “E.7” eu te agradeço, eu te entrevistei na condição de morador e barraqueiro.

- **Sexto Entrevistado: E.8. (Barqueiro)**

- Eu – Como eu lhe disse de início, seu “E.8”, esse questionário aqui eu tô fazendo um resgate das memórias de Babaçulândia na qual eu tô pegando uma amostragem, é barqueiro, barraqueiro, e o senhor na condição de barqueiro, né?

- **E.8** - É.

- Eu – Para realizar essa entrevista que vai usado para fim didático, de início seu nome completo?

- **E.8** – “E.8”.

- Eu – O senhor é natural de Babaçulândia?

- **E.8** - Natural de Babaçulândia, quer dizer, só que eu nasci em Palmeirante

- Eu – Mora há quantos anos aqui?

- **E.8** - Não, a vida toda, porque eu nasci lá e tava com três meses aí vim pra cá pra Babaçulândia, e tô com cinquenta e oito anos.

- Eu – Em qual parte da cidade o senhor residia quando foi inidnado?

- **E.8** - Na Rua Castelo Branco, Beira Rio.
- Eu – Lá no lugar onde o senhor foi impactado o senhor lembra quanto tempo morou lá com sua família?
- **E.8** - Não lembro, mais foi a base de vinte anos.
- Eu – O senhor dependia do rio ou de algum terreno que foi inundado para tirar sua fonte de renda? Qual?
- **E.8** - Toda vida eu dependi do rio, eu era barqueiro, sou pescador, no período de praia eu trabalhava e quando terminava o período de praia de junho a agosto, nessa minha rotina eu trabalhei mais de vinte anos daqui pra Carolina mexendo com gente, isso foi uma coisa que na verdade eu me sinto um dos caras bem prejudicados nesse lago aí, eu tenho umas entrevistas aí, uma filmagem que tem essa passagem aí.
- Eu – O senhor usava seu barco pra meio de transporte?
- **E.8** - Meio de transporte, turismo, carga, passageiro.
- Eu – E hoje, ainda funciona?
- **E.8** - Não, acabou completamente, o que aconteceu, aconteceu o CESTE deu um barco pro turismo aí, só que esse barco pra turismo que a gente tá com ele o que tá produzindo num tá dando pras despesas dele, então é uma coisa que nós fomos muito bem prejudicados.
- Eu – Então você tinha seu barco pessoal, e hoje só tem um único barco pra associação só que a renda não dá nem pra manter o próprio barco?
- **E.8** - Não, não dá não.
- Eu – Sei, e você dependia do barco não?
- **E.8** - Há dependia, tudo meu, foi através do barco, meus filhos foram criados através dele, hoje tenho filho com trinta e poucos anos e tudo foi através dessa embarcação que eu vivia.
- Eu – O senhor foi indenizado? A indenização foi satisfatória? Deu pra suprir?
- **E.8** - Não, eu me considero como uma impunição que eles colocaram e ficou só por aquilo mesmo. Porque nós tinha uma coisa com um Advogado, como é que é? O Advogado pegou a causa né, era avaliado num valor sem danos morais, era avaliado num valor de cento e vinte mil, a indenização, aí na época que o CESTE chamou nós pra acertar, eles vieram com uma proposta que botaram e que pagou foi de vinte e um mil pra trás, teve deles que ganhou quatorze mil, e aí nós que, eu mesmo foi um que tinha uma barca grande ganhei vinte e um, num ganhei vinte e um porque quando tirou a parte do Advogado ficamos com dezesseis mil, só.
- Eu – Sei, e isso foi a indenização e depois seu barco parou de rodar?
- **E.8** - Isso aí eu considero como indenização não, porque na verdade os Advogados falou pra nós que mesmo que caísse em acordo, era pra cair a metade, no caso se fosse pra ser uma indenização, se falando de indenização tinha que ser uns sessenta mil, e isso não aconteceu, nós era organizado aqui, que

sempre nós organizamos as associação, o que que eles fizeram, eles fizeram pegaram, começaram lá do Estreito que não tinham organização nenhuma, os de lá já tavam doido era pra pegar porque não tinha força e poder porque a associação deles lá num era organizada, aí eles pegaram de lá, primeiramente eles pegaram de lá aí vieram pra cá, aí, aqui teve uns que ainda quis se impor, porque os Advogados expelcou olha vocês não são obrigados a pegar, pode resistir que vocês vão receber as indenização de vocês mais aí as forças maior, quando ficou só um pouco logo uma aconteceu o seguinte, o Presidente que é o Presidente atual ele saiu fazendo uma campanha que os sócios tinham que pegar onde lutemo tanto e de última hora ele desistiu, eu entendi que tivesse uma ajuda da parte do CESTE, pra desmotivar a gente.

- Eu – Então no caso em um momento teve um dos impactados, no caso o Presidente que saiu de lado e passou a ser do lado da empresa?

- Sebastião – Foi, do lado da empresa.

- Eu – Eu sei, um Presidente eleito pelos sócios, né? – E qual o sentimento você pode falar em relação a isso, um sentimento seu, familiar? O que mudou? Se melhorou, se piorou?

- **E.8** - Piorou, bastante, eu, simplesmente antes eu viva com minhas pernas, hoje até individado eu tô, por questão do CESTE, porque tudo aquilo o que você fazia dava certo, antes eu tinha uma banca aqui, eu tinha um comércio, a minha mulher trabalhava dentro do supermercado do Centro Comercial aqui, mexia com um restaurante aí isso foi vedando, as coisas a gente aplicava o dinheiro, e num tinha retorno, até que chegou de a gente ficar individado, eu hoje eu vivo individado.

- Eu – li, lá onde o senhor morava, você tinha apego com os vizinhos, ainda tem apego onde o senhor morava, ainda ver os vizinhos?

- **E.8** - Se espalhou tudo os vizinhos, se espalhou tudo, eu sempre toda vida eu tive contato com meus vizinhos, só que depois de lá ficou eu aqui e os outros espalhados lá pra aquela Vila Verde lá pra aculá pra cima.

- Eu – E mesmo assim você ainda apego com a cidade atualmente ou tinha apego a de antes?

- **E.8** - Apego assim, de morar, de gostar porque se eu tivesse sonhado diferente talvez eu tivesse igual a minha situação tá hoje, porque se eu tivesse sonhado igual aos outros e pegar aquilo e ter resilvido cair fora talvez eu tivesse enfrentando a vida com mais facilidade.

- Eu – O senhor acreditou em ficar na região e levar uma vida?

- **E.8** - Acreditei de ficar, meu movimento era só daqui ali pra casa aí o que aconteceu, minha mulher disse, apareceu essa casa aqui nesse lugar, aí nós vamos ficar aqui perto dos nossos movimentos mas só que isso aí não compensou.

- Eu – Você acha que a cidade desenvolveu? O pessoal tá satisfeito? Ou triste, teve desenvolvimento? Foi bom? Foi ruim?

- Sebastião – Rapaz, alguns, mais a maioria só deu pra trás.

- Eu – Em relação atividade de barco, ainda existe? Se tem alguém que tem essa renda de barco no município?

- **E.8** - Tem não, conheço não, não conheço nenhum, eu conheço esse barco que tem aqui que é da associação mais a renda dele num dá, todo investimento que eu pelo menos fiz, eu pensei assim, não vamos mexer pelo menos com o turismo, eu comprei uma voadeira, tenho um motor avoadeira mais vive aí parado só uso na pesca.

- Eu – O senhor lembra mais ou menos quantos barqueiros eram?

- **E.8** - Era quarenta e dois barqueiros.

- Eu – Quarenta e dois barcos? Canoinhas pequenas?

- **E.8** - Era, tinha deles que tinham até mais de um barco.

- Eu – E tão tudo parado hoje?

- **E.8** - Não, acabou, fez foi espalhar, venderam, acabou com tudo, desses barcos que nós tinha aqui talvez não tenha mais do que três barcos uns foi pro Araguaia, a que foi minha vive aqui, um pescador ela e tá com ela trabalhando aqui pesando peixe aqui, dando suporte pros pescadores.

- Eu – Então o que mudou em sua vida após essa construção, esse remanejamento?

- **E.8** - É só desvantagem, o que eu acho que foi só desvantagem, pra o pequeno não.

- Eu – E a gente tem assim um sentimento de tristeza em sí, né, pra família.

- **E.8** - Meus filhos espalharam tudo, hoje mesmo só tem uma que ainda tá por aqui mais assim mesmo é desempregada, os outros tudim tem que tá fora, mudaram pra Araguaína porque aqui num deu mais pra sobreviver, num acha um serviço pra trabalhar, num acha um emprego num acha nada.

- Eu – O senhor que vivenciou, eu já até perguntei mais focar mais, o CESTE teve uma proposta ou foi uma coisa forçada?

- **E.8** - Uma coisa forçada.

- Eu – Eles num vieram aqui na sua casa e perguntaram se concordam ou não? Já vieram com a proposta?

- Sebastião – Já foi com a proposta pra cada pessoa, pra cada barqueiro.

- Eu – Proposta deles?

- **E.8** - Deles, aí já vinham com os papeis pra você assinar, se você aceitasse bem, se não aceitasse eles já iam embora e diziam que depois se você num aceitasse eles iam acertar pra que.

- Marcos - E a proposta que eles fizeram o senhor acha que foi desrespeitado?

- **E.8** - Foi, foi desrespeitado, porque o que é vinte e um mil, pra quem vem tendo toda uma atividade, tirando o sustento d afamília aí de ntro do rio, como a gente vivia, com barca com tudo, mexendo com passageiro, com carga, com gente e

tudo porque aquilo ali foi uma coisa que foi tirado e cabousse, aquilo ali num volta mais.

- Roberto – Esses vinte e um mil você tá falando em danos financeiros porque você perdeu um meio de trabalho, mais e o dano emocional, como que fica?

- Eu – O senhor gostava da atividade de barco?

- **E.8** - Gostava.

- Eu – Até porque eu sei que você tinha um dia que fazia linha na segunda-feira, aquilo era uma tradição, você tinha o dia de ir.

- **E.8** - Era, eu fazia era dois dias na semana, ia domingo e voltava segunda, ia quinta e volta voltava sexta. Aí depois quando a coisa foi faltando mais eu fazia mesmo era só uma, ia no domingo e voltava na segunda.

- Eu – No caso o pessoal que vivia na beira do rio dependia do seu transporte e você dependia deles né?

- **E.8** - Exatamente. Eu dependia deles, em cargas, olha, eu, graças a Deus nessa época mesmo eu fazia mesmo compromisso, tinha, tinha não tem o Pinto do Supermercado Anápolis, se eu ligasse pra ele, Pinto, olha eu to precisando de cem caixa de Pinga, eu pedia com caixa de Pinga pra ele, quantos dias tu quer, eu quero quinze dia, com quinze dia eu tava com o dinheiro de acertar aquelas quinze caixa, nunca deu errado, tudo o que eu fazia dava certo, aí depois disso aí cabousse.

- Marcos – E assim, igual o senhor falou que o senhor passou quase vinte e cinco anos exercendo uma atividade aqui na região e que praticamente foi roubada de você, e que quando você lembra disso o que é que você sente?

- **E.8** - Mais rapaz, eu me prejuquei de mais, porque isso aí era coisa que a gente ivia mantendo as coisas da gente, eu nunca tinha chegado a atrasar um negócio meu, nunca tinha voltado um cheque meu e depois disso aí o negócio complicou, é duro, e principalmente as pessoas que tem esse costume de resolver as coisas dessa forma sente muito, vou te falar, acabar de uma hora outra assim.

- Esse pessoal que vivia na beira do rio, você onde eles estão? O que estão fazendo? Se melhoraram? Se foram indenizado?

- **E.8** - É, eles foram, todos eles foram indenizado, agora é que á tudo espalhado, olha gente em dois ou é três assentamentos aqui no Santo Estevo, tem outros de Araguaína pra frente na Fazenda Mirindiba, outros assentamentos pra lá, o pessoal da Ilha, eu acho que umas quarentas família se mudaram pra lá, tem pra cá em Filadélfia ficou um bocado, pra cá de Filadélfia tem outro assentamento, assim mais tudo espalhou, esplhou todo mundo.

- Eu – A gente sabe que a barragem tá feita, o lago encheu, o que que você acha no seu ponto de vista porque muitas coisas foram lesadas, o que eles podiam, eles tão dando assistência pro povo ou não, e se eles podem fazer ainda coisa, o que eles tinham, no seu ponto de vista? O que eles podiam tá fazendo pelo pessoal e pela cidade pra viesse a sanar e ajudar?

- **E.8** - O que eu acho é que se fosse causa de dar o suporte era muito bom, porque no caso aí eles fizeram, naquele tem po a gente lutou muito pra ver se eles



pagava a gente no dinheiro que a gente ia viver daquilo que a gente sabia, eles dise um nãm, nem isso aí, esse valor de vinte e um mil, isso aí é que depois nós corremos atrás porque mudou o Presidente, aí nós corremos atrás a respeito de barco, que nem esse barco num tava na previsão de sair, aí nós fizemos um dia lá, aí nós falemos com a representante do CESTE que era a “andra” aí ela disse olha o que vocês podem fazer um, faz um projeto e envia pra o CESTE, envia pra lá que eu vou enviar lá pro CESTE, aí foi o que nós fizemos, fizemos esse projeto, aí foi feito que nós ganhemos esse barco e esse galpão aí, aí o pedido foi enviado aí que ela falou que nós podia fazer um projeto de trezentos e cinquenta mil que ela ia lutar por esse aí, aí foi que nós conseguimos esse galpão e esse barco.

- Eu – Ele tá em atividade? Gerando renda ou não?

- **E.8** - Num gera renda de jeito nenhum, lá o galpão tá quieto, num tem assim um movimento com ele, e ele tá aí, aqui aculá você faz uma viagem, aí gasta água, gasta energia, e algumas despesas dele mesmo, tipo o petróleo, que o petróleo fizemos outra besteira que se tivessemos pedido outro tipo de motor, botemo um motor cinquenta de voadeira a gasolina, aí você fica de uma forma que até pra você fazer viagem assim com ele o pessoal estranha de mais assim por causa do valor, e ele num pode andar sem queimar gasolina, aí você pede um valor e pessoal cisma de dar o valor.

- Eu – Tem alguma coisa que você queira falar que eu num perguntei?

- **E.8** - Rapaz, a mente velha tá cansada, eu só ainda tô falando porque tu tá investigando, (risos rrsrs), o que eu tenho a dizer era que se tivesse uma forma pra que a gente pudesse expandir mais e ter um jeito pra viver mais fácil, aí nós fizemos, foi mudada a diretoria e eu hoje sou o Presidente da associação dos Barqueiros, aí nós tinha uma fala com a Prefeitura e nós até tinha uma planilha de contrato só que nunca foi vigorado, que era pra entrar em parceria com a Prefeitura, pra Prefeitura usar o galpão lá e cobrir com as despesas de água, energia e algum danos que ocorresse no prédio e usar o barco com passeio três vezes por semana, com aluno, com terceira idade, entendeu? E aí só que isso só ficou no papel e num vigorou nada, porque eu pensei que se isso tivesse funcionado assim com a parceira coma Prefeitura, nada nada podia sobrar uma gasolina que no dia que nós fizesse uma viagem com um turismo ia sobrar aquele dinheiro com o turismo daquela viagem, usando ao menos aquele petróleo das viagens da Prefeitura.

- Eu – Beleza seu “E.8”, eu lhe agradeço a oportunidade e dizer assim, que o objetivo central desse trabalho é uma forma de registrar, vi ser documentado, mais nada que vá prejudicar você, porque eu tenho compromisso com o que foi feito, e é uma forma também de tá tentando precionar as autoridades e documentar para que isso não venha a contecer mais, não é? Porque eu acredito que o que aconteceu com você sua esposa e seus filhos, você não quer que aconteça com seus netos?

- **E.8** - Não.

- Eu – A gente que vivenciou, a gente que perdeu a praia, a beira do rio e tudo, é uma forma de precionar mesmo e mostrar pra o governo que o que é de interesse não é só o dinheiro e a construção, que o ser humano em si tem um

valor né, que eu ach que o valor principal em cima da terra é o ser humano, então a minha ideia é essa, o foco é resgatar as memórias e registrar porque as crianças que nasceram agora não vão lembra um exemplo da praia, então é o que ficou registrado e algo que alguém disser e as fotos é que vão ficar. Eu lhe agradeço pelo tempo.

**- Sétima Entrevistada: E.9. (Ilha de São José)**

- Eu – Boa tarde “E.9”, como eu já me apresentei eu sou Getúlio da UFT, e de início eu queria que você assinasse aqui pra mim pra gente dar início a entrevista esse aqui é um trabalho meu da faculdade com um fim didático, onde eu irei lhe perguntar o que você achou de ser impactada, se gostou?

- **E.9** - ( risos rrsrs) Gostar, gostar num gostei não, porque um lugar igual a ilha lá num existe outro em lugar nenhum não.

- Eu – O seu depoimento vai ser muito bom pra nós. – Você pode me falar seu nome completo?

- **E.9** - É, “E.9”.

- Eu – Você é natural de onde?

- **E.9** - Da Ilha mesmo de São José, nasci e me criei lá.

- Eu – Morou quanto tempo lá?

- **E.9** - Rapaz, deixa eu ver, vou completar quarenta e dois anos, depois de amanhã cinco anos que nós mora aqui, então eu morei lá trinta, uns trinta e sete anos.

- Eu – Então assim, a parte que você morava que foi inundada era a ilha certo?

- **E.9** - Certo.

- Eu – Você tem ideia de quantas famílias moravam lá na ilha até o presente momento que foi impactado?

- **E.9** - Que foi inundado?

- Eu – Era.

- **E.9** - Família família mesmo eram oitenta e seis que eram lá dentro.

- Eu – E em média quantos habitantes no geral?

- **E.9** - Agora aí eu não sei, porque cada família tinha cinco seis pessoas na casa. Eu tenho os dados de quantas famílias porque lá tinha uma associação e eu era a segunda secretária aí eu tenho os dados de quantas famílias eram, mais pessoas nós nunca contemos não.

- Eu – Qual era assim a fonte de renda no geral da ilha a sua fonte de renda?

- **E.9** - Rapaz a fonte de renda lá dos moradores, não só minha mais de todos os moradores era o milho o arroz o feijão era o que.

- Eu – Lavoura né?

- **E.9** - Lavoura.

- Eu – Pesca?
- **E.9** - Pesca.
- Eu – Vocês dependiam do rio também?
- **E.9** - Dependia porque era aonde nós pegava água pra beber, lavar e cozinhar também, pescar era de onde nós tirava o sustento também né.
- Eu – Eu sei. Lá ainda existe alguma coisa da ilha ou ficou toda por baixo d'água?
- **E.9** - Não, lá tá toda, terra mesmo num tem não, lá tá toda de baixo d'água.
- Eu – Você gostava de morar lá? Qual seu sentimento em relação a perda? Gostava dos vizinhos?
- **E.9** - Gostava, lá todo mundo era conhecido, a maioria mesmo era parente, que moravam lá, era igual eu tava te falando antes, um lugar igual a ilha num existe mais aí no planeta mais não, que agora tá debaixo d'água, porque lá a ilha era um lugar além de ser bom pro plantio e criação das coisas, era um lugar assocegado, que lá podia dormir de porta aberta aí que anoitecia e amanhecia sem ninguém mexer com nada da gente.
- Eu – Você ainda tem contato ainda com o pessoal de lá ou perdeu o contato com alguém?
- **E.9** - Não, eu tenho o contato com quase todo mundo que era lá de dentro porque uma parte tá morando aqui no município e os parente meu saíram também e eu vejo de vez em quando.
- Eu – Essas família a grande maioria tão em assentamento é?
- **E.9** - As que saiu lá da ilha, é, acho que só tem três famílias de lá que não ficou em assentamento, é nós aqui, o “Zé XXX” e o “YYY” que não ficaram em assentamento, mais o resto ficou tudo em assentamento.
- Eu – Qual a fonte de renda atual deles? Você sabe?
- **E.9** - Do pessoal da Ilha que tão no assentamento?
- Eu – É.
- **E.9** - Rapaz, só tão mexendo mesmo com plantio de coisa, de arroz, feijão e criação de gado.
- Eu – Assim, a gente que como você me citou e a gente mesmo conhece, vocês usavam o rio como uma fonte de renda e até mesmo pra banhar, pra pegar água pra cozinhar e pra tudo, certo?
- **E.9** - Isso.
- Eu – E hoje a gente que tem uma defasagem na questão de água, e agora você sabe me explicar como é a questão da água nesse assentamento?
- **E.9** - A água dos assentamentos tá indo daqui de Babaçulândia porque os poços que eles fizeram lá pro pessoal a água num presta é salgada.
- Eu – Salgada, não dá pro consumo.

- **E.9** - Dá não, e aliás foi em geral em todos os assentamentos, porque eu não sei se é porque eles cavaram profundo de mais os poços ou não sei o que é que teve que a água num presta não.

- Eu – Ela é levada de quê? Pra lá a água?

- **E.9** - é nuns caminhão pipa.

- Eu – Tem o dia marcado? Ou é todo dia? Será se a água da suprir? Ou tem a falta de água?

- **E.9** - Não, num tem a falta d'água não porque é todo dia que eles clocam água lá.

- Eu – Há, tá, mais é no carro pipa né?

- **E.9** - É.

- Eu – Lá num tem nenhuma represa, rio perto nada né?

- **E.9** - Não, num tem não.

- Eu – Eu sei. E a terra lá, porque a gente sabe que a terra da Ilha era uma terra fértil pra vazante, e onde eles estão, a terra é boa será?

- **E.9** - Uns que pegou algum terreno tem deles que planta diz que é quase igual lá a ilha, mas tem outros que disse que num dá nada não, nem mandioca num presta.

-Eu – Então você que o pessoal teve prejuízo financeiro, patrimonio, prejuízo emocional também, assim qual o sentimento da pessoa em viver num lugar e ter mudado também, qual o seu também?

- **E.9** - Pra te falar a verdade teve muito, eu pra mim eu tô aqui, mas se chegasse a dizer assim, a barragem desativou a ilha tá de fora de novo a terra, e pode voltar de novo quem quer, pois eu era primeirinha, voltaria num piscar de olho.

- Eu – E você acha que esse sentimento, todos pensam assim?

- **E.9** - Não, nem todos, tem deles que disse que deram graças a Deus em terem saído de lá, dise que foi diz que uma bnção, mais pra mim.

- Eu – A maioria ou a minoria?

- **E.9** - É, a minoria, porque nem todos eles pensam igual eu penso, porque tem deles que é a mesma história, se chegar a secar lá volta disse que imediatamente pra lá.

- Eu – É, você acha que com essa mudança, teve alguém que sei lá, veio a falecer, num guentou a tristeza, adoeceu, deu depressão, você tem algum relato, conhece alguém, ou algum familiar?

- **E.9** - Morrer, num chegou morrer nenhum não, mais a minha irmã, a minha irmã mais velha que agora tá morando no assentamento mirindiba lá perto de araguaína ela entrou em estado de depressão, passou um bocado de tempo que a gente pensou que ela num ia mais voltar o que ela era antes, mais graças a Deus, com muito conselho, com muita dedicação de nós parente e irmão ela tá assim se recuperando.

- Eu – Tinha escola na Ilha?
- **E.9** - Tinha.
- Eu – O que era que tinha assim, escola? Posto de saúde?
- **E.9** - Lá? Posto de saúde não e é uma coisa que eu achava desnecessário um posto de saúde dentro da ilha.
- Eu – Você acha que num tinha necessidade não?
- **E.9** - Tinha não, porque aqui dentro de Babaçulândia que tem os hospital, qualquer coisinha que acontece tem que levar pra Araguaína, imagina um posto de saúde lá dentro da ilha, pra quê? Num teve e nem se fizesse eu pra mim num tinha utilidade nenhuma.
- Eu – Tinha igreja lá?
- **E.9** - Tinha igreja católica, tinha evangélica.
- Eu – Tinha uma coisa que eu achava interessante lá, não se i se você pode falar pra nós? Na Ilha de São José, porque São José é um padroeiro, tinha a procissão fluvil né, você chegou a participar? Sabe descrever como era?
- **E.9** - Não, eu num cheguei a participar não, mais ii, num também era, essa esse negócio fluvial que eles pegava pra trazer o santo até aqui em Babaçulândia passou a ter depois que o (não citar) foi Prefeito aqui que ele inventou essa tradição de.
- Roberto – Ele inventou essa tradição?
- **E.9** - Foi, é porque antes num tinha, antes festejava no festejo o santo tudo mais num tinha esse.
- Eu – Era um comboio de barcos, daí eles traziam a imagem do santo?
- **E.9** - É, trazia, colocava num barco e vnha um barco na frente com a imagem e os outros atrás acompanhando.
- Eu – Soltando foguete, rezando, cantando;
- **E.9** - Era, rezando, cantando.
- Eu – Você acha que você teve algum benefício próprio?
- **E.9** - Em sair da ilha?
- Eu – É, se mudou? Melhorou?
- **E.9** - Pra mim a única coisa que eu achei de vantagem foi ter tirado meus filhos de lá porque o ensino de lá era mais fraco, e aqui tá sendo melhor porque os dois filhos mais velhos que eu tenho já terminaram o ensino médio, e tem os outros dois aí que tão estudando mais melhorou cem por cento, porque lá era mais.
- Eu – Você vivenciou a destruição lá,sabe me dizer como é que foi? A questão da derrubada em si? Derrubar as casas?

- **E.9** - Não, eu num presenciei não porque nós saímos antes, é igual como eu te falei, teve só três famílias que num tá em assentamento e essas foi as primeiras que saiu foi nós, foi nós, o “Zé XXX” e o “XXX” que saímos primeirim, mais aí depois que nós saímos de lá eu num voltei lá mais não, teve a destruição lá das casas tudo, enfim por os últimos que foi pra sair de lá, até a polícia teve que ir pra tirar eles lá de dentro, porque num queria sair não.

- Eu – Forçado né? Você imaginou algum dia você tava lá na ilha você imaginou há alguns anos há sete dez anos atrás, você podia imaginar que algum dia pudesse acontecer uma obra dessa pra impactar e tirar vocês de lá, você poderia imaginar? Você tinha ideia de que ia impactar, o que ia acontecer?

- **E.9** - Tinha, porque eu tinha onze anos quando vieram fazendo os pique pra fazer essa ferrovia, aí fizeram a picada, tudo, aí acabou, quando eles viera resolver fazer ela de novo, onde eles fizeram as picadas que cortaram os pau já tavam tudo grande de novo, então eu tinha mais ou menos assim quando a primeira vez que eu tinha ouvida falar assim que iam construir uma barragem lá, eu pensei vai ser igual a.

- Roberto – Isso foi em que ano? A primeira vez que você ouviu falar?

- **E.9** - Da barragem? Eu não se foi em 96.

- Eu – Você imaginou que viesse? Ou imaginou, não, isso num é coisa pra agora?

- **E.9** - Não, eu imaginei que quando eles vieram lá a primeira vez que falaram, eu imaginei, vai ser iguala ferrovia, fala uma coisa hoje, a gente fica duvidando, mais amanhã.

- Roberto – Você ainda tinha a memória da ferrovia e fizeram igual?

- Neila – Era, e por fim saiu. Alguém dizia que num saia, mais olha aí, o resultado tá aí agora.

- **E.9** - Eu – Você sabe assim, qual foi o objetivo da barragem? Eles lhe falaram na época, ou só chegaram e disseram que ia ter a barragem, assim função dela?

- **E.9** - Não. Isso aí eu num.

-Eu – Se ela trouxe benefício pra cidade? Pra população, isso é que você ver, no seu ponto de vista?

- **E.9** - Rapaz, eu acho que num trouxe nada de benefício não, a num ser as coisas que foi tudo destruídas, acho que num tem benefício pra ninguém não.

- Eu – Você acha que poderia ter sido evitado ou não?

- **E.9** - Acho que não, porque as leis aqui do Brasil ninguém cumpre, porque tem um tal de IBAMA, CIPAMA que era pra proteger as coisas, é os primeirim que vem assinar pra destruir as coisas, sendo que nada seja preservado.

- Eu – É, quando eles foram fazer lá as negociações com vocês, porque o pessoal foram indenizado né, eles deram as propostas deles, ou chegaram aqui e conversaram, quanto é que sua terra vale? Ou foi uma coisa assim obrigado, você tinha que aceitar aquilo?

- **E.9** - Não, foi a proposta deles e tivemos assim que aceitar porque num teve negociação, nós botar um preço, e eles botar o deles, eles só botara o deles e pronto, acabou.

- Eu – Tem alguma coisa que você quer falar assim, em relação ao emocional, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

- **E.9** - A única coisa que eu queria falar é que aqui é igual eu acabei de falar que a única objetivo que eu achei de bom aqui é só meus filhos no colégio, mais outra coisa pra mim num tem nada de bom não.

- Eu – Tem uma frase que eu gostei que você falou no início, a ilha é o melhor lugar do mundo.

- **E.9** - Isso.

- Marcos – E a senhora acha assim que os seus direitos como pessoa eles foram respeitados, a senhora como cidadã?

- **E.9** - Não, isso aí foi uma coisa que eles passaram por cima que num teve respeito, eu avho que eles tratarm não só nós lá de dentro da ilha, mais quem foi atingido e foi preciso sair de sus lugar pra se deslocar pra outros, acho que isso aí eles num trata as pessoas como ser humano não.

- Eu – Num houve um diálogo bom né, eles chegaram e obrigaram.

- **E.9** - Não, eles chegou tem que ser assim e ponto final.

- Eu – Não respeitaram o lado humano.

- **E.9** - Não.

- Eu – Você acha que hoje eles ainda dão assistência o pessoal ou não?

- **E.9** - Não, a única assistência que eles tão dando é nos assentamentos que tão colocando a água pro pessoal poder sobreviver, mais não tão dando assistência de outro tipo de outra coisa não.

- Eu – Tá certo, tem mais alguma coisa que você quer falar?

- **E.9** - Não.

- Eu – Então, dona Nilza né?

- **E.9** – “E.9” menino, (risos rrsr)

- Eu – “E.9” eu agradeço assim o tempo, e peço até desculpa eu ter chegado assim nesse horário, igual eu te falei esse aqui é um trabaho meu de faculdade, igual eu te falei, vou tirar uma foto com a senhora pra ficar registrado, e o objetivo em si é tá precionando as autoridades a gente não vai expor a imagem de você né, eu vou escrever e registrar para que daqui uns dias, essas crianças, a ideia que eles vão ter de Babaçulândia é essa de hoje, muito pessoal vai saber que existiu a Ilha de São José, então nosso objetivo é tentar, até tá forçandoas autoridades que não é só dinheiro que vale e nem só energia, que eles tem que tá respeitando as pessoas e quando se pensar num empreendimento desses eles tem que ver será um impacto social e se relmente as pessosa estão de

acordo e não chegar e forçar a pessoa a sair do lugar. Eu lhe agradeço muito o tempo.

**- Oitava entrevistada: E.10. (Moradora da Palmatuba e Quebradeira de Coco)**

- Eu – Dona “E.10”, de início eu queria colher sua assinatura, você já falou que autoriza verbalmente, mais agora eu que a senora assine pra ficar mais formal. O foco desse projeto aqui hoje, é um trabalho, onde eu vou tirar foto, mais o mais é gravado, você autoriza não é dona “E.10”?

- **E.10** - Hunrum.

- Eu – Aí o foco da minha vinda aqui é um regate da memória de Babaçulândia, eu to procurando o pessoal que foram impactado com a barragem, onde isso aí vai servir pra um trabalho meu e um projeto de faculdade.

- **E.10** - Hô benção.

- Eu – Esse rapaz aqui é um colega meu (Marcos) da UFT, esse outro rapaz é professor meu, aí eu lembrei da senhora que viveu, tô pegando um pessoal de cada, uma pessao de cada lugar impactado, um Beira do Rio, Corrente, e outro da Palmatuba, você é bom que participou das quebradeiras né?

- **E.10** - Hunrum

- Eu – Pra iniciar seu nome completo?

- **E.10** – “E.10”.

- Eu – Você é natural de onde?

- **E.10** - Eu nasci no município de Tocantinópolis. Aí me criei no município de Tocantinópolis aí depois passei pra cá pra esse município de Babaçulândia.

- Eu – Na época em que foi uinundado em qual parte da cidade você residia?

- **E.10** - Palmatuba.

- Eu – Lá era um povoado?

- **E.10** - Era um povoadozim, quase sertão.

- Eu – Você pode descrever como é que era lá ele pra mim?

- **E.10** - Era assim, era assim um lugarzim que era mesmo que a gente tá na roça, sabe? Pouquinha casa, pouco morador, só tinha vinte oito morador parece que tinha lá, quando foi impactado parece que era vinte e oito morador que tinha lá na época.

- Eu – Na época, mais lá chegou a ter mais ou menos quantos morador assim?

- **E.10** - Não, eu num conheci a época que teve muita gente eu num conheci, sabe? Disse que teve muita gente lá, mais eu não cheguei a conhecer, quando eu cheguei pra lá já tinha pouca gente.

- Eu – Você chegou pra lá em que ano?



- **E.10** - Eu não lembri meu irmão, o ano que eu cheguei pra lá, eu morei lá dez anos, aí eu num lembro, tu sabe quando foi o ano que foi impactado da barragem?

- Eu – 2009 tava tudo pronto as obras, em 2010 encheu.

-- **E.10** - Pois aí eu tava com dez anos que morava lá.

- Eu – Qual era sua fonte de renda lá? Tinha alguma coisa lá na Palmatuba que era o seu sustento, a terra?

- **E.10** - Lá eu travalhava na Associação das Quebradeiras de Coco, lá eu quebrava coco, lá eu plantava canteiro, lá eu plantava uma rocinha que meu quintal lá era uma tarefa de terra e eu fazia tudo lá, mais o serviço maior mesmo era dentro da associação.

- Eu – Você pode me falar mais dessa associação? O que você tiver e quiser falar da associação? Quantas pessoas tava ligada?

- **E.10** - Lá era quatorze pessoas que era ligado lá na associação, sabe, aí então a gente trbalhou lá seis anos nessa associação aí quando eles vieram, o pessoal da barragem vieram eles fazendo o levantamento sabe, sobre a associação, então eles disseram que cada uma pessoa ia ser indenizada, sabe, aí foi o que num aconteceu né na época, (risos rsrsr).

- Eu – Eles não indenizaram vocês?

- **E.10** - Foi o que aconteceu, saímos de lá todo mundo com a mão na frente e outra atrás, hoje eu olho pra cara dos políticos bateno nas portas de cada um. Rapaz, é uma coisa que eu num gosto de contar, mais eu vou te conta, porque na época pra gente morar lá, cada um tinha que comprar sua terra aí então pra vender, na hora de você ser indenizado, essa terra é da prefeitura, isso aí você não vai receber indenização que é da prefeitura. Pense numa pessoa que é indignada, eu tinha mminha tarefa de terra lá escriturada, e perdi.

- Eu – E não foi indenizada?

- **E.10** - Não fui indenizada, na época, naquela época que o dinheiro tinha valor eu gastei trezentos e sete reais pra escriturar o pedaço de terra porque queriam me tomar, porque tinha alguém (um ex dono) que disse que era dono da terra, porém a mesma era de outro dono quando eu comprei mais não escreitei na época por falta de documentos das terras lá, aí quando saiu a história, eu fiquei pensando que que eu vou fazer? Aí conversei com uma mulher e ela me deu a dica, tu vai no cartório, porque alguém comprou de alguém, aí eu fui lá no cartório, sabendo o ano que eu tinha entrado e tudo e tudo, aí eu comprei essa terra com a edida já do lote, com arame farpado de arredor, aí procurei, procura a escritura quem foi que comprou a derradeira vez de fulano de tal, aí acharam o nome de seu Antonio, que tinha comprado de um outro alguém de Araguaína, aí eu fui lá onde seu Antonio e disse, seu Antonio eu to com uma polêmica aqui eu quero que o senhor resolva isso aqui pra mim aí ele disse e o que é? Ela aquela terra lá, com aquela casa que o senhor comprou de fulano de tali naquele tempo, o senhor lembra? ele disse lembro, aí disse o nome do homem e tudo tudo, e se eu escriturar essa terra o senhor assina como eu to comprando do senhor? Ele disse isso é na hora, eu passei pro cartório, passei dois dias lá no

cartório, quando foi com dois dias ele disse pode trazer a escritura, e eu fui mais a mulher do cartório, sabe, e eu fui lá e seu Antonio assinou e sua esposa assinou, olha se alguém disser assim foi eu que vendi, você di que é mentira que eu comprei foi de seu Antonio. Então, mais essa terra escriturada eu perdi, não foi indenizada até hoje, quando tavamfazendo o levantamento todo pé de planta tinha seu valor, recebemos quarenta mil e compramos essa casa aqui por trinta e sete mil, só no tijolo, o resto do dinheiro só deu pra botar ela desse jeito aqui, o resto do dinheiro, desse jeitim, e aí, o valor daquelas plantas, daquelas coisas que tinha, ninguém sabe aonde ficou.

- Eu – E o seu sentimento em relação assim, você tem alguma tristeza?

- **E.10** - Rapaz eu tenho é revolta, eu tenho é revolta.

- Eu – Lá você gostava das pessoas, dos seus vizinhos?

- **E.10** - Meu Deus eu gostava de mais, de mais da conta, olha eu tenho Félix da dona Mundica, ainda hoje eles visitam nós aqui. Eu chamo ele é irmão Félix.

- Eu – Você perdeu o contato com todos, ou só com alguns, ou ainda tem contato com algum?

- **E.10** - É, dentro da associação tinha uns que só se matar, que a gente só não matava porque a gente não aprendeu ainda matar gente ruim, (risos rrsrs) porque associação tu sabe como é né, porque tem uns bom pra ajudar, e tem outros que é ó pra atrapalhar, sabe? Rrsrs, é desse jeito.

- Eu – A associação acabou?

- **E.10** - Acabou, não existe mais.

- Eu – Vocês tinham máquinas lá? E o que foi feito dessas máquinas?

- **E.10** - Quando saímos de lá, essas máquinas nós pegamos de lá eu e minha filha e entregamos na prefeitura, as máquinas da associação porque eles diziam que cada um de nós não podia ficar com essas máquinas, só se, essas máquinas tinham vindo pra doar, se fosse pra outra associação, aí todo mundo tomou seu destino e não formou outra associação porque uns foram pra Araguaína, outros pra Cebola, outros pra outra região, as que mais trabalhavam nas máquinas, as que eram assim mais habilitadas pra fazer os trabalhos, uma foi pra Vitória Régia, e a outra pra Cebola.

- Eu – E essa prática de artesanato acabou? O pessoal ainda faz isso?

- **E.10** - Não, eu ainda faço algumas pecinhas, faço chaveiro, ainda faço ainda algumas coisinhas.

- Eu – As bolças?

- **E.10** - Não, as bolças não, não faço mais não. Agora se você a “YYY”, ela faz uns artesanatos que tu precisa de ver, ela ficou com a furadeira, que a furadeira foi nós que compramos, e uma lichadeira que foi comprado com nosso dinheiro, aí ela disse esse aqui foi comprado com nossos dinheiros e as outras mulher largaram de mão, ela disse pois esse aqui eu vou ficar com ele, aí as máquinas ficaram pra lá. Aí tempos depois depois fomos chamadas pelo pessoal da prefeitura pra uma reunião dizendo que ia ter um dinheiro pra nós, eu disse pode tirar meu

nome disso aí que não me interessa mais, eu não quero esse dinheiro, aí a “minha filha” foi pra essa reunião e chegando lá os que eles disseram não era nada que agradava nós mais, aí eles falou que o nome dessas pessoas o dinheiro era pra cair, mais eu disse, se esse dinheiro vier ele num vai cair nas nossas mãos não, aí eu pensei comigo, num bote meu nome não, ai nunca mais falaram nesse dinheiro.

- Eu – E, quando foi pra desapropriar vocês lá, acabar com a associação, teve algum diálogo? Eles pediram sua opinião? Teve diálogo? Eles pediram sua opinião? Ou foi uma coisa forçada?

- **E.10** - Tinha era que sair, quizesse ou não, quizesse ou não e aí adepois do dia que eles passaram, e vieram a ordem pra nós sair, que recebemos um cheque com um pouco desse dinheiro, era quinze dias pra desocupar, se não saísse com quinze dias iam derrubar a casa, ninguém tinha direito de tirar uma madeira da casa.

- Eu – Num teve nenhum planejamento, de eles dizer dona Maria, constroi sua casa, depois de construir sua casa nós muda a senhora?

- **E.10** - Fum, não senhor, eles saia era aqui com nós num carro pra qui pra culá cassando casa pra comprar, você agrada dessa aqui? Se agrada daquela ali? E era elesé quem comprava, num tinha negócio de dá o dinheiro pra eles comprar, nós nem pegava no dinheiro, era desse jeito, adepois que comprou a casa foi que nós pegou um cheque pra comprar o material e eles acompanhando pra saber o que nós ia fazer do dinheiro, desse jeitim.

- Eu – E atualmente você acha que sua vida melhorou? ou piorou? Em relação ao sentimental mesmo em si?

- **E.10** - É, no início minha vida piorou porque eu sai de lá, ná época eu não tinha aposento, ná época que eu cheguei aqui a única coisa que eu tinha era um bolsa família foi cortado, aí teve uns dias que eu fiquei assim rodada, sabe? Mais aí a gente tem muitas formas de viver, aí fiquei assim uns dias rodada vendo faltar o dinheiro, eu assim sem renda vendo as despesas da casa que lá a gente pagava a água e a energia era uma michariinha, que as águas era de poço, a gente botava era uma bomba no poço né, pagava uma michariinha, quando eu cheguei pra cá que eu via a lapada da água eu só com o aposento do homem, o homem era doente e o dinheiro só dava pros remédios dele, meu irmão eu num pegava num centavo, aí quando foi um certo dia, eu pedi a Deus que abrisse uma porta pra mim meu Deus do Céu, eu num guentava mais viver sem dinheiro mais não, porque a coisa que eu me sinto mal quando eu amanheço o dia que eu num vejo um centavo, aí eu vendi minha geladeira velha e comprei uma nova e danei fazendo didim, aí meu quintal é pequeno mais fiz uma hortazinha e plantei cheiro verde, e fazendo dindin todo dia, nunca mais faltou um centavo até o dia que eu aposentei, e a rotina é essa, fazendo dindin, plantando canteiro graças a Deus nunca mais faltou, hoje eu tenho uma vida mais melhor mais eu num esqueço do que eu perdi, me adeci com aquela situação, a revolta nunca acaba.

- Eu – Assim no seu ponto de vista você tem noção pra que que eles construírm essa barragem, eles lhe informaram na época?

- **E.10** - Muita gente já dizia pra nós que ra pra destruição, que era pra destruição e hoje nós tamos vendo, até a água nós tamo bebendo uma água pode poluída,

tu acredita nisso? Que nós tamo bebendo essa água pode e poluída que o tanto de fossas que tem dentro desse lago aí.

- Eu – Você sabe pra que serve a barragem? Tem ideia?

- **E.10** - Não, a ideia que eu tenho da barragem é só mesmo pra destruir, sabeacabar com tudo pra sujar tudo e adoecer as pessoas, pra isso sim, porque eu num vi benefício de nada.

- Eu – Você acha que teve um impacto ambiental grande? Em questão de floresta.

- **E.10** - Meu Deus, isso é conversa moço, de mais da conta, você até os bichos do mato andam solto por aí sem achar agasalho né, é cobra dentro de casa, é onça aparecendo porque num tem mais as florestas pra os bichos se esconder né.

- Eu – Você acha que você foi respeitada como ser humano? Como pessoa?

- **E.10** - Não fui respeitada, olha veio o sujeito aqui do CESTE e do SENEC, que eu vi nos cracházinho, aí eles vieram e chegaram falaram comigo e disseram nós quer falar com você aí eu disse o que é que vocês quer falar ainda comigo? É sobre a barragem, é sobre as indenização? Eu vnoho dizer pra vocês que vocês tem sempre fé de receber as indenizações de vocês né, da casas que foi inundada, aí eu digo sim, a gente espera, mais eu não tenho fé nisso mais não, aí eles disseram, pois o CESTE manda dizer pra vocês eu trago um recado, trago uma carta que o CESTE manda, que vocês não tem indenização, vocês vão ficar na beira do lago alí, se vocês quiser ganhar um pedaço de terra, e vocês ganham um pedaço de terra, é a indenização que o CESTE tá dando pra vocês, rapaz eu olhei assim aí eu olhei pra cara desse homem me deu vontade de acabar com esse homem, aí ele ficou zombando da minha cara e aí disse é nos vamos embora, e olhou pra mim e disse assim, que renda vocês tem aqui agora? Eu disse nenhuma, nenhuma, a renda que eu tinha era de viver na associação, era de viver quebrando coco era viver plantando meus canteiros, era isso a renda que eu tinha, hoje eu to aqui, falta o dinheiro de comprar as coisas de casa, falta o dinheiro de pagar a energia, que o salário é só do meu marido ele gasta com o remédio e não dá pra viver, na rua não dá pra viver com um salarim seco não dá, aí ele disse assim, é o que eu poodia fazer por você era arrumar um advogado pra você aposentar, aí eu disse tu arruma esse advogado hoje pra mim, hoje? É quando você completar cinquenta e cinco anos, eu disse olha, tu fica sabendo que quando eu completar cinquenta e cinco anos o direito é meu e não teu e nem de CESTE não. Rapaz a vida que eu levava lá eu gostava, valia a pena.

- Eu – Se pudesse voltar atrás faria tudo de novo?

- **E.10** - Mais moço. A gente lembra de tanta coisa moço, quando eu sai de lá eu num queria vim pra rua não moço, eu num me sintobem aqui na rua não, de jeito nenhum, e com tanta coisa que tá acontecendo aqui rua hoje, meu irmão você tá vendo o tanto de mendigo e ladrão que tá chegando na rua? As carradas meu irmão, a gente vive assombrado, aqui era um lugar bom e a gente vive assombrado. Aí eu disse pra ele olha eu num sou moleque pra ficar em beira de lago, eu queria era meu pedaço de terra que foi escriturado, comprei aquele pedaço de terra sóas custas de arroz que eu trabalhei na beira do corrente seis

anos que eu passei trabalhando e comprei lá só as custas de legume, naquela época foi seiscentos reais aquela casa com aquele pedaço de terra, mais isso era dinheiro moço, que nós nessa época nós colhemos foi cento e oito sacos de arroz e isso tudo foi acabado, olha pé de coco que tava carregando dentro do sítio, pé de acerola, pé de manga, tudo tudo que nós tinha lá e eles quando foram fazer o levantamento me disseram olha cada planta dessa tem seu valor.

- Eu – Dona “E.10” só pra encerrar aqui, a gente que a obra já foi concluída e num dá mais pra voltar atrás, é aquele ditado, que o que tá feito tá feito.

- **E.10** - Hunrum, disse que ninguém mais vai chorar o leite derramado aca tá e pra tirar outro não é? Rsr rsr

- Eu – li, você acha que eles tão dando suporte pra vocês da Palmatuba? Você que tem algo que els possam tá fazendo pra melhorar? Porque muita gente até perdeu a renda como você falou né? que passou altos e baixos, o que você tem a dizer assim pra gente fechar o ciclo de entrevistas?

- **E.10** - Não, eles num tão fazendo é nada, eles só tão fazendo é muita coisa ruim, alta de energia, inflação tá aí arrebetando num é, quando o salário sobe assim um tiquim a inflação sobe dois metros num é.

- Eu – Você sabe que essa barragem é pra geração de energia, mais detalhe, essa energia não vem pra Babaçulândia.

- **E.10** - Num vem, nós num usa ela.

- Eu – E taxa daqui é muito caro de energia e a gente mora na beira de um rio. Em relação a taxa de água a gente mora na beira de um rio e vem muito cara.

- **E.10** - É demais, é demais.

- Eu – Você queria falar algo ainda? Porque o foco desse nosso trabalho é precionar o governo para que isso não volte a acontecer.

- **E.10** - É nenhum de nós quer, eu num quero o mal pra tu e ninguém pode querer o mal pra outro.

- Eu – Bom, era só isso, eu quero te agradecer pelo tempo, fico muito grato, obrigado.

- **Nono Entrevistado: E.11. (Morador que vivenciou o drama, e sentiu o impacto como Marceneiro onde teve escasez de matéria prima)**

- Eu - Seu “E.11” eu queria gravar um depoimentozinho aqui seu, como morador, foi professor, na condição de escritor, pai de família e vivenciou, eu trouxe aqui um roteiro, e pra início, eu queria que o senhor autorizasse, eu trouxe aqui uma autorização pra o senhor assinar, onde eu vou fotografar e fazer uma entrevista também.

- **E.11** - Bom, vamos lá né.

- Eu – Bora iniciar né?

- **E.11** - Eu num digo que saiba muito sobre esse assunto mais o que eu poder ajudar.

- Eu – Vai ser de grande valia. – Você é natural de onde seu Jonas?
- **E.11** - Ribeiro Gonçalves Estado do Piauí.
- Eu – O senhor mora há quanto tempo em Babaçulândia?
- **E.11** - Cheguei aqui em 1960.
- Eu – O senhor morou toda vida aqui na região?
- **E.11** - Nunca sai daqui. Pra dizer que eu num tenha passado eu passei um ano em Tocantinópolis pra fazer o segundo grau. No centro de formação.
- Eu – Qual sua atividade que você exerceu durante esse período aqui?
- **E.11** - Rapaz quando eu cheguei aqui primeiro eu exerci a profissão de sapateiro, lavrador, depois eu passei a lecionar, passei trinta anos de serviço.
- Eu – O senhor mais do que ninguém sabe que houve a construção da hidrelétrica né? e que teve o impacto, no caso você já morava aqui quando teve o impacto, como você vê esse impacto causado, no caso o impacto social mesmo, como você ver?
- **E.11** - Aqui na Rua de Areia mesmo num teve assim tanto impacto, há não ser ali na parte que pertencia o pessoal dos curtumes, que perderam a área de chão onde trabalhava, agora mais prá baixo o impacto foi grande, está na vista de todo mundo, eu acredito que a indenização que o povo de Babaçulândia recebeu do CESTE não foi suficiente pra cobrir a metade do prejuízo que deu ao local, a terra mais fértil que tinha em Babaçulândia desapareceu, as reservas de matéria prima, pra cerâmica desapareceu, ficou tudo submergida, e assim nossas matas principalmente.
- Eu – Você acha que esse impacto afetou a geração de renda de algumas famílias, até a sua também?
- **E.11** - Eu acredito que sim, porque muita gente, conheço algumas pessoas que tinha suas fazendinhas na beira do rio, hoje tem uma casa simplesmente e nada mais, é o caso do Gerôncio, quando ele chegou na minha casa dizendo que tinha recebido trezentos mil reais de indenização do CESTE, hoje eu acredito que o Gerôncio não tenha nada a mais do que a casa, acabou tudo.
- Eu – Você como morador antigo aqui da região, pioneiro né? Você tinha noção que um tinha vinha a acontecer essa obra? Ou foi uma coisa assim meio que de repente que veio e mudou a rotina?
- **E.11** - Bom, eu nunca duvidei de certas coisas, porque a gente vive em um país em desenvolvimento né, então podia acontecer, eu não pensei, é que viesse a acontecer do jeito que aconteceu assim com o pessoal, você ver, você mesmo e seu pai são duas pessoas que escreveram sobre essa parte, eu escrevi um pouco.
- Eu – Você pode me falar um pouquinho, já me falou uma vez que tem a história de Babaçulândia, narrada versada, né? Você pode falar um pouco?
- **E.11** - A gente nunca conta tudo, conta uma parte, (risos rrsrr) porque o tudo ninguém conta, agora eu tenho muita coisa escrito, desde a criação, desde a

chegada da primeira pessoa, que veio morar em Babaçulândia, que foi dona Umbelina, daí pra cá eu tenho muita coisa escrito.

- Eu – Você tinha o convívio com o pessoal e região que foi impactado?

- **E.11** - Rapaz, a profissão que eu adotei de Professor fez eu entrar em contato com toda essa população, conheço todo mundo e todo mundo me conhece, quando eu terminei aquela atividade, quando eu encerrei a atividade de lecionar, montei uma oficina de marceneiro, era só eu praticamente que trabalhava nessa profissão, e mais conhecimento eu adquiri, porque além de eu conhecer aquele pessoal que era aluno, pai de aluno, avô de aluno e tudo mais, ainda tinha essas pessoas de lá que fazia parte desse ciclo de amigos, me vendiam madeira, eu comprar e buscar, tive conhecimento com esse pessoal tudim, tive não, tenho.

- Eu – E após esse impacto você acha que essa rotina mudou?

- **E.11** - Olha, pra quem gosta de brincar, aqui ficou melhor, a orla ficou boa, convida os turistas, tudo bem, eu concordo, veio alguma melhoria pra cidade, muitas casas boas nasceram, foram construídas, mudou um pouco, o CESTE trabalhou bastante pelo sertão, agente ver onde tinha uma ponte velha, colocou ponte de cimento, tudo bem, melhorou, mas eu acredito que todo esse benefício não foi suficiente pra cobrir o prejuízo.

- Eu – Como você ver assim o impacto social e moral em si? Em relação a população você acha que teve um desrespeito em si por parte da empresa ou do governo?

- **E.11** - Essa parte aí eu não posso dizer, não tenho bem certeza, (risos rsrs).

- Eu – Você acha que a cidade teve mais prejuízo ou benefício com a construção?

- **E.11** - Olha, prejuízo foi o tanto de coisa que ficou alagada, agora as construções que surgiram geralmente foram melhor do que aqueles que tinham, principalmente aquelas da beira do rio, as casas não eram tão boas, hoje eles construíram os pegaram aquela indenização, os que souberam segurar construíram casas melhores, compraram carro, fizeram essas cozinhas, agora, só que aquela festa foi pouco tempo, o que eles pegaram a mais da casa desapareceu, acabou aquela fatura de carro que eles andavam correndo por aí queimando gasolina acabou tudo, agora cada qual ficou na sua casinha melhor do que o que era, isso aí teve essa vantagem.

- Eu – Você tem noção do impacto ambiental em si que causou? Você viu algo assim que foi alarmante em relação as derrubadas? Matagal?

- **E.11** - Rapaz, só, eu já falei na primeira pergunta que você fez, só o prejuízo que essa obra deu, é na devastação das matas principalmente os babaçus, se você ver as madeiras de lei a maior parte ficava na beira do rio, desapareceu, naquele tempo na minha oficina eu não dava conta de comprar tanta madeira que me aparecia, que estava sendo tirada pra aproveitamento. Eu não dei conta de comprar, hoje a mesma oficina eu vendi e os meninos que comraram não tendo madeira pra trabalhar, é que a maior parte foi devastada, e outras madeiras que foram tiradas pelo CESTE e interrada, eles nem vendiam e nem davam, interravam, isso tudo foi prejuízo, a mata de babaçu a maior mata que tinha na

margem do rio desapareceu, meu irmão tem uma máquina de extração de óleo de babaçu, esta parada porque além de não achar alguém pra catar o coco que tem, a maior parte desapareceu, ele vai comprar coco no Pará se quiser fazer movimentar a fábrica.

- Eu – Você sabe assim a real finalidade da construção da barragem?

- **E.11** - Vejo só produção de energia elétrica, necessidade do aumento de produção de energia.

- Eu – Essa energia tá sendo usada aqui no município ou não?

- **E.11** - Não tenho certeza disso. Eu acredito que não, porque essa energia que a gente tinha aqui vinha da Boa Esperança.

- Eu – Seu “E.11”, assim, foi bom essa entrevistinha que eu fiz com o senhor, como eu falei, já entrevistei um barqueiro, um barraqueiro, um pessoal lá da Ilha de São José, eu sai pegando assim os pontos impactados, e eu pensei em você na condição de morador e pioneiro que não foi impactado e nem teve que sair da casa mas que vivenciou a realidade né, tudo isso de certa forma sofreu. Se você ainda tiver alguma coisa pra falar pra nós você pode tá falando?

- **E.11** - Getúlio, a parte mais crítica da construção da barragem está na Ilha de São José, o pessoal que tinha 74 família que vivia na Ilha de São José, cada uma tinha seu localzinho banhando em água franca, daí hoje aquele pessoal tá jogado em uma área de chão que eu quero que você veja, lugar pedregoso que não tem onde eles plantar um pé de maxixe e tão bebendo água de pipa quando o carro vai deixar, eles fizeram um poço artesiano pra aquele povo, uma água salgada que a caixa que eles sentaram lá em cima a água caia naquela armação de ferro e armação cortou não aguentou o sal eu acredito que nem pra gado ela presta, e esse pessoal tá bebendo água quando o pessoal vai deixar, você sabe disso então a situação é crítica pra aquele povo não tem indenização que cubra o prejuízo que eles tão tendo.

- Eu – O que que você acha que o CESTE e o próprio Governo Federal em si podia tá fazendo pra melhorar a vida do pessoal?

- **E.11** - Bom, eles tão fornecendo água porque isso é obrigado a fornecer e o mais eu não vejo de vantagem não, eu não vejo.

- Eu – Então tá ok, eu vou encerrar por aqui, foi bom, eu lhe agradeço pelo tempo e a sua disposição, esse aqui é um trabalho aqui é tema de um projeto meu e vai ser tema de TCC, porque a gente que faz o curso de Química, temos que estender uma parte pra sociedade e também olhar para os direitos humanos.



QUESTIONÁRIO PARA DIRECIONAR AS ENTREVISTAS COM AS PESSOAS QUE IRÃO PARTICIPAR DO DIÁLOGO SOBRE OS IMPACTOS DA UHE ESTREITO. (CTS – Arte sobre Usinas Hidrelétricas.)

A) Características gerais do entrevistado e sua relação com a cidade:  
(Apêndice)

1 – Você é natural de Babaçulândia? Sim ( ) Não ( )

2 – mora há quantos anos na cidade?

3 – Em qual parte da cidade você residia quando Babaçulândia foi inundada?

4 – Morava há quanto tempo no referido lugar?

---

B) Relação econômica da população com o rio:

5 – Você dependia do rio, terreno inundado ou das pessoas da região para tirar sua fonte de renda?

6 – Você imaginou algum dia que uma obra dessas pudesse vir e mudar seu estilo de vida?

C) Relação do entrevistado com o lugar:

7 – Você gostava do convívio com seus vizinhos? Após a mudança perdeu o contato com os mesmos?

8 – Ainda tem apego a cidade? Ou com a mudança perdeu esse elo de ligação com a mesma?

D) Benefícios e Prejuízos:

9 – Teve algum prejuízo financeiro, patrimonial, territorial ou emocional, com a construção da UHE Estreito?

10 – Teve algum benefício próprio? Você acha que que a cidade desenvolveu, teve ganhos ou percas com essa construção?

11 – Como você vê o impacto ambiental, social, cultural e emocionnal que essa construção trouxe a comunidade local?

12 – Em relação a desapropriação, houve um diálogo, negociação, proposta benéfica, ou foi algo que meio forçado?

13 – O que mudou em sua vida após essa mudança vinda com esse empreendimento? Se os impactos foram negativos, como você acha que o mesmo poderia ter sido evitado?

15 – Em seu ponto de vista qual foi o objetivo da construção da UHE Estreito?

16 – Sabemos que a obra já foi concluída e não podemos reverter os impactos causados, na sua opinião o que o Governo Federal e a Empresa responsável pela obra podem estar fazendo para melhorar a qualidade de vida da população e dar novas oportunidades para as mesmas em estarem se reestruturando?

## A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) de cédula de identidade nº \_\_\_\_\_,  
CPF Nº \_\_\_\_\_ **autorizo** a gravar em (digitar aqui  
se é imagem em vídeo ou fotografia) e veicular minha imagem e depoimentos  
em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação  
de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a  
cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de  
remuneração.

Babaçulândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Ass. \_\_\_\_\_